

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

“BIBLIOTECA UNIVERSAL GUEI”:
levantamento bibliográfico da seção de indicação de leitura LGBTQIA+ do jornal “Lampião
da Esquina”

BELO HORIZONTE
2021

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

“BIBLIOTECA UNIVERSAL GUEI”:

levantamento bibliográfico da seção de indicação de leitura LGBTQIA+ do jornal “Lampião da Esquina”

Monografia apresentada ao curso de Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Ana Paula Meneses Alves

BELO HORIZONTE
2021

A554b Andrade, Diogo Roberto da Silva.

"Biblioteca universal guei" [recurso eletrônico] : levantamento bibliográfico da seção de indicação de leitura LGBTQIA+ do jornal "Lampião da Esquina" / Diogo Roberto da Silva Andrade. - 2021.

1 recurso online (106 f. : il., color.) : pdf.

Orientadora: Ana Paula Meneses Alves

Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

Referências: f. 88-94.

Apêndices: f. 95-102.

Anexos: f. 103-106.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Pesquisa bibliográfica. 2. Classificações bibliográficas - Leitura. 3. Jornais - Seções, colunas, etc. - Minorias sexuais. 4. Literatura erótica. I. Título. II. Alves, Ana Paula Meneses. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

CDU: 025.4

Ficha catalográfica: Rosimeire Silva Campos de Lima CRB:6/3145

Biblioteca Profª Etelvina Lima, Escola de Ciência da Informação da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA / TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Aos oitavo dias do mês de setembro de 2021, às 10 h 00 min, o/a estudante Diogo Roberto da Silva Andrade, matrícula 2017102878, defendeu o Trabalho intitulado “Biblioteca universal guei”: Levantamento bibliográfico da seção de indicação de leitura LGBTQIA+ do jornal ‘Lampião da Esquina’ tendo obtido a média (10 - dez).

Participaram da banca examinadora os abaixo indicados, que, por nada mais terem a declarar; assinam eletronicamente a presente ata.

Nota: 10 (dez)

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Paula Meneses Alves - ECI/UFMG

Nota: (-)

Coorientador(a), se houver: nome completo do coorientador

Nota: 10 (dez)

Examinador(a): Profa. Dra. Terezinha de Fátima Carvalho de Souza
ECI/UFMG

Nota: 10 (dez)

Examinador(a): Prof. Dr. Carlos Wellington Soares Martins
UFMA

Nota: 10 (dez)

Examinador(a): nMa. Nathália Lima Romeiro
ECI/UFMG



Documento assinado eletronicamente por Ana Paula Meneses Alves, Professora do Magistério Superior, em 13/09/2021, às 13:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A todas que me acompanharam desde sempre.

AGRADECIMENTOS

Impulsionar o crescimento é tarefa árdua. É trabalho complexo e tende ser desgastante, porque a força de propulsão requer tirar os corpos do repouso. Quando se trata de seres humanos, vemos que estes preferem o repouso. Nós, esses humanos complexos, tendemos a repelir tudo que possa nos levar a questionar ou gerar incertezas. Preferimos evitar o desconforto do erro. Escolhemos não mostrar a vulnerabilidade de ser humano na exposição de nossos medos e fraquezas. Nos poupamos do não... este medo, em principal, ecoa antes mesmo de ser ouvido.

Avançar, progredir e prosperar são muito além de sinônimos, estas palavras são alavancas de propulsão para retirar os corpos e mentes do estado dormente. Aqui começo agradecendo a todos os familiares que, pelos seus motivos – pessoais ou não –, ganharam o mundo na busca de um viver melhor. Mesmo que algumas feridas tenham sido abertas, delas brotam lilases de esperança. Aqui, agradeço imensamente a minha mãe, Maria de Fátima da Silva, que me alfabetizou e ensinou que nós podemos tudo, se houver dedicação e... também, dominar a matemática! Agradeço aos meus irmãos – Dida, Dan e Dav –, aos meus sobrinhos – Vivian, Emanuel e Gabriel –, aos parentes e amigos queridos. Eternamente agradecido!

Pelos caminhos, jornadas e destinos sempre encontramos pessoas maravilhosas – estas são engrenagens habilitadas em potencializar. Marlene Oliveira, que disse o primeiro “está correto”; Cristina Ortega, que me disse “precisa melhorar”; e Rubens Silva, que me permitiu ir longe. Mônica Nassif, que me disse um sonoro “consegue sim”; Cláudio Paixão com seu *καλημέρα* (bom dia) repleto de mensagens ocultas de libertação; Marília Paiva, que me mostrou o que era excelência; e Carlos Alberto “Casal” Araújo, que dava exemplos bobinhos de um universo espetacular. Adriana Bogliolo, bem-agradecido ♥. Leonardo Renault, que descortinou a academia. Lorena Tavares, que me fez acreditar; e Dalgiza Oliveira a primeira que quis me publicar, inesquecível. Ivana Parrela, que me mostrou como ter amor e prazer por tudo que eu fizer. Terezinha de Fátima, que me deu sentidos holísticos. Helena Crivellari, que me permitiu ver além. Eduardo Valadares por todas as oportunidades. E ainda – quando transcendi –, Carlos Alberto Carvalho, Marco Prado, Caio Coelho e Pablo Navarro (FAFICH); Jane Barbosa (FACE); Terezinha Rocha (FAE). Agradeço a todos, especialmente à minha magnífica orientadora Ana Paula Meneses que, além do sim, disse “você pode muito mais”. É imensurável minha gratidão!

Agradeço imensamente aos queridos colegas e amigos acadêmicos pelas oportunidades de experimentação e de trocas, que nos atravessam: Larissa Pena, Marina Dias,

Isamara Sousa e Silva, Anésia Lara, Rodrigo Ferreira, Frederico Gonçalves, Filipe de Souza, Amanda Rabello, Daniel Bicalho, Helena Ariela, Thomaz Andrade, Jonas Aron... e outros tantos que fizeram dessa casa – ECI – uma morada de fraternidade e conhecimento. Gratidão infinita!

Minha gratidão perpétua à Elaine Diamantino e Maianna de Paula, da Biblioteca Professora Etelvina Lima, elas que me acompanharam, aconselharam e ajudaram nas mais diversas questões e necessidades. A toda equipe da biblioteca, muitíssimo grato!

Quando estava com coragem de decolar decidi aprimorar as técnicas em local de primor, na Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais. O encontro onírico com Eduardo Frieiro em sua sala de estar – a Mineiriana – me fez sentir abrigado. Ali, onde já estive Etelvina Lima, encontrei conhecimento de ponta para motores a jato na comoção de Eliani Gladyr, na competência de Meire Vieira, no afeto de Nathalia Leonie, no apoio, sem igual, de Alessandra Gino e Lucas Guimaraens. Nessa casa nunca me faltou coragem e amor pelo labor. Aos colegas, equipes e apoio. Obrigado, obrigado, obrigado!

Eu estava quase lá... Já havia instalados todos os mecanismos e tecnologias, pronto para decidir ter certezas e enfrentar a vastidão das galáxias, foi então que o universo se distanciou da terra nos pedindo para ter calma. 2020! Ainda em modo de espera, havia muita energia canalizada para simplesmente aceitar estacionar. Novas dinâmicas foram propostas. Assim, ansioso para encarar novas jornadas, subi no Carro Biblioteca – com dois pés direitos –, foi então, que o céu pareceu se abrir e reaproximar. No Conto e Reconto encaramos a simulação da realidade, reinventamos a proximidade, atravessamos experiências e erguemos pipas aos céus para experimentar tudo aquilo que nos foi privado. Eduardo Valadares, Rodrigo Teixeira, Ramira Querido, Patrícia Coelho, Priscila Perpétuo, Natalia Costa; com vocês nada pareceu muito distante. Gratidão paquidérmica!

Quando as coisas estavam se reconfigurando, encontrei novos mundos e os visitei de maneiras nada convencionais. Entre as estratégias virtuais da nova dinâmica dos astros, encontrei no núcleo do planeta NERSI novas inspirações e perspectivas. À nossa generosa guia Ana Paula Meneses, às colegas Débora Reis, Gisele Rodrigues, Eliane Sousa e à todas as cabeças pensantes, meu reconhecimento a vocês é colossal!

De tudo que ainda desejo carrego a lição de que, *“all you need is positivity”*...

“Um bom diálogo não é, simplesmente, suficiente para explicar todas as infinitas gradações de uma personagem. É comportamento – é o que está acontecendo detrás das linhas”.

Montgomery Clift

RESUMO

A literatura permite ao sujeito social ressignificar seu cotidiano, ensejando questionamentos. Assim, torna-se importante para esse sujeito leitor conhecer obras literárias que reflitam seu cotidiano, que o possibilite descortinar sua realidade, romper dogmas e transpor barreiras culturais-políticos-sociais. A partir de tal premissa, este estudo se propõe a listar as obras literárias que foram indicadas na seção intitulada *Biblioteca Universal Guei*, bibliografia comercial, presente nas edições do jornal *Lampião da Esquina*. A partir do universo de pesquisa e *corpus* selecionado, é proposto notar as obras de literatura homoerótica (gay e sáfica) que circulavam em território nacional entre os anos de 1978 e 1981 – período em que o jornal foi veiculado. Utiliza-se, para tanto, métodos de pesquisa de abordagem qualitativa e quantitativa, tendo como procedimentos técnicos bibliográficos e documentais. Neste sentido, apresenta-se um breve histórico do jornal *Lampião da Esquina*, ressaltando o contexto social e ideológico no período no qual foi veiculado. De mesmo modo, ressalta-se a importância da mediação literária e sua contribuição para a diminuição da invisibilidade e escassez de obras literárias com temas e personagens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, *queer*, intersexuais, assexuais e outros mais (LGBTQIA+). Objetiva reunir as obras indicadas pela seção *Biblioteca Universal Guei*, por meio da elaboração de uma bibliografia, destacando os autores quanto sua nacionalidade e gênero. E, por fim, busca-se com esta pesquisa contribuir para a visibilidade dos escritores e escritoras da comunidade LGBTQIA+, fomentando o reconhecimento de tais obras para a sociedade e incentivando pesquisas que envolvam o mercado de literatura homoerótica.

Palavras-chave: Bibliografia. Organização da informação. Mediação literária. Literatura homoerótica. Jornal *Lampião da Esquina*.

ABSTRACT

Literature allows human beings to reframe their daily lives, stimulating rise to questions. Thus, it becomes essential to the readers to know books that reflect his daily life, which allows him to unveil his reality, break dogmas and overcome cultural-political-social boundaries. Based on this initial premise, this study proposes to list the literary works that were indicated in the section entitled *Biblioteca Universal Guei*, catalogue present in the editions of the Brazilian alternative newspaper named *Lampião da Esquina*. From the selected corpus are listed the books of homoerotic (gay and sappho) literature that circulated in the national territory between the years 1978 and 1981 - the period when the newspaper is published. This research uses both quantitative and qualitative analytic treatment of data, and as technical procedures, bibliographic and documental methods were used. Therefore, a brief history of the newspaper *Lampião da Esquina* is presented, emphasizing the social and ideological context. Likewise, it pays attention to the importance of mediation and its contribution to reducing the invisibility and dearth of literary works with characters of lesbian, gay, bisexual, transgender, queer, intersex, asexual, and many others (LGBTQIA+). As an objective it aims to reunite the books indicated by the section *Biblioteca Universal Guei* through a bibliography, the authors are related about their nationality and gender. This work intended to contribute to the visibility of writers from the LGBTQIA + community, promoting the recognition of such works for society and encouraging research involving the homoerotic literature market.

Keywords: Bibliographies. Organization of information. Mediation. Homoerotic literature. *Lampião da Esquina* the newspaper

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Edição experimental do <i>Lampião da Esquina</i>	26
Figura 2 – Conselho editorial <i>Esquina-editora</i>	27
Figura 3 – Sexualidades e performances de gênero	32
Figura 4 – Seção <i>Biblioteca Universal Guei</i>	70
Figura 5 – Edição 5: Cassandra Rios	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipologias de bibliografias A	51
Quadro 2 – Tipologias de bibliografias B	52
Quadro 3 – Classificação de bibliografias	53
Quadro 4 – Concepções metodológicas	65
Quadro 5 – Edições extras do <i>Lampião da Esquina</i>	68
Quadro 6 – Edições do <i>Lampião da Esquina</i>	68
Quadro 7 – <i>Biblioteca Universal Guei</i> nas edições do <i>Lampião da Esquina</i>	72
Quadro 8 – Documentos bibliográficos (conteúdo).....	73
Quadro 9 – Publicação bibliografiante (continente)	74

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AEC	Antes da era comum
ALA	<i>American Library Association</i>
BDEG	Grupo de Trabalho de Bibliotecas pela Diversidade e Enfoque de Gênero
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BN	Biblioteca Nacional
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
DOPS	Departamento de Ordem Pública e Social
EC	Era comum
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições
IBDSEX	Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual
IFLA	Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias
IIB	<i>Institut International de Bibliographie</i>
INL	Instituto Nacional do Livro
ISO	<i>International Organization for Standardization</i>
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, <i>queer</i> , interssexuais, assexuais e outros mais
LGBT	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais
NBR	Norma brasileira
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
PNLE	Política Nacional de Leitura e Escrita
PNLL	Plano Nacional do Livro e Leitura
RBU	Repertório Bibliográfico Universal
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.2	Objetivos	18
1.2.1	<i>Objetivo geral</i>	18
1.2.2	<i>Objetivos específicos</i>	19
1.3	Justificativa	19
1.4	Estrutura da pesquisa	21
2	LAMPIÃO DA ESQUINA	23
2.1	Aspectos sobre os sujeitos LGBTQIA+	30
2.2	Literatura homoerótica	33
2.3	Censura nacional nos tempos da ditadura militar	36
2.4	Segregação literária: a margem social	39
2.5	A importância da mediação bibliográfica	42
3	BIBLIOGRAFIA	46
3.1	Tipologias de bibliografias	48
3.1.1	<i>Classificações de bibliografias</i>	50
3.2	Histórico da bibliografia	53
3.2.1	<i>A bibliografia no Brasil</i>	56
3.3	Arranjo e apresentação das entradas	58
3.3.1	<i>Os elementos do arranjo bibliográfico</i>	59
4	METODOLOGIA	63
4.1	Corpus da pesquisa	67
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	72
5.1	Relação da “Biblioteca Universal Guei”	82
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
	REFERÊNCIAS	88
	APÊNDICES	95
	ANEXOS	103

1 INTRODUÇÃO

Ler, um ato de poder. “Experimentem retirar [de nossos acervos] todos os livros escritos [...] por homens brancos, héteros, cisgêneros, europeus e estadunidenses. [...] a nossa orientação prática, a nossa orientação metodológica [...] é LGBTfóbica” (CONHEÇA..., 2020). Nesse exercício de desconstrução dos padrões hegemônicos e normativos de um acervo bibliográfico, pondera-se sobre a visibilidade das obras da literatura homoerótica, vinculadas à seção bibliográfica (*Biblioteca Universal Guei*) do jornal homossexual brasileiro *Lampião da Esquina*.

Entende-se que as leituras permitem o acesso à informação, levam ao alcance do conhecimento e a reflexão do *eu* social. As leituras – dos signos, dos símbolos, assim como do audiovisual, do imagético e dos campos sensíveis – permitem ao leitor transpor as barreiras sociais. A literatura (as artes como um todo) proporciona condições cognitivas, sensoriais e culturais para que o sujeito social se desenvolva criticamente (LUKÁCS, 2009 *apud* MENDONÇA, 2016). Há, desse modo, oportunidades de (res)significação dos sujeitos sociais e a promoção das identidades marginalizadas, por meio da literatura. A partir do reflexo literário o sujeito se edifica e busca exceder as “trivialidades cotidianas”, que transgridam situações limitantes e excludentes, libertando-se da “pobreza da realidade vulgar” (MENDONÇA, 2016, p. 210).

As bibliografias, na ausência onipresente de um bibliotecário, atuam, também, como mediadoras literárias. Otlet (2018) propõe que bibliografias fazem o intermédio entre livros e leitores e, além disso, são fontes de informação e bases documentais. Araújo (2014), em complemento, pontua que as bibliografias não se tomam pela reunião de exemplares das obras – físicos e/ou virtuais –, estas produções buscam inventariar as obras intelectuais humanas. A relação de obras em uma bibliografia trata de uma ação pós-custodial, que tende a facilitar ao leitor a busca por obras que tratem dos assuntos de sua necessidade e permitam o livre pensar.

Ao se tratar do acesso à literatura homoerótica – conceito que busca globalizar as literaturas que versam sobre os sujeitos que se identifiquem como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, *Queer*, Interssexuais, Assexuais e outros mais (LGBTQIA+)¹ –, estes

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) é a forma utilizada em documentos oficiais brasileiros, a partir do indicativo da 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, realizada em 2008 (PROMOTORES..., 2018, p. 37). Contudo, opta-se pela utilização, sempre que

acervos sofrem exclusão e censura ao longo dos anos (REIS, 2018). Nota-se que os próprios sujeitos sociais que se identificam como LGBTQIA+ são, geralmente, expurgados do convívio comum.

Pode-se observar que as culturas dominantes, que estruturam o sexo e o gênero, afastam os sujeitos das sexualidades dissidentes para além dos guetos. A heteronormatividade afasta os sujeitos que divergem dos princípios normativos para as margens do social. Assim, afastados do centro social, resta a estes indivíduos e coletivos uma vida secreta e restrita.

De mesmo modo, a literatura que busca refletir a cultura LGBTQIA+ e suas personagens sofre pela discriminação e sujeição em meio aos discursos de sexo, identidade de gênero e sexualidades. Logo, a literatura homoerótica vivencia seu apagamento – até mesmo sua criminalização – nos acervos das unidades de informação, um extermínio balizado pelo sistema cultural dominante. A guisa de curiosidade, Bomfim (2011) rememora que, no Brasil a descriminalização da homossexualidade data de 1830², pelo Código Penal do Império, daquele ano. Em melhores linhas, até 1830 as orientações sexuais, que não fossem a heterossexual, eram tidas como criminosas e sujeitas a pena de morte, suspêndida a pena exterminadora, passaram estes sujeitos a uma instancia patológica e, também, foram invisibilizados às políticas públicas e instâncias jurídicas (BOMFIM, 2011).

As divisões etnográficas (língua, raça, religião, hábitos) e sociais (classes sociais) impostas pelo sistema dominador são notadas cotidianamente pelas suas ações segregatícias e excludentes; apesar de existirem políticas e incentivos organizacionais e governamentais, como a Agenda 2030, que visa garantir “que todos os seres humanos possam realizar o seu potencial em dignidade e igualdade” (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2015, p. 02)³. E, para o desenvolvimento da informação, do conhecimento e da cultura, existem ações federais como o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), que busca assegurar a todos e todas o acesso à informação, conhecimento e cultura, de forma a democratizar o “acesso ao livro, o fomento e a valorização da leitura e o fortalecimento da cadeia produtiva do livro como fator relevante para o incremento da produção intelectual [...]” ([SNBP], 2018). As hegemonias mantêm ações de discriminação com as minorias, que são refletidas de maneira impetuosa nas coleções e acervos literários.

possível, da sigla mais abrangente (LGBTQIA+) nessa pesquisa, buscando abarcar de melhor forma a representatividade e o coletivo.

² Vide Lei de 16 de dezembro de 1830, que manda executar o Código Criminal (BRASIL, 1830).

³ Destaca-se neste contexto de análise os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 – Educação de Qualidade.

Ações (como as supracitadas) que podem assumir caráter excludente, por exemplo, quando não se fala da literatura homoerótica em circuitos do livro, e/ou quando não há escolha de títulos gays e sáficos (homoeróticos) para compor acervos e coleções. Segundo Pollak (1992), citado por Simões Júnior (2013), um dos elementos identitários do sujeito social é a memória, é esta capacidade humana que permite pessoas e grupos darem razão e lógica a sua existência e pertencimento. De tal forma, entende-se que a negligência e a exclusão da identidade dos sujeitos marginalizados pelas linhas de atuação em ações que pretende dar visibilidade às minorias colaboram para o apagamento social e coletivo de identidade, narrativas e trajetórias – neste caso os grupos LGBTQIA+.

Prosseguindo, o período na história nacional brasileira que data de 1964 a 1985 (Ditadura Militar no Brasil) foi marcado pela privação dos direitos constitucionais e da liberdade de expressão; contudo, a partir do ano de 1974, houve um período conhecido como “abertura política”, período este que concedeu oportunidade de “novos discursos, em especial de grupos considerados minoritários ou marginais” (SIMÕES JÚNIOR, 2013, p. 15). É durante essa ocasião de redemocratização que surge o jornal *Lampião da Esquina*, voltado para o público homossexual brasileiro. O jornal figurou dentre os diversos periódicos da imprensa alternativa voltados para o público homossexual nos anos entre 1960 e 1990.

O *Lampião da Esquina* se destacou por não se prender ao colonismo social: o jornal trouxe em suas pautas e discursos uma grande preocupação com os signos linguísticos que adotava, destaca-se que suas colunas culturais e de interação com o leitor possuíam textos mais densos que demandava de seu assinante uma “leitura atenta” de um “leitor intelectualizado”, de forma a tomar espaços políticos e sociais para os LGBTQIA+, mulheres, negros e indígenas (SIMÕES JÚNIOR, 2013).

Com isso posto, a partir das invisibilidades e exclusões das identidades LGBTQIA+ no meio social e político-cultural, pretende-se realizar um levantamento histórico-bibliográfico, tendo como o universo da pesquisa a seção *Biblioteca Universal Guei*. Uma das seções de indicações de leitura literária do jornal *Lampião da Esquina*, voltada, principalmente, para o público homossexual brasileiro. A seção bibliográfica rememora a importância da exposição, inclusão e veiculação da literatura homoerótica para uma sociedade que tende a subjugar e marginalizar sujeitos e corpos dissidentes.

Dessa forma, pressupõe-se que elencar as obras literárias indicadas pelo jornal, poderia proporcionar notoriedade a escritores(as) do gênero literário. E, por meio da recuperação da informação, o usuário possa vir ter conhecimento da representatividade LGBTQIA+, principalmente pela literatura nacional veiculada à época do *Lampião da*

Esquina. Pois, segundo Kothe (1985, p. 85), “na arte, tanto se pode procurar um espaço do sublime, para experimentar algo superior ao cotidiano, quanto se pode querer nela uma vazão de todo o sofrimento”. Neste sentido, as obras homoeróticas fomentam as identidades e rompem as estruturas que invisibilizam sujeitos (autores e leitores) e livros.

1.2 Objetivos

A proposta desta subseção é determinar os objetivos que, segundo Gil (2002), servem para além de operacionalizar a pesquisa: têm como finalidade o esclarecimento acerca do que se pretende com a pesquisa. Ruiz (1980, p. 38) diz que:

Não existem capítulos, seções ou livros só com idéias-mestra [*sic*]; estas seriam encontradas nos índices, nos prefácios e nos sumários. Nem é possível captar, hierarquizar, criticar, reter ou evocar idéias-mestras [*sic*] totalmente despojadas de pormenores importantes. A idéia [*sic*] principal aparece sempre numa constelação de idéias [*sic*] que gravitam à sua volta; um argumento que justifique, um exemplo que a elucide, uma analogia que a torne verossímil e um fato ao qual ela se aplique são elementos de sustentação da ideia principal.

Assim, como objetivo geral, entende-se, a partir de Gil (2002), que se proponha o ponto de partida e o direcionamento da pesquisa, mesmo que não permita que o pesquisador invista diretamente na averiguação do seu problema de pesquisa.

Das necessidades de redefinir, esclarecer e delimitar os pontos de partida, surgem os objetivos específicos. Que “tentam descrever, nos termos mais claros possíveis, exatamente o que será obtido num levantamento” (GIL, 2002, p. 112).

1.2.1 Objetivo geral

Ressaltando a premissa da importância do ato de ler (FREIRE, 1989) e as atribuições sociais atreladas a esta. Objetiva-se, deste modo, reunir em uma bibliografia as obras literárias sugeridas na seção *Biblioteca Universal Guei*, presente nas edições do jornal *Lampião da Esquina*.

1.2.2 Objetivos específicos

Busca-se como objetivos específicos:

- localizar nos exemplares do *Lampião da Esquina* onde e quando a seção bibliográfica foi publicada;
- inventariar as obras listadas pelo periódico na seção *Biblioteca Universal Guei*;
- examinar a tipologia da *Biblioteca Universal Guei*, a partir dos estudos de Paul Otlet (2018);
- identificar os(as) escritores(as) nacionais e estrangeiros relacionados pela seção;
- examinar entre os escritores relacionados quantos destes são identificados como mulheres ou homens, podendo estes(as) escritores(as) serem cisgênero ou transgênero.

Tais questões auxiliarão no desdobramento do objetivo geral dessa pesquisa, visando os resultados pelos quais se tem intenção de alcançar. Os objetivos específicos, também, se fazem coerentes com a justificativa, a qual será apresentada a seguir.

1.3 Justificativa

Providos da premissa de que a leitura do mundo é antecessora a leitura das palavras (FREIRE, 1989), entende-se que os signos que representam o cotidiano do homem-social são formados por leituras plurais de mundo a partir do seu *ethos*⁴. Com isso posto, é importante e significativo o levantamento bibliográfico – pela seção de indicação literária, a *Biblioteca Universal Guei* do jornal *Lampião da Esquina* –, uma vez que o universo da literatura LGBTQIA+ (homoerótica) possa, ainda, ser marginal socialmente, velado culturalmente e silenciado nos acervos das bibliotecas.

A literatura pode vir a permitir ao sujeito social ressignificar seu cotidiano, ensejando questionamentos. Desta forma, conhecer obras que reflitam suas identidades possibilita ao leitor descortinar sua realidade, romper dogmas e transpor barreiras culturais-políticos-sociais. Mendonça (2016, p. 210) aponta para o “caráter paradoxal da literatura”, que “embora não

⁴ Forma de comportamento social de um indivíduo ou grupo humano (roupas, comportamento, cultura), indicadora de que seu portador faz parte de determinada classe social ou grupo étnico (ETHOS, 1998).

tenha a pretensão de nos ensinar nada, nós, os leitores, não duvidamos de que aprendemos muito com ela”.

Tão importante quanto o acesso, mediação e promoção da literatura e da informação, as bibliografias visam buscar fornecimento de dados relativos à produção bibliográfica, que facilitem o trabalho científico, técnico ou cultural (DIAS; PIRES, 2005). Desse modo, se constata que “qualquer espécie de pesquisa, em qualquer área, supõe e exige pesquisar bibliográfica prévia, quer à maneira de atividade exploratória, quer para o estabelecimento do ‘*status quaestionis*’⁵, quer para justificar os objetivos e contribuições da própria pesquisa” (RUIZ, 1980, p. 57).

Deste modo, ao propor o resgate bibliográfico da seção *Biblioteca Universal Guei* e suas obras relacionadas, pode vir a contribuir cientificamente para a manutenção da literatura homoerótica. Construindo um banco de dados para que futuros pesquisadores das questões de gênero (principalmente o feminino) e sexualidade, assim como outros interesses, que possam vir a consultar este documento sobre temas relacionados às obras literárias homoeróticas e aos escritores que foram comercializados, e lidos, em território nacional nas décadas de 1970 e 1980.

As leituras dos fascículos do *Lampião da Esquina*, para a realização desse trabalho acadêmico, levaram a uma grande exploração do campo da literatura homoerótica, que podem proporcionar desdobramentos quando às questões das obras voltadas para o público LGBTQIA+ nas unidades de informação.

A abertura do Grupo de Trabalho de Bibliotecas pela Diversidade e Enfoque de Gênero (BDEG) da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB), no ano de 2020, impulsionou, de forma indireta, o levantamento bibliográfico aqui proposto. Por exemplo, o estudo proposto com essa pesquisa pode vir a contribuir de forma epistemológica e fenomenológica na quarta premissa o BDEG (2020, n.p.), que busca questionar: “como o acervo pode ajudar na desmistificação dos estereótipos de gênero?”.

Por fim, o presente trabalho fundamenta-se em Ruiz (1980, p. 59-60), que aponta que “o estudante universitário imbuído do espírito científico não cede à tentação, ao comodismo, à mediocridade de escolher assuntos pela sua aparente facilidade [...]”. Este trabalho, portanto, busca somar na busca de temas que contribuam para além da formação acadêmica. Como por

⁵ Estado da arte.

exemplo, temas que contribuía para a superação e amadurecimento do pesquisador e que, também, visam esclarecer problemas culturais (RUIZ, 1980).

1.4 Estrutura da pesquisa

Dado o preâmbulo deste trabalho, pretende-se, portanto, explorar a seção *Biblioteca Universal Guei*, do jornal *Lampião da Esquina* em vista do caráter mediador literário que a seção bibliográfica busca contemplar. Isso dentro de seu contexto social e ideológico, no período que o jornal foi veiculado e a partir das edições e história do jornal. Assim sendo, o presente trabalho será dividido e subdividido como consta a seguir.

A pesquisa é composta pela **Introdução**, em que se busca apresentar o princípio da pesquisa aqui proposta e as subseções que se caracterizam pela disposição de um trabalho acadêmico, neste caso a monografia. Em seguida, são relacionados os objetivos (geral e específicos), a justificativa e, por fim, esta subseção estruturadora.

Segue-se para a seção (segunda) **Lampião da Esquina**, que trata do referencial teórico sobre o periódico para o entendimento histórico do universo da pesquisa. Nesta seção as subseções pretendem contemplar um esboço sobre o jornal, versar a respeito das identidades de gênero e sexualidades, seguindo de breve histórico da literatura homoerótica em território nacional e, também, sobre a censura nos tempos de ditadura militar – época em que o *Lampião da Esquina* foi veiculado –, o afastamento da literatura homoerótica para as margens sociais e, finalmente, a importância da mediação de leitura neste contexto.

A terceira parte do trabalho (**Bibliografia**) consiste principalmente em relacionar de forma histórica e estruturada as questões que envolvem a bibliografia quanto produto e campo de estudos. Divide-se, na parte histórica, a bibliografia em território nacional e encerra-se com conceituações a respeito do arranjo das bibliografias.

Na seção quarta, tratou-se da **Metodologia** e do universo da pesquisa que se compõe de toda a coleção de jornais do *Lampião da Esquina*, que também se caracteriza como o *corpus* da análise.

A seção (quinta) trata dos **Resultados e discussões**. Nesta seção o trabalho inicia a resoluções de seus objetivos por meio das análises quanto às características e elementos, que são características das tipologias de bibliografias. A subseção fica a cargo da relação prévia dos livros presentes na seção *Biblioteca Universal Guei*.

Por fim, apresenta-se – na seção sexta – as **Considerações finais** na qual se tem pretensão ponderar sobre as análises e resultados obtidos pela pesquisa, assim como refletir sobre a possibilidade de estudos futuros. Este trabalho compromete-se, também, em realizar a listagem completa das obras difundidas pela *Biblioteca Universal Guei*, a reunião de referencias e resumos se encontra nos **Apêndices**.

2 LAMPIÃO DA ESQUINA

Os acontecimentos e manifestações sociais ocorridos na década de 1960 deram início a revoluções em diversas esferas (política, social, economia, cultural), no Brasil e em diversos outros países. Especificamente no Brasil, o cenário político era bipartido, dividido entre direita (igreja, militares e empresários) e a esquerda (trabalhadores urbanos e rurais, os soldados e estudantes)⁶. No cenário global, o período sessentista foi marcado pelas revoluções feministas e no campo das sexualidades, que iniciaram questionamento sobre estruturas normativas que vinham balizando a moral por séculos; em território brasileiro despontavam movimentos de contracultura, como, por exemplo, o tropicalismo, que contrapunha o golpe militar de 1964 (SIMÕES JÚNIOR, 2013). Foram alguns destes ciclos de transgressão que abriram caminhos para lutas de outras tantas minorias.

Faz-se necessário enfatizar que os movimentos sociais LGBTQIA+, que buscam igualdade e redução de preconceitos, têm recorrência histórica e global, de acordo com Reis (2007), citado por Molina (2011, p. 954):

[...] as primeiras tentativas de organização de um movimento homossexual contra as discriminações e reivindicações de direitos foram ocasionadas na Europa, entre 1850 e 1993, como reação às legislações que criminalizavam atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Outro momento foi na Alemanha de 1933, com o advento do regime nazista, no qual mais de 200 mil homossexuais foram mortos.

Segundo Molina (2011), alguns movimentos de contracultura – visionando democracia, cidadania plena e direitos civis – despontaram no Brasil entre o final da década de 1970 e início de 1980, ainda no contexto do regime militar. Nessa época, a abertura social e democrática propiciou diálogos e visibilidade para os movimentos gays, iniciando outro período relevante das discussões de gênero e sexualidades.

No ano de 1969, a gênese de novos movimentos LGBTQIA+ nas Américas se deu pela revolta do bar *Stonewall*, em Nova York, que originou as paradas de orgulho gay pelas lutas dos direitos civis (REIS, 2007 *apud* MOLINA, 2011). No Brasil, na cidade de São Paulo, em 1976, João Silvério Trevisan buscou reunir universitários para debater o movimento gay; no Rio de Janeiro – no mesmo ano – reuniram-se nos jardins do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro grupos de homossexuais para pensar na reestruturação das

⁶ *Esquerda/direita*: terminologia oriunda do parlamento francês do século XVIII, onde os representantes das classes populares, que reivindicavam diversas mudanças, ficavam sentados do lado esquerdo, enquanto à direita se assentavam os aristocratas contrários às grandes reformas. Terminologia corrente, didaticamente simplificadora, em parte problemática em termos de captação da dialética dos fatos (KOTHE, 1985).

lutas. Nessa manifestação a comitiva foi dispersa por “oito camburões e setenta homens do Departamento Geral de Investigação Especial” (SANTOS, 2017, p. 87).

Com o início dos estudos de gênero, a revolução sexual entre 1960-1970 teve importante papel para discutir as ações normativas e desatrelar a medicalização patológica dos corpos. Foucault (2003), citado por Simões Júnior (2013, p. 28), “percebe que o discurso sobre sexo atendia diretamente aos jogos de poder”, portanto os campos político e social eram postulados por missivas de orientação heterossexual-masculina-dominante. Na oportunidade de propor debates tensionando as estruturas hierárquicas de poder e, também, na luta por visibilidade dos grupos homossexuais, surge no Brasil – com edição experimental –, em abril de 1978, o *Lampião da Esquina*. Um periódico voltado, mais especificamente, para o público gay, que trazia como intenção a premissa basilar dos estudos de Foucault, o **saber para enfrentar o poder** (FOUCAULT, 2003 *apud* SIMÕES JÚNIOR, 2013).

Simões Júnior (2013, p. 32) aponta que, além das ações sociais, os campos de estudos de sexualidade deram premissa para a resistência das minorias. Foi então que, na década de 1970, o jornal “conclama seus leitores a uma leitura que poderia desestabilizar a ideologia dominante”. As primeiras palavras do *Lampião da Esquina*, organizadas pelo seu Conselho Editorial (1978, p. 2) dizem:

Brasil, março de 1978. Ventos favoráveis sopram no rumo de uma certa liberalização do quadro nacional: em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia, uma investigação das alternativas propostas faz até com que se fareje uma "abertura" do discurso brasileiro. Mas um jornal homossexual, para quê?

É a partir desse discurso, no seio da imprensa alternativa – paralelamente ao afrouxamento político ditatorial no Brasil no final da década de 1970 –, o *Lampião da Esquina* passa a dar realce aos assuntos não prioritários das lutas partidárias, entre direita e esquerda, tais quais as questões de gênero e sexualidade, o que não isenta o jornal de uma posição política partidária. Em resposta ao tradicionalismo e estruturas de poder, debate-se o não aloucamento e a não marginalização dos sujeitos que se entendem – à época – como gays, lésbicas e travestis. O *Lampião* fez ecoar vozes contra a segregação social em busca de direitos igualitários, porém, o jornal considerava necessário que as pessoas deixassem seus armários (assumissem suas identidades de gênero e sexualidades), para aumentar a visibilidade e dilatar os nichos sociais.

É importante destacar que “o movimento feminista e homossexual apesar de suas inúmeras particularidades se aproximam, pois como muitos estudiosos e o próprio movimento [LGBTQIA+] apontam, a homofobia, juntamente com o machismo, é fruto do patriarcado

[...]” (COELHO, 2014, p. 19). No *Lampião da Esquina* essa dinâmica não se fez diferente. No número experimental Aguinaldo Silva (1978) diz que não foi por falta de convites que não houve mulheres no editorial do jornal, em seu artigo o conselheiro manteve o convite em aberto para mulheres colunistas. O editor e membro do conselho diz que:

Uma das questões que este jornal pretende levantar é a do feminismo e, pelo menos quanto a este tema específico, as mulheres homossexuais não podem se furtar; no caso das mulheres, a discriminação é bem mais complexa, e independe de suas preferências [sic] sexuais (SILVA, 1978, p. 5).

Continuando sobre a não presença de mulheres na formação do conselho editorial, em resposta ao *Lampião da Esquina*, Mariza (1978, p. 02) diz que:

Este jornal se queixa, no seu número zero, de não haver encontrado mulheres dispostas a colaborar com ele em sua luta comum de pessoas que são aceitam ser definidas como desiguais em relações a outras pessoas. Mesmo reconhecendo que o fortalecimento de posições específicas é importante numa luta mais ampla – cujo resultado deveria poder ser o reconhecimento das diferenças, sem que isso implicasse em desigualdade – é importante não perder de vista esse objetivo comum e talvez seja saudável tentar verificar, de vez em quando, os avanços na abertura desta estrada que tem muitas trilhas. Uma estrada difícil de abrir esta, no emaranhado de noções cotidianamente, na maior parte do tempo nem sequer nomeadas, quanto mais bem definidas.

Observa-se que em relação às posições de poder e sobre o silenciamento de mulheres e homossexuais, a opinião do *Lampião da Esquia*, também, se estrutura a partir da premissa de que na “história tem sujeitos e objetos, aqueles que falam e aqueles de quem se fala” (MARIZA, 1978, p. 02). Assim, as minorias⁷ refletem, cada qual a sua maneira, sobre aspectos políticos, culturais e sociais que permeiam as relações poder, discutem sobre os sistemas de dominação que detêm o conhecimento para suas próprias práticas, balizando os sujeitados a partir de suas noções de moral. Mariza (1978) diz que, para romper com a hegemonia dominante a história precisa se discutida e explicitada, é preciso que haja registros históricos para que o conhecimento fomente o poder de outras existências.

É importante ressaltar que, nos diálogos e tensões promovidos pelo jornal, o *Lampião* não omitia de suas páginas machismo, homofobias, preconceitos, estereótipos, e diversas

⁷ Entende-se por minorias sociais todo sujeito ou coletivo designado como “Outro”, a partir de uma base dada como “normal”. Como exemplo, Goffman (1963), citado por Kimmel (1998, p. 106-107), propõe que: “há apenas um homem completo e sem rubores na América do Norte: um jovem, casado, branco, urbano, do norte, heterossexual, protestante, pai, com educação superior, bem empregado, bem apessoado, de bom peso e boa estatura, e com algum recorde esportivo recente... Qualquer homem que não se qualifica em alguma dessas categorias provavelmente irá ter uma imagem de si mesmo – pelo menos durante alguns momentos – como sem valor, incompleto e inferior”.

outras tentativas dominantes masculinas, ainda que em meio aos homossexuais. Seus idealizadores reprimiam uma sorte de manifestações que são frutos do machismo estrutural.

No campo de jornais alternativos brasileiros, o *Lampião da Esquina* foi antecedido por outros periódicos que versavam, também, sobre a cultura homossexual nacional. É notório saber que os jornais são importantes instrumentos para a história, e que “a imprensa [...] é um mecanismo crucial para efetivar a difusão de ideias políticas” (COELHO, 2014, p. 30). Portanto, “a opinião pública ‘é um recurso para legitimar posições políticas e um instrumento simbólico que visava (e visa) transformar algumas demandas setoriais numa vontade geral’” (MARTINS; LUCA, 2012 *apud* COELHO, 2014, p. 30).

Neste intento, em 1961, Agildo Guimarães criou o *Snob*, considerado o primeiro jornal para o público gay nacional, e se faz de extrema importância sinalizar que esse jornal circulou durante o período mais duro da ditadura militar, encerrando suas publicações em 1969 (SIMÕES JÚNIOR, 2013; COELHO, 2014). Outros tantos periódicos e colunas para o público LGBTQIA+ figuraram a imprensa alternativa nas décadas de 1960 e 1970. No ano de 1976, Celso Curi tratava de assuntos da cena gay na *Coluna do Meio*, do jornal *Última Hora*; pelo seu conteúdo, a coluna sofria com pressões sociais além da censura exercida pela ditadura e logo foi extinta (COELHO, 2014).

No encerramento da coluna, Celso Curi foi processado por atentado ao pudor, fato que estampou a edição inaugural (edição experimental, número zero, abril de 1978) do *Lampião da Esquina*, em vermelho e preto (Figura 1). A manchete central questiona qual, de fato, foi o crime de Curi.

Figura 1 – Edição experimental do *Lampião da Esquina*



Fonte: Lampião... (1978a, p. 01).

Em análise semiótica, o vermelho é tom que denota processos transgressores, então ao questionar ser crime por falar abertamente de homens gays o jornal protesta, em amplitude nacional, se toda a contracultura e dissidência de gênero seria criminosa. Pode-se inferir, também, sobre o desígnio do jornal em descriminalizar o sexo, o gênero e as sexualidades, principalmente dos homens gays. Celso Curi, ao falar do meio gay, deu sua contribuição social para a amplitude para pequenas vozes e reflexionou a cultura, assim como o sistema dominante. A primeira capa do *Lampião da Esquina* carrega toda essa simbologia de discursos e tensões.

Simões Júnior (2013), Coelho (2014) e Nascimento (2018) apontam que o *Lampião da Esquina* foi o primeiro jornal da imprensa alternativa, e da contracultura, a circular em nível nacional. De acordo com Simões Júnior (2013), o embrião do jornal surge com a anistia e o retorno dos estudiosos, artista, intelectuais e dos exilados políticos, estes estiveram próximos dos movimentos minoritários quando exilados no exterior.

Nesse movimento de retorno, João Antônio Mascarenhas realizou entrevista com Winston Leyland, editor do *Gay Sunshine*, e dessa tenta, com júbilo da entrevista e o momento político-social-cultural, o pintor Darcy Peteado fez a convocatória para uma reunião que marcou o surgimento do *Lampião da Esquina*, os 11 criadores, e futuros senhores do conselho (Figura 2) foram, inicialmente: Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Peteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry (SIMÕES JÚNIOR, 2013).

Figura 2 – Conselho editorial *Esquina-editora*



Fonte: Seção do *Lampião da Esquina* (SENHORES..., 1978, p. 02).

Segundo Santos (2017, p. 88) as questões levantadas em comitiva foram tais como: “qual seria a linha editorial adotada? Que tipos de livros seriam publicados pela editora criada para publicar o jornal? Que temas teriam vez no periódico?”. Para além do seu caráter de contracultura, o jornal não só versava sobre livros, como, também, os vendia. Assim, ampliava seu escopo político, social e cultural para o aspecto informacional, pela publicação do jornal em imprensa alternativa e pela mediação literária.

Por meio de reembolso postal, pelo serviço de caixa postal da Esquina Editora, foram anunciados dezenas de livros escritos por autores parceiros e pelos próprios membros do conselho editorial. As obras figuravam em anúncios publicitários, colunas literárias, entrevistas e principalmente na seção *Biblioteca Universal Guei*⁸.

Quanto ao título e ícone do jornal, ambos fazem alusão ao rei do cangaço, Virgulino Ferreira da Silva, conhecido Lampião. Em entrevista à *Isto É* (1977), citada por Simões Júnior (2013), Agnaldo Silva diz que o título do jornal subverte o machismo, de mesma forma simboliza a luz que acende um caminho e, por fim, questiona um possível “armário” do qual o cangueiro nunca abriu as portas. Trevisan (1999), citado por Simões Júnior (2013, p. 46), diz que a ideia era a ‘criação de um jornal feito por e com o ponto de vista de homossexuais, que discutisse os mais diversos temas e fosse vendido mensalmente nas bancas de todo o país’. Santos (2017, p. 91) aponta que:

Após a repercussão causada pela publicação da edição n.º 0, descobriu-se que o nome Lampião já havia sido registrado e sendo utilizado por outra publicação. Por esta razão, a edição seguinte, o número um, trouxe consigo uma novidade: o jornal passava a se chamar Lampião da Esquina, incorporando ao nome o icônico termo “esquina”, nome da editora formada para publicar o novo jornal e que recebeu esse nome por representar um lugar tão caro aos homossexuais da época, por vezes ponto de encontro, de cruzamento, que simbolizava a fronteira e o ponto de rompimento entre as tradições e costumes vigentes e o furor da cultura homossexual que brotava dos becos e vielas marginalizados e sombrios.

Sobre a edição zero do *Lampião da esquina*, esta foi enviada para um selecionado número de homossexuais, e amigos de amigos, em torno de cinco mil pessoas. Santos (2017, p. 89) analisa sobre esse ato de nascer do jornal ao dizer que:

Somente as pessoas que estavam numa lista de contatos organizada pelo corpo editorial recebeu a publicação. Muitos se espantaram ao ver o correio entregar aquele discreto envelope pardo que escondiam um jornal tão peculiar, que de certa forma denunciava a condição homossexual de seu portador, causando pânico em alguns por terem sido “descobertos”.

⁸ “Numa referência ao movimento antropofágico, os homossexuais brasileiros decidiram deglutir a cultura homossexual que vinha dos outros países e regurgitar a sua própria cultura.” (SANTOS, 2017, p. 52).

Entre os anos de 1978 e 1981, o *Lampião* publicou 41 edições, que tiveram em média uma tiragem de 10 a 20 mil exemplares por número, o jornal foi vendido em bancas de jornal e por assinatura, para todo o Brasil e, também, exterior. O *Lampião da Esquina* saía por gráfica própria, Esquina Editora⁹, que publicava, editorava, vendia e distribuía livros, revistas e jornais (COELHO, 2013). A Esquina Editora, que se localizava no Rio de Janeiro, tem registro de fundação em maio de 1978, sendo lançada pelos membros do conselho. Durante a existência do jornal, a editora teve entre suas funções lançar obras da literatura homoerótica pelo selo *Esquina Editora*.

O *Lampião* apagou sua chama em junho de 1981 com sua edição de número 37, terceiro e último ano do jornal. Facchini e Simões (2009), citados por Coelho (2014, p. 82) dizem que “o encerramento das atividades do *Lampião* antecipou um final de um ciclo que, como a redemocratização, liquidou com a imprensa alternativa e permitiu que seus temas fossem reabsorvidos pela grande imprensa”. Simões Júnior (2013) e Coelho (2014) recordam que houve questões financeiras que marcaram o *Lampião*, pois as vendas oscilavam e o jornal tinha poucos anunciantes.

Contudo, o legado deixado pelo jornal é símbolo de certa emancipação dos sujeitos LGBTQIA+ no Brasil, pois a reprodução dos discursos de poder, amparada pela medicina, burguesia, igreja e militares, ainda invisibilizam e sujeitam os indivíduos e coletivos considerados minoritários. Assim, em contrapartida, “as múltiplas vozes que ecoam em *Lampião* constroem, a cada edição, a possibilidade de novo lugares de enunciação para o homossexual, além de novos sentidos em seus discursos” (SIMÕES JÚNIOR, 2013, p. 73).

A partir desse momento na história, o *Lampião* se converte em “um construtivo de memórias”, pois é um elemento do social, um veículo político e, se torna interesse de pesquisadores e acadêmicos, o jornal se transforma em um objeto de interesse geral, não apenas entre os homossexuais da década de 1970 (SIMÕES JÚNIOR, 2013, p. 35). Ao longo de suas publicações o *Lampião da Esquina* possuía, sobretudo, caráter informativo, buscando abordar sob diversos prismas temas sobre os sujeitos marginais, execrados pela sociedade.

⁹ NOTA: Pelo *corpus* da pesquisa era de interesse historicizar a editora Esquina. Para tal, foi realizada consulta (Apêndice A) à Biblioteca Nacional (BN) a fim de obter informações sobre a editora, uma vez que a literatura pesquisada não inteira de forma satisfatória. Foi solicitado levantamento de dados junto à BN e seu resultado foi sem sucesso, esperava que pelos registros do Depósito Legal houvesse dados para à pesquisa.

2.1 Aspectos sobre os sujeitos LGBTQIA+

Sabe-se que o tecido cultural é permeado por costumes adquiridos culturalmente e, por consequência, seus indivíduos têm se organizado a partir de discursos construídos a toque das hegemonias dominantes (MOLINA, 2011). Para tratar dos assuntos relacionados à literatura gay e sáfica – literatura homoerótica –, entre outras, é necessário entender primeiramente os sujeitos, identidades de gênero e sexualidades.

Neste sentido Mauss (2003, p. 404) propõe que “esses ‘hábitos’ variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios”. Sendo assim, as performances de gênero que constituem o imaginário popular são frutos da cultura, política e história, logo, precisam ser exemplificadas no sentido de promoverem diálogos transicionais.

O escritor Gore Vidal (1969, p. 145 – tradução nossa) – poucos meses após a Revolta de *Stonewall* (rebelião dos homossexuais contra a opressão e violência policial, em 1969, no *Greenwich Village* distrito de Nova York) –, diz que:

Para começar, todos somos bissexuais. Trata-se de um fato da nossa natureza. Todos somos sensíveis a estímulos sexuais do nosso próprio sexo bem como do sexo oposto. Certas sociedades, em certas ocasiões, sobretudo pelo interesse em manter o abastecimento de bebês, têm desencorajado a homossexualidade. Outras sociedades, especialmente as militaristas, têm exaltado a homossexualidade. Mas, independentemente de tabus tribais, a homossexualidade é uma constante da condição humana e não é doença, nem pecado, nem crime... apesar dos melhores esforços das nossas tribos de puritanos para que o seja. A homossexualidade é tão natural como a heterossexualidade. Reparem que utilizo ‘natural’ e não normal¹⁰.

Os conceitos binários alocados no trecho de Vidal (1969) são frutos de questionamentos promovidos pela segunda onda do feminismo, em 1960, em que se propunha a discutir questões sobre sexo/gênero e biologia/cultura.

Para melhor entendimento, dá-se por **sexo** as distinções biológicas, tais como fatores cromossômicos, gonadais e genitais (PROMOTORES..., 2018); para as inscrições de **gênero** dá-se como performances estruturadas por convenções sociais, culturais simbólicas e psíquicas (LOURO, 2019).

¹⁰ *We are all bisexual to begin with. That is a fact of our condition. And we are all responsive to sexual stimuli from our own as well as from the opposite sex. Certain societies at certain times, usually in the interest of maintaining the baby supply, have discouraged homosexuality. Other societies, particularly militaristic ones, have exalted it. But regardless of tribal taboos, homosexuality is a constant fact of the human condition, and it is not a sickness, not a sin, not a crime ... despite the best efforts of our puritan tribe to make it all three. Homosexuality is as natural as heterosexuality. Notice I use the word “natural,” not normal* (VIDAL, 1969, p. 145).

A partir de bases históricas é possível notar que a sociedade permeada pela classe burguesa, calçada pelo Estado, pela medicina e, também, pelas religiões marginaliza corpos que não produzem e não se reproduzem – capital e biologicamente (FOUCAULT, 1976 *apud* BEZERRA, 2006). Todas essas instituições mantêm as hegemonias e hierarquias dominantes de forma a sujeitar os indivíduos e as identidades.

Um novo movimento pode ser notado a partir do século XX, porém, as identidades de gênero binárias (masculino e feminino) são postas como balizas sociais e culturais. Ou seja, o Sistema Estatal ainda busca constituir um método político/social/cultural para que as estruturas heteronormativas possam excluir e cercear os sujeitos, fazendo um esvaziamento das possibilidades identitárias.

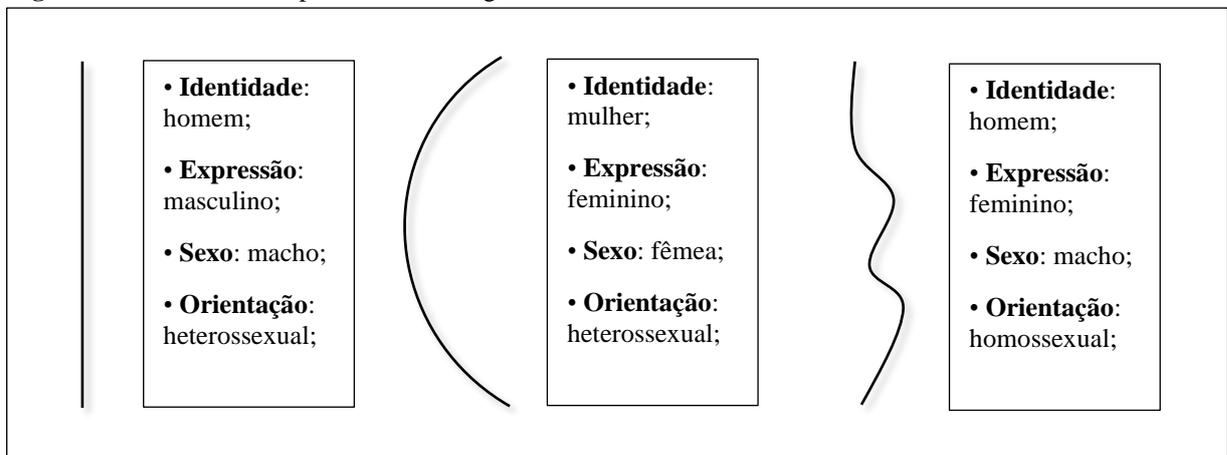
Baseadas nas diversidades de sexo, gêneros e orientação sexual dos sujeitos sociais, adota-se as considerações de Killermann (2017), que busca designar de melhor forma, pois não há consenso na academia e nos movimentos sociais sobre essas as possíveis construções identitárias, a saber:

- *Gender Identity* (Identidade de gênero) – mulher, gênero *queer*, homem – como os sujeitos se enxergam;
- *Gender Expression* (Expressão de gênero) – feminino, andrógino, masculino – como os sujeitos se apresenta socialmente por meio de ações, vestimentas, comportamentos etc.;
- *Anatomical Sex* (Sexo biológico) – fêmea, intersexo, macho – a composição física dos corpos;
- *Sexually Attracted to...* (Orientação sexual) – heterossexual, bissexual, homossexual – o modo como os sujeitos se atraem sexualmente pelo sexo diferente, por ambos os sexos e pelo mesmo sexo;
- *Romantically Attracted to...* (Atração sentimental) – heteroafetivo, biafetivo, homoafetivo – o modo como os sujeitos se atraem sentimentalmente pelo sexo diferente, por ambos os sexos e pelo mesmo sexo.

Além destes, devem ser pontuados os sujeitos que se entendem como não-binários, assexuais e arromânticos, pois suas identidades não transitam nos padrões designados pelos códigos binários quanto a gêneros, orientação sexual e atração sentimental. Louro (2019) pontua que as identidades são múltiplas, diversas e todas possíveis, e nas últimas décadas as transformações e estudos sobre gênero são profundas alterando concepções no ocidente e oriente.

Na pretensão de compor uma representação dos gêneros e sexualidades, e melhor representar os sujeitos, toma-se como exemplo os conceitos de Killermann (2017) e, para melhor compreensão deles, recomenda-se um exercício mental. A elucidação propõe uma dinâmica representada por três linhas paralelas (Figura 3): a) uma linha reta onde pode ser observada a representação do sujeito que se entende como homem cisgênero, masculino, macho, heterossexual; b) uma linha curva (contrapondo a reta) que busca representar uma mulher cisgênero, feminino, fêmea, heterossexual; c) uma linha sinuosa ou ondulante (marginal) busca abarcar os outros corpos e performances, como exemplo um homem cisgênero, que performa o feminino, macho, homossexual.

Figura 3 – Sexualidades e performances de gênero.



Fonte: Elaboração própria (2021).

Dessa forma busca-se melhor entender a marginalização dos sujeitos, suas identidades de gênero, expressões de gênero e orientações sexuais. As sexualidades dissidentes performam certa fluidez nos campos constituídos pelo social e cultural (o gênero), não se fixam e não estão apenas em contraponto aos designios heterossexuais. De mesmo modo, pode-se melhor simbolizar suas ocupações nos tecidos sociais como a orla que contorna e margeia a cidade/oceano, os sujeitos homossexuais, travestis, transsexuais, assexuais etc., os indivíduos e coletivos que são distintos à norma heterossexual são postos em locais de silêncio, dissimulação e segregação (LOURO, 2019).

A partir destes delineamentos pode ser notada a heteronormatividade, vista como “obsessão com a sexualidade normatizante heterossexual, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante e imoral”, que sugere uma normalidade régia e não a naturalidade dos sujeitos e corpos (BRITZMAN, 1996 *apud* MOLINA, 2011, p. 950).

Assim, melhor se compreende o desenho social que alimenta as hegemonias que, nos sistemas de representação socioculturais, se mostram repulsivas a tudo aquilo que julga ignóbil: mulheres, homossexuais, negros, indígenas, estrangeiros, pessoas com deficiência, classes sociais, idosos, vulneráveis, estrangeiros (ISHIMOTO; GARCIA; SOUSA, 2018).

Faz-se importante frisar que as manifestações e discursos do *Lampião da Esquina* criticam abertamente homossexuais que, dentro das minorias, reproduzem normas hegemônicas, hierárquicas, que se aparelham aos sistemas de dominação machista e repressores (SIMÕES JÚNIOR, 2013). Ao longo das publicações do jornal pode-se notar repensarias à criação de padrões dentro no nicho homossexual (masculino e feminino).

As sexualidades e identidades de gênero necessitam serem discutidas e significadas, uma vez que elas implicam diretamente nas construções das personagens literárias que refletem – e são reflexos – nos sujeitos leitores. As questões culturais que constroem as personagens são, também, produtos imaginários dos próprios autores que desejam espelhar os movimentos da realidade, pois:

[...] quando pensamos nas personagens que povoam a tradição literária e que nos tocam tão de perto que temos a impressão de terem existido numa dimensão que as torna imortais e capazes de falar eternamente das inúmeras possibilidades de existência do homem no mundo, tocamos necessariamente no poder de caracterização de seus criadores. (BRAIT, 1985, p. 66).

Com isso, observa-se que clarificar e salientar sobre o binário sexo/gênero, sobre as orientações sexuais, os sujeitos sociais e as formas como este se localizam na sociedade auxiliam na compreensão sobre o público, editores e autores do *Lampião da Esquina*.

2.2 Literatura homoerótica

No âmbito da literatura, principalmente as que foram mediadas e comercializadas pelo *Lampião da Esquina*, faz-se necessário historicizar alguns conceitos e elementos para melhor conceituar os livros presente na seção *Biblioteca Universal Guei*. Segundo Santos (2017) o jornal buscava gestos para propor resistência e, concomitantemente, estabelecer uma cultura homossexual como forma de contracultura entre os sujeitos marginalizados. Mauss (2003) defende que cada cultura “tem seus hábitos próprios”, os hábitos por sua vez designam técnicas, porém, não haveria técnicas e transmissões se não houvesse as tradições. Nesse sentido, a literatura é uma forma de simbolizar o social e o cultural que permite a transmissão informacional, logo, a literatura é um instrumento que pode promover o poder.

Na vertente histórica, segundo Coutinho e Coutinho (1986), o Naturalismo surge no Brasil século XIX, adentrando o século XX, juntamente com o Realismo e Parnasianismo. O Naturalismo tem suas primeiras publicações em 1877 e 1881, pelas obras de Inglês de Sousa – sob pseudônimo Luís Dolzani – e Aluísio Azevedo, respectivamente. A escola literária do Naturalismo ocupa o final do século XIX com questões históricas, nacionais/internacionais, paralelas ao advento burguês, democrático, industrial e mecânico (COUTINHO; COUTINHO, 1986).

O vapor francês trazia para o Brasil modas e costumes europeus, na bagagem cultural trouxe a devoção materialista juntamente da ciência e dos conceitos dos darwinistas (COUTINHO; COUTINHO, 1986). Entende-se que a sociedade se realiza como um organismo em evolução, onde o homem é fruto do meio, a existência é antagônica às forças sociais. Nessa concepção de cultos científicos e progressistas, Émile Zola (1840-1902) deu forma literária aos pensamentos da época com o Naturalismo na França (COUTINHO; COUTINHO, 1986).

Prosseguindo, a homossexualidade é tema de interesse do gênero literário naturalista (BEZERRA, 2006), quando se nota que o Naturalismo “[...] denota inclinação reformadora: a sua preocupação com os aspectos da inferioridade visam à melhoria das condições sociais que a geraram; [...] nada é desprovido de importância e significado como assunto, nada que esteja na natureza é indigno da literatura” (HIBBARD [18-?] *apud* COUTINHO; COUTINHO, 1986, p. 12). Obras como *O Crime do Padre Amaro* e *O primo Basílio*, ambos de Eça de Queirós, publicados em 1875 e 1878, *O mulato* e *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, publicados em 1881 e 1890, são romances com estética do Naturalismo, que trazem em suas histórias diversas personagens e narrativas homoeróticas.

Como exemplo da literatura homoerótica nacional naturalista, *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, teve sua primeira edição em 1895 e é considerado “o primeiro romance da literatura brasileira a ter a temática homossexual como elemento principal e condutor da trama” (SOUZA, 2010, p. 14). Bezerra (2006) aponta que os romances anteriores ao de Caminha medicalizavam e/ou condenavam moralmente as personagens lésbicas e gays, tal atitude perpassa a literatura que versa sobre o amor não normativo. É importante salientar que:

O escritor cearense não fugiu totalmente do esquema de medicalização e condenação das personagens homoeróticas, mas a sua particularidade está em ousar numa estrutura narrativa ficcional possível para os leitores do final do século XIX no Brasil, entre eles o próprio escritor (BEZERRA, 2006, p. 96).

O diferencial trazido por o *Bom-Crioulo*, para a literatura mundial – visto que foi traduzido para várias línguas –, é que preenche uma lacuna social ao trazer como protagonista uma personagem “negra, pobre e homossexual [...], fato este que não ocorre em nenhuma outra obra do período” (BEZERRA, 2006, p. 96). Anterior a *Caminha*, já tinham sido publicados outras obras literárias em língua portuguesa com enredos, personagens e narrativas LGBTQIA+, como: *O barão de Lavos*, publicado em 1891 por Abel Botelho; *Um homem gasto*, 1885 por Ferreira Leal; *O ateneu* em 1888, de Raul Pompéia (BEZERRA, 2006; SILVA, 2012).

Ressalta-se aqui que este recorte temporal se propõe a entender a gênese da literatura homoerótica nacional brasileira. Pois, se considerar o contexto mundial, na Grécia antiga (XII a IX antes da era comum (AEC)) a lírica já versava narrativas homoeróticas entre os deuses do Olimpo e seres humanos – como exemplo Apolo e Jacinto – e, também, os poemas de Safo de Lesbos (630-570 AEC) sobre “mulheres e moças que se reuniam em Mitilene, na ilha de Lesbos, para cultuar a deusa Afrodite” (ROCHA, 2012, p. 93).

Em outras décadas, e outras escolas literárias, o cânone gay brasileiro se forma com literaturas de Machado de Assis, João do Rio, Aníbal Machado, Dinah Silveira de Queirós, Moreira Campos, Harry Laus, Lygia Fagundes Telles, Rubem Fonseca, Autran Dourado, Silviano Santiago, Luiz Vilela, Aguinaldo Silva, João Silvério Trevisan, João Gilberto Noll, Myriam Campelo, Caio Fernando de Abreu, Luiz Capucho, entre outros (SILVA, 2012). Entre estes, destaca-se a figura do escritor Guimarães Rosa, que figura entre os mais célebres escritores brasileiros: Guimarães Rosa na década de 1950 trouxe o travestilidade da personagem Diadorim em *Grande Sertão: Veredas*.

Silva (2012) diz que é a partir do trânsito político/artístico que se cristalizam os conceitos do gênero literário; a literatura homoerótica é rizomática, dá-se pelas ramificações políticas, econômicas, culturais, sociais etc. Além disso, nota-se que a sociedade divide a literatura em dois polos, um lado erudito e outro trivial, neste jogo de vieses políticos-culturais Kothe (1985, p. 85) aponta que:

[...] enquanto a narrativa trivial de direita, masculina ou feminina, embora defensora dos interesses de classe alta, seja consumida maciçamente pela classe baixa, a narrativa artística, tendencialmente questionadora dos valores da classe alta e da estrutura social, acaba sendo consumida entre nós mas pela classe alta.

A título de informação, nas perspectivas de gênero, nas décadas 1980-1990, as literaturas femininas foram classificadas como baixa literatura, principalmente aquelas comercializadas em bancas de jornal, tratadas como clichês que se propunham ao ganho

mensal de editoras (SILVA, 2012). Igualmente subjugados, encontravam-se contos homoeróticos, caracterizados como baixa cultura, pois sua autenticidade não atende a literalidade estética; estes contos são vistos como uma literatura que, “atendem a demandas que se centram apenas no ato de ler/ouvir uma história qualquer que fale sobre o gay” (SILVA, 2012, p. 98).

Em síntese, a literatura que seria emancipatória – esta que imbuí papel de refletir criticamente o tecido social e, de mesmo modo, a política hegemônica e a cultura heteronormativa –, não atinge diretamente as classes mais baixas da sociedade e os sujeitos dos guetos e das margens. Isso se dá, pois ela é colocada pela crítica especializada em lugar marginal, distante de uma erudição e do código literário, delas são negados os valores políticos e socioculturais.

É visto que existe uma tradição que antecede a literatura homoerótica, contudo, os sistemas de controle normativos buscam artifícios para censurar e invisibilizar a técnica e a cultura da literatura homoerótica, criando no imaginário popular símbolos negativos que invisibilizam este tipo de arte. A censura, que é um dos instrumentos utilizados para a invisibilidade, respalda-se em moral construída sobre os artifícios político, culturais e sociais, como demonstrado a seguir.

2.3 Censura nacional nos tempos da ditadura militar

Em 1964, o amor livre (liberdade sexual) se torna ponto de ebulição para os órgãos censores e opressores, da política dos partidos de direita, da igreja e dos militares. No Brasil, de acordo com Costella (1970), citado por Tanganelli (2019, p. 92), “o estímulo à ‘licença de costumes’ e a insinuação do ‘amor livre’ tanto ameaçariam destruir os ‘valores morais da sociedade brasileira’ quanto obedeceriam a ‘um plano subversivo que põe em risco a segurança nacional’”.

Nota-se que a iminência do perigo revolucionário de tal “amor livre”, perpassa uma questão sexual, uma construção sobre “saber/poder/prazer” foucaultiano. O sexo, e sua promoção liberatória, é uma invenção ou construção, arquitetado numa sociedade falocêntrica e patriarcal. Designado a um gerenciamento do gênero e das sexualidades.

Neste contexto, Foucault (1990), citado por Britzman (2019, p. 125-126), diz que:

[...] a hipótese repressiva está na base de modelos críticos de educação sexual, modelos que vinculam o sexo com emancipação, libertação e domínio do próprio

destino. Foucault argumenta que o sexo não é o oposto da repressão: como mito, desejo e representação, o sexo tem uma historicidade. Esta historicidade diz respeito à história de como o sexo entrou no discurso, e portanto, de como o sexo se tornou vinculado à dinâmica do aparato "saber/poder/prazer".

O sistema dominante é uma faculdade oculta, “pode ser aflorada subitamente num detalhe, numa expressão mais ou menos obscura, num fragmento à primeira vista inexplicável” (KOTHE, 1985, p. 06). As sociedades operam sobre a natureza a partir de diretrizes políticas e buscam impor suas dicotomias dominantes: criador e criatura, caça e caçador, opressor e oprimido, burguês e operário, macho e fêmea, entre outras (LEITÃO, 2010).

A censura nasce das fronteiras determinadas pelo sistema dominante, quando este decide de maneira arbitrária o que é permitido e o que se faz proibido, dentro do conjunto de leis determinantes do sistema. Tudo que é vetado permite a sujeição do outro, que é posto em contraponto à norma para que do contraste se vigore o poder. Censurar, por sua vez, é uma atitude de poder, de acordo com Leitão (2010, p. 34) “a censura resulta de um jogo de forças entre o poder político e o poder abstrato das palavras, das ideias e dos textos escritos”.

Na ditadura Vargas (1930-1945) os meios de comunicação sofriam severa vigilância e censura por parte do governo ditatorial. A fim de limitar os meios de comunicação em massa:

O Estado Novo já possuía como parte do seu aparelho regulador o Departamento de Ordem Pública e Social (DOPS), quando, em 1939, criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) destinado ao desenvolvimento de ações de censura cultural. Rádio, música, cinema, educação, imprensa, enfim, as artes em geral e outras formas de manifestação cultural eram campos de interesse e ação do DIP [...] (LEITÃO, 2010, p. 112).

O DIP e DOPS atuavam de forma orquestrada com o Instituto Nacional do Livro (INL) que de um lado faziam extrema vigilância para as publicações e importações, por outro lado favoreciam as publicações de obras que enalteciam o governo de Getúlio Vargas (LEITÃO, 2010). Kothe (1985) aponta que o herói, a poética aristotélica e a industrialização criam sustentáculos para que a classe alta seja vista como elevada, em contraste dá-se o condicionamento da classe baixa, esta proposta se reflete nos campos de gênero e sexualidade.

Continuando, no período de 1946 a até 1964, os órgãos censores não tiveram descontinuidade. A liberdade de expressão ainda se via escamoteada politicamente: no Rio de Janeiro foi instituído novo órgão censor, o Serviço de Censura de Diversões Públicas do Departamento Federal de Segurança Pública. O órgão existiu para distinguir a censura do DIP da censura que operava a favor da moral e bons costumes, tinha-se em vista que a sociedade brasileira era considerada despreparada e manipulável (LEITÃO, 2010).

A burocracia e as atribuições da ditadura militar tinham como critérios para veto “qualquer coisa que pudesse transgredir o limite da tolerância oficial” (LEITÃO, 2010, p. 123), estava incluso tudo que fosse oposto à moral e aos costumes, como a liberdade sexual (amor livre). Ainda segundo a autora, o jogo semântico do poder passou a ser dado de forma física e violenta, com intimidação, perseguição, apedrejamento de jornais, atentados à bomba destruindo editoras e imprensa.

A imprensa nacional, assim como os outros meios de comunicação (rádio e televisão), foi perseguida durante os anos mais duros da ditadura militar brasileira. De acordo com Tanganelli (2019, p. 93), em 1970, o general Emílio Médici baixa o Decreto-Lei n. 1.077 – a “Lei de Imprensa”¹¹ –, “dispositivos de censura do regime, atuando enquanto depositários da moral, passaram a ocupar-se do ofício de resguardar a ordem e segurança públicas, dirigindo-se à meticulosa classificação, à proibição, à apreensão de obras impróprias”.

O sistema dominador cria, portanto, o universo privado onde as identidades e os corpos são postos em vigilância constante, assim como tudo aquilo que possa vir a “influenciar” tais condutas perniciosas. Louro (2019, p. 33) diz que, a vigilância não refreia a curiosidade e o interesse, as fantasias e experimentações passam a serem manifestadas no privado:

[...] através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditando que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política.

As heranças deixadas pelos sistemas dominantes são inúmeras e das mais variadas espécies, ainda existem resquícios míticos ocultos que ora decidem despontar em tentativas de normatizar e invisibilizar identidades sexuais e gêneros literários. Seja pelo *Torah* (na instância mais rudimentar da igreja), das *sodomy laws* (leis homofóbicas do Estado inglês) ou mesmo das ditaduras (como as militares), os sistemas de poder buscam inferiorizar classes para que se mantenham como detentores do saber/poder/prazer (BOMFIM, 2011).

Simões Júnior (2013, p. 88) diz que, o “procedimento arbitrário adotado pelo regime militar, se insinua com o objetivo de castrar os direitos dos mais fracos, deixando à margem – ou calando à força – aqueles cujos discursos são relegados ao esquecimento”, o *Lampião da Esquina* lutou para que as identidades não fossem apagadas pelo sistema dominante, dentro e fora da legenda de gênero e sexualidade. Entende-se, portanto, que as divisões

¹¹ Vide Decreto-Lei n. 1.077 que dispõe sobre a execução do artigo 153, § 8º, parte final, da Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1970).

binárias/dicotômicas não são exclusivas dos governos ditatoriais, são naturais dos sistemas que buscam deter o poder a partir de hierarquias masculinas.

Enfim, os silêncios e ocultações provocadas pela rigidez destes sistemas baseados no discurso masculino dominador afetam diretamente as bibliotecas. Isso ocorre a partir da retirada de livros das estantes, a opressão das minorias, a recriminação de gêneros literários que operam no imaginário popular, tanto quanto na postura dos profissionais. Vergueiro (1989, p. 59) aponta para a autocensura quando, por hábito, o “próprio profissional bibliotecário que, sem o saber, realiza autopolicimento para evitar prováveis polêmicas”. Nesta situação de censura, observa-se que a teia invisível do sistema dominante, enraizada na estrutura social, não permite distinção entre o natural e o naturalizado, porque o saber foi corrompido pelo poder.

2.4 Segregação literária: a margem social

Os sistemas de controle Estatal propõem e instalaram sob as unidades de informação – e em outros meios de mediação e circulação da informação –, intervenções de regulação, por exemplo, a censura. A partir dessas atitudes atreladas aos sistemas de controle, há constante luta dos(as) bibliotecários(as) contra a pressões subjetivas, institucionais, governamentais e, também, por parte do setor público e privados, para que a fruição intelectual dos leitores não seja interrompida ou estancada (VERGUEIRO, 1989) – e para que promovam a ruptura das matrizes hegemônicas e heteronormativas das políticas que produzem silêncio nas estantes (ORLANDI, 2007 *apud* ISHIMOTO; GARCIA; SOUSA, 2018).

Os modelos supremacistas dos sistemas e culturas são conceituados por Gramsci (2007), citado por Martins (2014, p. 177), que diz que:

[...] a ideia de hegemonia ultrapassa a dimensão do político abarcando também o cultural, o ideológico e o moral. Ela refere-se às formas de dominação que se estabelecem a partir da articulação do consenso de uma classe sobre a outra, em que determinados blocos de poder organizam conhecimentos, sentidos e sentimentos de modo que estes pareçam inevitáveis e universais, fazendo com que a classe dominada conceba como “naturais” os interesses da classe dominante.

De tal modo, esboça-se como a literatura homoerótica foi, e permanece, ocultada do meio social e nas unidades de informação, tais como bibliotecas. Como visto, a contracultura marginal é alocada em nível inferior de literatura, que ora não versam sobre a aristocracia de

modo a sustentar hegemonias, ora desvela os segredos carnavais desta classe dominante (KOTHE, 1985).

Silva (2012) propõe que a contracultura firmada pela literatura homoerótica se faz necessária para a visibilidade desses sujeitos e identidades. Kothe (1985, p. 86) nos recorda que “[...] a literatura – como a narrativa em geral – desempenha fundamentalmente um papel de legitimar a estrutura social vigente e de fazer com que ela funcione mais azeitada”. Dessa forma, quando as obras literárias tiram seus sujeitos dos armários literários, os LGBTQIA+ se tornam existentes. Contudo, uma vez que se executem as políticas dos silêncios, logo se faz a manutenção de meios e métodos para que a censura permeie as coleções e estantes (ISHIMOTO; GARCIA; SOUSA, 2018).

As políticas do silenciamento operam em diversas frentes, entre elas está a censura – seja ela: a) legal ou governamental; b) pressão individual ou de grupo; c) autocensura (VERGUEIRO, 1989). A censura é um dos meios mais comuns e agudos de operar a invisibilidade e silêncio de identidades, obras e gêneros literários. Durante a seleção de obras para formar um acervo – das diferentes tipologias de bibliotecas –, não eleger determinados autores e assuntos constituem silêncios.

Ou seja, mesmo que os eixos do PNLL sejam fortuitos, ainda assim deve-se operar para que a soberania popular seja feita de forma concreta, oportunizando as literaturas que versam sobre sujeitos LGBTQIA+, para que as políticas de livro e leitura se tornem ferramentas mais democráticas e inclusivas. A saber, a PNLL¹² têm como eixos:

- Eixo 1 – Democratização do acesso
- Eixo 2 – Fomento à leitura e à formação de mediadores
- Eixo 3 – Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico
- Eixo 4 – Desenvolvimento da economia do livro ([SNBP], 2018, n.p.).

Nesse sentido, infere-se que, em um sistema dominante, a democracia pode se dar pela estruturação do que o sistema entende por democracia, podendo não ser igualitária ou equitativa. O entendimento de democracia em um sistema poderia, por exemplo, buscar atender os anseios da hegemonia. Como visto, mesmo em um governo ditatorial se tem “boas intenções” de contribuição para a leitura (LEITÃO, 2010), mas deve-se questionar qual leitura é intermediada para com as massas e a quem essa literatura interessa e representa.

Outro problema de silenciamento se dá pela classificação e catalogação, que pode ser um meio de invisibilizar livros presentes em um acervo, impossibilitando a recuperação da

¹² No ano de 2018 instituiu-se Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE) (BRASIL, 2018), tornando o PNLL um plano de metas e ações a serem elaborados a cada 10 anos.

informação por meio dos catálogos manuais ou eletrônicos – serviços mais usuais no cotidiano das bibliotecas. Já que, para atender os usuários os bibliotecários de referência e os mediadores da leitura/informação – além dos próprios usuários e leitores – necessitam fazer buscas nos catálogos das bibliotecas, é imprescindível que os metadados sejam suficientes para a recuperação da informação, representando de melhor maneira os assuntos, autores e obras de um acervo.

Prosseguindo, Orlandi (2007), citada por Ishimoto, Garcia e Sousa (2018, p. 355), diz que o silêncio local, a censura, “produz a interdição de certos dizeres, censurando possíveis discursos, ‘é uma estratégia política circunstanciada em relação à política dos sentidos: é a produção do interdito, do proibido’”. Os discursos de identidade, gênero e sexualidade entram no jogo das relações de poder, mantidas pelas hegemonias.

A oposição a estes dispositivos de controle se dá pela resistência e pelo deslocamento dos sentidos. Os silêncios são notados pelos sujeitos e dele se produz significados, em lados opostos a censura e resistência atuam em sentidos múltiplos (ISHIMOTO; GARCIA; SOUSA, 2018). De acordo com Butler (2003), citada por Ishimoto; Garcia; Sousa (2018), “esses arranjos e desarrajos dos lugares sociais dos sujeitos não se fazem sem tensão, sem resistência frente à matriz heterossexual, heterogênea”. Logo, é da falta, do veto, dos silêncios que surgem os questionamentos.

Para provocar a emancipação dos sujeitos é necessário que se entendam os preconceitos produzidos pelos discursos dominantes sobre suas identidades. Os sistemas de poder, em várias instâncias, “regulam a sexualidade por meio do policiamento e da censura do gênero, dizendo, por exemplo, o que pode/deve o sujeito ler, saber, acessar em uma biblioteca sobre a temática LGBTQIA+” (BUTLER, 2003 *apud* ISHIMOTO; GARCIA; SOUSA, 2018, p. 358).

Para não deixar as manifestações do *Lampião* serem também invisibilizadas é importante salientar que um dos discursos iminentes do jornal é de que as identidades são formadas pelas linguagens, os sistemas complexos de enunciação dos sujeitos e a transmissão da informação. “[...] nós somos [...] aquilo que a linguagem nos permite ser; acreditamos naquilo que ela nos permite acreditar e só ela pode fazer-nos aceitar algo de outro como familiar, natural, ou pelo contrário, repudiá-lo como estranho, antinatural e ameaçador” (COSTA, 1992 *apud* SIMÕES JÚNIOR, 2013, p. 73).

Ou seja, a invisibilidade, a segregação e o silenciamento da literatura homoerótica se dão, também, de forma burocrática. A censura é mantida pelos sistemas dominantes e perpetuada entre culturas, as ações censoras atravessam os sujeitos e seus sentidos. A parcela

no poderio se acha na autoridade e no direito de exigir que obras sejam silenciadas nos acervos, fazendo a manutenção das hegemonias masculinas e dominantes.

Há também a ação própria dos sujeitos nas unidades de informação, como a autocensura, quando os profissionais da informação e mediares da literatura/informação empregam sua própria imagem, moral e dogmas às bibliotecas, aos acervos e às coleções. Na tentativa de dissolver tais ações a contracultura opera, também, de forma rizomática difundindo por quaisquer meios possíveis sua literatura enunciativa.

Segundo Vanin e Oliveira (2019), a contracultura representa resistência ao sistema capitalista heteronormativo, atuando diretamente na liberdade, na produção e na disseminação da informação que é produzida no bojo da luta por direitos humanos, na construção de políticas equalitárias, assim como na resistência e existência dos corpos que revisionam as culturas que sujeitam e subjugam. Premissas de visibilidade, como a proposta da seção literária *Biblioteca Universal Guei*.

2.5 A importância da mediação bibliográfica

É a partir de Freire (1981, p. 13) que se postula que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Para que os sujeitos possam tomar conhecimento de obras que versem sobre seus mundos, identidades e existências, a mediação da leitura e a mediação da informação são ações importantes para a abertura de caminhos emancipatórios e a busca do “desenvolvimento do protagonismo” (GOMES, 2019).

As mediações são estudadas nos campos da Biblioteconomia e Ciência da Informação, tendo como eixo principal a percepção das questões que causam lacunas cognitivas no leitor; pretende-se, por meio destas pesquisas, entender as necessidades do usuário a partir do seu *ethos*. Segundo Martins (2014, p. 174), “no âmbito da Biblioteconomia, a compreensão mais sedimentada de mediação é a de elo e ponte estabelecidos por meio de um elemento terceiro, com vistas ao acesso à leitura e à informação”. Para a Ciência da Informação – com base nos estudos de usuários –, o conceito de mediação:

[...] tem sido empregado historicamente para designar práticas, operações e processos que envolvem o fluxo, a transferência e a apropriação da informação, bem como a elaboração de conhecimento e a produção de sentidos pelos sujeitos, podendo estar apoiada no agente mediador especializado, o bibliotecário ou

‘profissional da informação’, e nos dispositivos tecnológicos (MARTINS, 2010 *apud* MARTINS, 2014, p. 172).

Segundo Gomes (2019, p. 16), a articulação dos elementos, pela ótica da Ciência da Informação, é dada por “qualquer tipo de mediação, mas em especial a mediação da informação se caracteriza como um processo que se dá na interrelação de elementos técnicos, humanos, ambientais e semiológicos”. Dessa forma, permite tanto a produção do conhecimento quanto seu compartilhamento.

A princípio, deu-se juízo de que a mediação se estabelecia como uma ponte que permite a aproximação, ou conexão, entre leitor e livro – nota-se que essa concepção está bastante conectada ao senso comum (MARTINS, 2014; ARAÚJO, 2018). Avançando no percurso de conceituações, Araújo (2018, p. 57) aponta que, posterior a este pensamento, surgiu a concepção de uma ação mais incisiva dos profissionais e das instituições como selecionadores e orientadores das leituras, portanto, mediar seria como um filtro. Atualmente, a mediação perde seu enfoque de transmissão de conhecimento adquirindo caráter dialógico (inerte/emancipado), a partir das perspectivas de Heráclito (movimento, mudança, transitoriedade e contrariedade); Platão (o diálogo entre emissor e receptor, a partir do *logos*) e Hegel (no processo de tensão e movimento) (MARTINS, 2014).

Sobre a dialética nos serviços e sistemas de informação, Almeida Júnior (2009), citado por Araújo (2018, p. 57), diz que:

Nessa mudança, é possível identificar uma influência das ideias de Paulo Freire: a ideia de mediação passou a definir-se como “toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional”.

Logo, **mediação** não é uma função auxiliar para que o leitor se aproprie da leitura e da informação, é uma interferência astuciosa dada a partir das atuações dos mediadores. A escolha daquilo que se media fomenta a contracultura e promove diversidades.

O *Lampião da Esquina* assume lugares públicos de informação e de memória, “atua como acontecimento fundador, instaurando uma ruptura com o modelo do discurso de gênero dicotomicamente estabelecido” (SIMÕES JÚNIOR, 2013, p. 55). O jornal se torna um elemento onde os sujeitos LGBTQIA+ se reconhecem como comunidade, por meio de suas capas, entrevistas, seções, anúncios, e, pelos serviços de comercialização livreira, como pela *Biblioteca Universal Guei*.

Entende-se que mediar se dá concomitantemente pela: ruptura do senso comum; leitura e informação como resistência; ação política incorporada nos discursos; dialética entre

singular e coletivo; atuação do mediador como papel intelectual e holístico. Martins (2014, p. 181, grifo da autora) propõe que:

[...] mediar é procurar ultrapassar os limites do pensamento imediato para o mediato, intentando sair da percepção cristalizada de mundo no cotidiano e difundida pelos sistemas ideológicos para uma visão crítica da realidade, que tenha em vista a indagação sobre os consensos e a elaboração do pensamento *autônomo*.

Os multimeios (livro, produtos fílmicos, sonoros, fotográficos, artísticos etc.) que os sujeitos buscam para solucionar suas lacunas informacionais, que se manifestam em seus percursos e vivências, devem ser perpassados pela literatura. O contato com os livros permite uma transformação interna nos leitores, uma vez que estes percebem suas condutas e cotidianos a partir de reflexos e construções de sentidos, com base nos significados que compõem os signos das práticas comunicacionais. No *Lampião da Esquina* a literatura se apresentava sob diversos aspectos, “seja na coluna “Literatura” onde se via textos e gravuras de artistas, conhecidos ou não, que falavam sobre as homossexualidades acompanhadas de críticas sobre as opressões as quais o grupo era exposto”, ou nas bibliografias comerciais como a *Biblioteca Universal Guei* que buscava indicar e comercializar livros que retratasse o público LGBTQIA+ (SANTOS, 2017, p. 101).

Dessa forma, observa-se a necessidade uníssona da mediação da leitura/informação aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 – Educação de Qualidade –, principalmente quanto à meta 4.7 que propõe:

[...] até 2030, garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2015, p. 20).

É notado que as questões que fundamentam o desenvolvimento sustentável perpassam os marcadores sociais de diferença, são projetadas para os sujeitos terem unificação, autonomia e civilidade. Os ODS visam projetar um futuro menos desigual, tendo o letramento e leitura como promotores sociais e formadores desses sujeitos. Porém, sem um desenvolvimento democrático, podem continuar reproduzindo poder apenas às hegemonias masculinas dominantes.

Isto posto, percebe-se que as realidades são dicotomizadas pelo exercício da literatura, as linguagens reproduzidas pelos artifícios da literatura (o romance e/ou a ficção) (re)produzem verossimilhanças no ponto em que colidem com as realidades (FREIRE, 1989).

Isto é, o factual e o imaginário produzem para o sujeito leitor representatividade, quando é permitido a este leitor encontrar coerência entre suas pessoalidades (comportamento, roupas, consumo, cultura) e as leituras (literárias, fílmicas, imagéticas, sonoras e sensíveis).

Portanto, a trilha permitida ao leitor, pela mediação, deve comprometer-se em despossuir as hegemonias heteronormativas (MARTINS, 2014), construir repertórios culturais (ARAÚJO, 2018), comprometer-se com a realidade dos sujeitos que se encontram as margens do social, público e cultural (FREIRE, 1989) e ter a comunicação com incumbência (GOMES, 2019).

Ao longo dessa seção pôde ser teorizado sobre a contracultura promovida pelo *Lampião da Esquina* ao promover a literatura e a importância que esta impera sobre os indivíduos e coletivos do meio LGBTQIA+. O jornal, ao promover a mediação da literatura e informação, colaborou para o rompimento com as estruturas de silêncios postas pela ditadura militar.

3 BIBLIOGRAFIA

Para tratar de bibliografias é importante relacionar o significado da palavra. Segundo Zaher (1961, p. 1), Daniel Grand foi o primeiro a defini-la, no ano de 1885, como a “ciência do livro, visando sua descrição e classificação”. Contudo, é considerável recordar que “o surgimento do termo bibliografia é atribuído a Gabriel Naudé”, em 1627, também “a Louis Jacob, em 1643” (BOUSTANY, 2007; BALSAMO, 1998 *apud* LARA, 2018, p. 130). Não obstante, salientando a diversidade de vertentes constituídas no termo bibliografia, Tolentino e Ortega (2016, p. 8) elucidam que “a Bibliografia como o conhecimento e interpretação dos antigos manuscritos, é datada de 1704 e é considerada a primeira definição de que se tem notícia”.

Avançando para o século XX, no ano de 1934, o “*Centre de Synthèse Historique*”, propôs como finalidade restringir atribuições da palavra bibliografia, quando esta deveria “reserva-se, no vasto domínio do livro, à pesquisa, descrição e classificação dos títulos, com o fim de uma utilização prática, científica ou comercial” (ZAHER, 1961, p. 01).

Contudo, por ser uma palavra oriunda do grego, se examina que a problemática se inicia no *λόγος*¹³ /*lógos*/, o assunto (ΛΟΓΟΣ, 2019). “A polivalência semântica do termo bibliografia deve ser atribuída não a uma característica de riqueza vocabular, mas ao resultado de uma alternância de léxico-conceitual das disciplinas relacionadas ao livro” (LARA, 2018, p. 139). A partir deste cenário se faz necessário entender o vocábulo, seus significados e desígnios.

Placer (1955), assim como Figueiredo e Cunha (1967), Dias e Pires (2005), Tolentino e Ortega (2016) e Lara (2018), conceituam que a derivação da palavra bibliografia se dá pela junção das palavras gregas *βιβλίον* /*biblíon*/, livro, e *γραφή* /*graphē*/, descrever. Logo, Placer (1955, p. 8) sugere defini-la como a “ciência do livro”. Porém, traz-se como informação que, pelo verbete apresentado pelo dicionário grego *Philolog*, o vocábulo *γραφή* /*graphē*/ é, também, traduzida como catálogo¹⁴ (ΓΡΑΦΗ, 2019). O dicionário, ao mesmo tempo, define o verbete de *βιβλιογραφία* /*bibliographía*/ como “a escrita de livros”¹⁵ (ΒΙΒΛΙΟΓΡΑΦΙΑ, 2019). Portanto, entende-se que os gregos já conceituavam a palavra bibliografia, de forma similar a arranjos sistematizados sobre outras obras textuais. Desta forma, pode-se entender

¹³ “VIII. *thing spoken of, subject-matter*” (ΛΟΓΟΣ, 2019).

¹⁴ “b. *catalogue, list, return*” (ΓΡΑΦΗ, 2019).

¹⁵ “*writing of books*” (ΒΙΒΛΙΟΓΡΑΦΙΑ, 2019).

que bibliografia “no sentido estrito, é o inventário sistematicamente organizado de material sôbre [*sic*] um ou vários assuntos” (PLACER, 1955, p. 08).

Há também outras linhas que buscaram conceituar bibliografia, ‘a primeira afirma que a bibliografia era um conhecimento dos manuscritos; a segunda que era a ciência do livro; e a terceira que era a descrição dos livros’ (MORALES LÓPEZ, 2000 *apud* TOLENTINO; ORTEGA, 2016, p. 08). Porém, é na definição do verbete encontrado no *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia* que o termo bibliografia se aproxima do propósito aqui pesquisado, quando se define como:

[...] ramo da bibliologia – ou ciência do livro – que consiste na pesquisa de textos impressos ou multigrafados para indicá-los, descrevê-los e classificá-los com a finalidade de estabelecer instrumentos (de busca) e organizar serviços apropriados a facilitar o trabalho intelectual. Quatro operações se destacam em uma ordem lógica: pesquisa, indicação, descrição e classificação; elas dão origem ao repertório bibliográfico ou bibliografia. O mesmo termo designa a preparação e o objeto resultante” (MALCLÈS, [entre 1950 e 1970] *apud* BIBLIOGRAFIA, 2008, p. 46).

Portanto, as bibliografias têm como objetivo descrever obras em compilações. Em vista disso, bibliografias “constituem uma das mais importantes obras de referência” (DIAS; PIRES, 2005, p. 70). Elas têm como intenção “inventariar a produção intelectual humana, produção essa expressa em diferentes livros e manuscritos espalhados por diferentes bibliotecas” (ARAÚJO, 2014, p. 100), assim a técnica se aproxima dos fazeres bibliotecários, pois se deve elaborar, a partir das normas vigentes, o “trabalho de descrição dos livros” (ARAÚJO, 2014, p. 100). Em consonância, Zaher (1961, p. 1) propõe que:

[...] a definição de bibliografia dada por Malclès é geralmente aceita: ‘é o conhecimento de todos os textos impressos ou multigrafados’. Baseia-se na pesquisa, transcrição, descrição e classificação destes [*sic*] textos, com o fim de organizar serviços ou elaborar repertórios destinados a facilitar o trabalho intelectual.

Guinchat e Menou (1994, p. 65), conceituam que as bibliografias além de cobrirem uma realidade múltipla, expõem-se como “a) ciência dos livros [...]; b) lista completa ou seletiva de documentos sobre um assunto determinado; c) lista periódica de documentos recentes”. E podem ser dos tipos “gerais internacionais, também chamadas ‘universais’ [...]; bibliografias gerais nacionais, [...] bibliografia nacional; bibliografias especializadas” (GUINCHAT; MENO, 1994, p. 65-66). Os autores ainda pontuam que: “algumas bibliografias são produzidas apenas uma vez, em resposta a uma questão ou a uma necessidade em particular; outras são produzidas regularmente, como as bibliografias correntes”.

A partir de tais buscas e averiguações, pôde-se compreender o conceito polissêmico do vocábulo. Lara (2018) considera a palavra bibliografia como uma *mot-valise*, ou seja, a bibliografia recolhe em si vários sentidos. A palavra bibliografia nomeia “um produto, uma

atividade, um campo disciplinar” (LARA, 2018, p. 128), de mesma forma, “sob a forma impressa, as bibliografias e repertórios apareceram depois de 1494, recebendo inúmeras denominações, como biblioteca, catálogo e repertório” (BOUSTANY, 2007 *apud* LARA, 2018, p. 129).

Ultrapassando as questões terminais, as bibliografias se diferenciam quanto a sua “periodicidade”, “forma de tratamentos dos documentos” e “o alcance dos tipos de documentos repertoriados” tendo seu conteúdo organizado por diferentes arranjos e esquemas (GUINCHAT; MENOUE, 1994, p. 67). Pensato (1994), citado por Tolentino e Ortega (2016, p. 10), admite que “é possível identificar uma linha conceitual que perpassa os estudos do suporte físico de signos registrados, do produto de atividades tecnológicas, artesanais e artísticas e da memória de mensagens, informações e técnicas de produção”.

Isto posto, a bibliografia requer métodos, visto que são instrumentos de caráter amplo, que buscam abarcar diferentes gêneros, tipologias e materiais (PLACER, 1955), pois, segundo Otlet (2018, p. 447) “deve fornecer informações sobre a existência das obras e sua importância. Ela é o inventário, a descrição das obras publicadas, independente de saber em quais coleções ou bibliotecas se encontram”.

Ortega (2004, p. 01) define que a “Bibliografia como a atividade de geração de produtos que indicam os conteúdos dos documentos, independente dos espaços institucionais em que estes se encontrem”. Dessa forma as bibliografias devem ser pensadas com lógica e parâmetros, devem possuir definições bem-postas e senso de organização quanto às características que deseja abordar. Será, portanto, uma fonte de informação que dará suporte para um sortimento de usuários e leitores.

Com isso, Otlet (1934), citado por Juvêncio e Rodrigues (2016, p. 180), – a fim de diferenciar as tipologias dos documentos – conceitua que, “o catálogo remete à própria biblioteca, ou seja, tem início, meio e fim no mesmo local, já a bibliografia, joga o livro no mundo, instigando a curiosidade, a cooperação e preservando do esquecimento total os “frutos do espírito humano”.

3.1 Tipologias de bibliografias

Campello (2006, p. 04) pondera que, “para ser ‘acessada’, a informação precisa estar organizada, isto é, disposta de forma a poder ser recuperada (bibliográfica e fisicamente) [...]”. Desta forma, é preciso entender as diversidades de bibliografias, suas estruturas e

funções, para que o exercício da prática seja bem aplicado, no intuito tanto da recuperação quando da preservação da informação.

Existem sete tipos de trabalhos que recebem título de bibliografia, para cada necessidade existe uma obra que lhe sirva de ferramenta de pesquisa e de consulta, essas remetem a documentos que foram analisados e condensados, facilitando a recuperação pelo usuário (GUINCHAT; MENO, 1994). As bibliografias são, basicamente, dos tipos: universais, que se esforçaram a registrar todos os documentos publicados no mundo, de todas as áreas do saber; nacionais, que consistem em listas de obras de um determinado país; especializadas, que relacionam serviço de linha para determinadas áreas do saber (CAMPELLO, 2006).

As bibliografias, de mesmo modo, são consideradas quanto as suas categorias:

[...] sinaléticas – quando é realizada somente a descrição da obra –, ou analíticas – quando a obra é analisada sob múltiplos aspectos, incluindo os bibliológicos, mais voltados à materialidade do livro. Uma bibliografia pode ser, ainda, geral ou especializada em alguma área do conhecimento; ou de cunho nacional/regional (BALSAMO, [200-]; REYES GÓMEZ, 2010 *apud* JUVÊNCIO; RODRIGUES, 2016, p. 166).

Otlet (2018) diz ser importante entender os conceitos basilares dos diferentes tipos de bibliografias, para que se possa fazer o devido uso de cada uma delas. Cada qual possui seu caráter bibliográfico, descrições de suas características e área de cobertura, tal qual:

- 1) **Bibliografias nacionais:** caráter retrospectivo ou recapitulativo, podendo ser periódicas ou correntes. Sua principal característica é relacionar as obras de um país que foram depositadas por meio de depósito legal, ainda, nenhuma bibliografia nacional será completa e acabada.
- 2) **Bibliografias especializadas:** caráter retrospectivo ou corrente, tanto nacionais quanto internacionais. Sua principal característica se dá pela cobertura objetiva de todas as ciências, de quase todos os assuntos.
- 3) **Bibliografias universais:** pretenderam inventariar todas as obras produzidas e existentes no mundo, sobre todas as áreas do conhecimento; tais como, a *Bibliotheca Universalis*, fruto do intento de Conrad Gesner e o *Répertoire Bibliographique Universel*, designado dos estudos documentais de Paul Otlet e Henri La Fontaine.
- 4) **Bibliografias analíticas e críticas:** buscam informar sobre a literatura, em geral ou disciplinas especializadas, sobre o estado da arte, revisões de

literatura, resumos, anais, entre outros que busquem informar sobre o conteúdo e importância das obras.

- 5) **Bibliografias seletivas:** são geralmente catálogos, qualificam-se nos critérios da unidade de informação que deseja evidenciar seu catálogo de acervo, podendo ser gerais ou especializadas.
- 6) **Bibliografias comerciais:** produzidas pela indústria livreira e editorial, podendo ser catálogos de livrarias, editoras, feiras, leilões, entre outros. É característica desse tipo constar preço e edição da obra.
- 7) **Fontes bibliográficas:** demais documentos que se caracterizem como fontes de informação bibliográfica.

Com esta vasta possibilidade de organização da informação em compilações que permitem o agrupamento de obras por diversos motivos, põe em perspectiva a elaboração das bibliografias de bibliografias. Estes manuais bibliográficos (OTLET, 2018), “começaram a aparecer no século XVII, mas foi no século XIX que apareceram de maneira mais intensa” (DIAS; PIRES, 2005, p. 77). Otlet (2018, p. 453) diz que, “se os livros são instrumentos de pesquisa de primeiro grau e as bibliografias instrumentos de 2º grau, as bibliografias de bibliografias são de 3º grau”.

As bibliografias de bibliografias são, praticamente, listas de catálogos de bibliotecas. Tornam-se úteis para as unidades de informação, pois fornecem pesquisas bibliográficas para a formação de acervos (DIAS; PIRES, 2005; OTLET, 2018). O crescimento dessas bibliografias é crescente, originando outros registros sobre outros registros.

3.1.1 Classificações de bibliografias

Entende-se, a partir do exposto, que as bibliografias são polifônicas e obras de formatos variados. Suas funções podem atrelar-se aos vocábulos dando razão e finalidade aos documentos finais. Assim como o conhecimento humano, as bibliografias dividem-se e subdividem-se, a fim de abarcar de melhor forma o conhecimento humano e produto impresso e/ou virtual, gráfico e não-gráfico (PLACER, 1955).

Pela sua complexidade material, tratam-se os elementos que classificam as bibliografias pelo conteúdo (aquilo que está inserido no documento), tanto quanto pelo seu continente (a finalidade da publicação) (OTLET, 2018).

Otlet conceitua que conteúdo é dado pelas características intrínsecas dos documentos que são inseridos nas bibliografias (Quadro 1), abordando seus assuntos, origem, período, forma, língua e extensão. Para Guinchat e Menou (1994, p. 67) “o conteúdo das bibliografias pode ser organizado por ordem alfabética, sistemática (de acordo com um plano de classificação), ou cronológica (de acordo com a data de edição)”. Neste sentido, a organização dos documentos se dá pelas características relacionadas aos elementos de acordo com suas finalidades.

Quadro 1 – Tipologias de bibliografias A

Assuntos a	Lugar de origem das publicações b	Período das publicações c	Formas dos documentos d	Língua dos documentos e	Extensão f
1. Todos os assuntos 2. Um assunto determinado (especificar por um índice decimal)	1. Todos os países 2. Um país determinado (especificar por um índice decimal)	1. Todos os períodos 2. Só retrospectiva 3. Todas as datas. 4. Uma certa data (a especificar eventualmente por índice decimal de tempo) 5. Somente breve	1. Todas as espécies de documentos 2. Uma espécie de documento 21. Livros 22. Periódicos 221. Artigos de fundo 222. Fatos e crônicas 223. Bibliografia e análise	1. Todas as línguas 2. Uma língua determinada (a especificar por um índice decimal)	1. Completa 2. Seletiva

Fonte: Otlet (2018, p. 451).

Ou seja, a relação das entradas em uma bibliografia dá sentido ao documento, facilitando sua organização e recuperação. Como exemplo, em 1977 a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA)¹⁶, junto à Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO)¹⁷ definiram padrões básicos de ordenação das entradas das bibliografias nacionais, visando o intercâmbio entre países (CAMPELLO, 2006).

¹⁶ *International Federation of Library Associations and Institutions.*

¹⁷ *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.*

Quanto à forma da bibliografia, consideram-se elementos extrínsecos aos documentos relacionados. São tomadas de decisão que visam ao produto bibliográfico a ser publicado (Quadro 2), considerando tipo de registro, formas de ordenação, língua e forma da publicação, periodicidade e ordenação dos sumários (OTLET, 2018).

Quadro 2 – Tipologias de bibliografias B

Tipos de registros	Forma de ordenação do registro	Línguas da publicação bibliográfica	Forma da publicação bibliográfica	Periodicidade da publicação bibliográfica	Ordenação dos sumários que acompanham os fascículos
g	h	i	j	k	l
1. Registro breve 2. Registro bibliográfico completo 3. Registro com breve indicação do conteúdo da obra 4. Análise, resumo da obra 5. Notas críticas 6. Os próprios fatos em si com fontes (informações documentadas)	1. Numérica 2. Alfabética de autor 3. Ideológica 31. Analítica por cabeçalho de assunto 32. Sistemática 321. Por palavra 322. Decimal 323. Outras notações 33. Geográfica (local de publicação) 34. Cronológico (data de publicação)	1. Registros em várias línguas 2. Misto (internacional) 3. Um idioma determinado (especificar pelo índice decimal)	1. Em fichas 2. Em volumes 21. Em volumes completos 22. Em fascículo 3. Anexa a outra publicação 4. Manuscrita 41. Em folhas 42. Em fichas	1. Uma só vez 2. Periodicamente 21. Diária 22. Várias vezes por semana 23. Semanal 24. Quinzenal 25. Bimestral 26. Trimestral 27. Anual 3. Irregular	1. Numérica 2. Alfabética de autor 3. Ideológica (assunto, lugar, período) 31. Analítica 32. Sistemática 321. Palavras 322. Decimal 323. Outras notações 33. Geográfica 34. Cronológica (período de publicação)

Fonte: Otlet (2018, p. 451).

Dessa maneira, entende-se que aquilo que está continente, ou seja, o que se considera extra conteúdo é relacionado à forma material da bibliografia.

Dias e Pires (2005, p. 70), classificam as características das bibliografias quando as consideram, sumariamente, como uma “lista completa ou seletiva de documentos sobre um assunto determinado”, como se observa (Quadro 3):

Quadro 3 – Classificação de bibliografias

Tipologia	Características
Natureza do material	a) primária : informações arroladas pela primeira vez;
	b) secundária : registram a matéria impressa em bibliografias primárias;
	c) exaustiva : esgotam ou pretendem esgotar todo o assunto;
	d) seletiva : por assunto, raridade, valor, atualidade.
Âmbito geográfico	a) nacional;
	b) internacional;
	c) regional.
Assunto	a) gerais;
	b) especializadas.
Arranjo	a) alfabética;
	b) sistemática;
	c) cronológica.
Período de tempo	a) retrospectiva;
	b) corrente;
	c) periódica.
Apresentação das informações	a) sinalética : a informação sobre os textos se limita à referência bibliográfica;
	b) analítica : a referência é seguida de resumo indicativo, informativo;
	c) crítica : quando o resumo emite julgamento sobre o trabalho.
Manuseio do documento	a) primária : a compulsão é feita à vista dos documentos;
	b) secundária : as referências bibliográficas são de segunda mão, ou seja, extraídas de fontes bibliográficas, como notas de rodapé, resenhas, bibliografias, etc.

Fonte: Adaptado de Dias e Pires (2005, p. 70).

Para Dias e Pires (2005), as bibliografias possuem a finalidade de recuperar informações necessárias à composição de trabalhos científicos, técnicos ou culturais.

Portanto, pode ser compreendido que, a bibliografia se anuncia e se compõe por elementos relevantes e elucidantes. É um documento sobre documentos que necessita sumariamente de ordenação para que sua natureza auxiliar se dê por completo. O que está contido e aquilo de que se forma estão relacionados (OTLET, 2018).

3.2 Histórico da bibliografia

Com objetivo de inventariar as obras literárias, a fim de oferecer informações sobre elas, a bibliografia se tornou relevante e bastante necessária a partir do século XV, com o

advento da invenção da imprensa por Johannes Gutenberg – por volta de 1440 –, acometeu no crescente fluxo de livros publicados (FIGUEIREDO; CUNHA, 1967; ORTEGA, 2004; DIAS; PIRES, 2005; OLIVEIRA, 2011; ARAÚJO, 2014; OTLET, 2018; LARA, 2018).

Porém, a partir de estudos de Bibliografia, Documentação e Biblioteconomia, é sabido que a prática de bibliografia não é exclusiva dos eruditos, séculos XV–XVI, quando houve alastramento da prática com a criação tanto das bibliografias tanto quanto dos catálogos de finalidade comercial (DIAS, PIRES, 2005). Otlet (2018, p. 459) recobra que “houve, desde a alta Antiguidade, listas de conteúdos de bibliotecas e narrativas que falavam de livros”.

Juvêncio e Rodrigues (2016, p. 166), citam Reyes Gómez (2010), quando a possível real origem da bibliografia – por volta de 250 AEC –, “remonta, segundo à Calímaco, bibliotecário de Alexandria, que ao criar as ‘*Pinakes*’, ou a lista de obras que a instituição continha, dá início à tradição bibliográfica”. Em contrapartida, Norris (1939), citada por Fons (2016), e Dias e Pires (2005) nos trazem antecedentes ao egípcio Calímaco; na Babilônia, por volta de 700 AEC, Ibissaru realizou regras para catálogos e inventário em tabletes de barro. Igualmente, é reportado que, no “século II AEC Galeno realizou sua autobiografia” (DIAS; PIRES, 2005, p. 71).

Verifica-se que anterior à Idade Média, “o médico grego Galeno, que no século II a.C. cria uma lista das obras da qual era autor visando eliminar dúvidas sobre a autenticidade de alguns de seus escritos, bem como negar a autoria de tantos outros” (REYES GOMÉZ, 2010 *apud* JUVÊNCIO; RODRIGUES, 2016, p. 167). Em sua autobiografia, *De libris propriis liber*¹⁸, Galeno relacionou 500 obras, autorias próprias com trabalhos de outros escritores, dividindo o produto em capítulos atribuídos por assunto (FIGUEIREDO; CUNHA, 1967).

Na Idade Média (século V ao século XV) os catálogos de bibliotecas constituíram os principais tipos de bibliografias “onde passam a ‘[...]’ contar com um princípio diretor constante em suas descrições: nome do autor, dignidade eclesiástica e lugar onde exerce, suas obras, valorização do conteúdo, atendendo à sua qualidade intelectual, e dados cronológicos” (REYES GOMÉZ, 2010 *apud* JUVÊNCIO; RODRIGUES, 2016, p. 167). No século XIV se inicia o “uso de símbolos para localiza livros, indicação de uma obra e obras encadernadas juntas” (DIAS; PIRES, 2005, p. 71).

“Quando a imprensa aparece, veem-se logo impressores e livreiros a produzir seus próprios catálogos com finalidade mercantil” (OTLET, 2018, p. 450), ou seja, nos séculos que

¹⁸ A saber, no grego *Περὶ τῶν ἰδίων βιβλίων* /*perí tón idíon biblíon*/, Sobre os meus livros (tradução nossa), as obras de Galeno podem ser consultadas em: <http://www.galenolatino.com/index.php?id=3>.

contam de XV a XVI, da era comum (EC) a bibliografia toma contornos comerciais (os catálogos), mas só no século XVII que os livreiros passam a divulgar suas obras, por meio de bibliografias para o grande público (OTLET, 2018). Servindo assim “como meio de propaganda e, ao mesmo tempo, de controle do que era produzido” (BALSAMO, [200-] *apud* JUVÊNCIO; RODRIGUES, 2016, p. 168).

Johann Tritheim, tido como “o pai da bibliografia”, publicou em 1494 o primeiro repertório impresso, *Liber de scriptoribus ecclesiasticis*, relacionando cerca de 1000 autores da igreja, para cada entrada de autor possuía uma pequena biografia e a lista de obras (FIGUEIREDO; CUNHA, 1967).

Prosseguindo, ainda na época erudita, em 1545, Conrad Gesner traz à luz o primeiro volume de sua *Bibliotheca Universalis*, sendo esta obra mais que “um inventário de toda a produção bibliográfica de seu tempo, acaba por categorizar o conhecimento, facilitando a recuperação das obras” (JUVÊNCIO; RODRIGUES, 2016, p. 168). Há de ser considerada e questionada essa voluptuosidade de obras bibliografadas por Gesner como universal. O aspecto humanístico considera, pela sua época, uma hegemonia de países europeus, o universo exposto pode ser considerado parcial e ideológico.

A época científica é marcada, segundo Dias e Pires (2005), pelo significado de bibliografia como lista de livros, é também, no século XVII que a Biblioteca de Oxford passa a organizar seu catálogo pelo sobrenome do autor, ainda, em 1633 é publicada a obra *Biographie politique*, de Gabriel Naudé.

Figueiredo e Cunha (1967, p. 15, grifo das autoras) apontam que em “1751, o termo [sic] *Bibliografia* não figurava, ainda na célebre *Encyclopédie* de Diderot e d’Alembert. Aparecia apenas a palavra *bibliógrafo*, definida como *decifrador de manuscritos*”. As autoras ainda pontuam que a primeira definição se deu implicitamente, nessa época, tendo sentido de “conhecimento do livro sob todos os seus aspectos”, mantendo o sentido até 1885. Logo, o vocábulo bibliografia:

Absorveu, assim, tudo que, hoje, designamos por vocábulos diferentes: *Bibliofilia* (amor ao livro nas bibliotecas), *Biblioteconomia* (tratamento dos livros nas bibliotecas), *Bibliografia propriamente dita* (ou ciência descritiva dos repertórios) e, enfim, *Bibliotecnia* (técnica de edição). Quatro aspectos de um mesmo assunto, ao qual conviria chamar, sem dúvida, *Bibliografia* (FIGUEIREDO; CUNHA, 1967, p. 15, grifo das autoras).

No século XIX “a crescente importância dos periódicos como veículo de publicação atingiu seu auge em 1850 e levou à necessidade do tratamento de suas unidades de informação para possibilitar sua recuperação” (ORTEGA, 2004, p. 03). Dá-se uma maior

sistematização do controle bibliográfico, visando aperfeiçoamento dos métodos e serviços de catalogação e bibliografia, quando surgem os primeiros resumos (*abstracts*) (DIAS; PIRES, 2005).

“Na evolução da bibliografia, distingue-se três épocas: 1º universal (poligráfica)¹⁹; 2º especializada e nacional; 3º de cooperação internacional. Essas épocas são determinadas pela própria história do trabalho científico” (OTLET, 2018, p. 451). O autor ainda nos diz que o problema da completude bibliográfica supera os problemas do colecionismo pelos acervos das bibliotecas, imbuído do “espírito universal” e “enciclopédico”, no bojo da organização da informação.

Tais antecedentes podem remeter a documentos, práticas e áreas de estudo dissemelhantes: a bibliografia e a catalogação. Como visto, a primeira trata da listagem de obras de referência destinadas à pesquisa, são documentos secundários que facilitam a busca por obras das diversas áreas do conhecimento e tipos, no plano pós-custodial, independentemente de uma unidade de informação (GUINCHAT; MENO, 1994). A vista disto, “os catálogos são listas de todos os documentos conservados em unidades de informação” (GUINCHAT; MENO, 1994, p. 67).

3.2.1 A bibliografia no Brasil

Dentre as bibliografias de maior destaque nacional, Campello (2006, p. 43) sinaliza está a obra de Augusto Vitorino Alves do Sacramento Blake. O bibliógrafo compilou o *Diccionario bibliographico brasileiro*, tendo como inspiração as obras dos bibliógrafos portugueses Diogo Barbosa Machado e Inocêncio Francisco da Silva. Em 1883, a Tipografia Nacional imbuu-se da publicação da bibliografia de Sacramento Blake – como é conhecido mundialmente –, fruto de “labor, paciência e sacrifícios”, a obra foi terminada em 1902, tendo um total de sete volumes (SIMÕES DOS REIS, 1942 *apud* PLACER, 1955). A importância dessa obra se dá em razão de ser pioneira no território nacional, numa época em que a atividade bibliográfica apenas se iniciava; Placer (1955) diz que neste período eram comuns catálogos de bibliotecas. Figueiredo e Cunha (1967) apontam que com um sinuoso arranjo feito por ordem alfabética, a bibliografia de Sacramento Blake arrola autores do período

¹⁹ Diversidade de obras reunidas.

colonial, até mesmo personalidades secundárias e seus índices complementam e corrigem deficiências.

Outras obras também tiveram destaque em território nacional, Placer (1955, p. 15, grifo do autor) aponta que:

[...] em alguns estados, haviam-se organizado bibliografias regionais, sendo dignas de nota: no Maranhão, o *Pantheon maranhense* de Antonio Henriques Leal (1828-1885) [...]; em Pernambuco, o *Diccionario biographico de pernambucanos celebres*, de Francisco Augusto Pereira Costa (1851-1923) [...]; no Ceará, o *Diccionario biobibliographico cearense*, do Barão de Studart (1856-1938) [...]; em Sergipe, o *Diccionario bio-bibliographico sergipano*, de Armindo Guaraná (1848-1924) [...]; *Mineiros illustres*, de Victor Silveira, incluído no *Minas Gerais em 1925*, saído das oficinas da Imprensa Oficial do Estado em 1926.

Placer (1955) aponta que as bibliografias que não constassem notas biográficas sobre autores só vieram aparecer no país com o *Boletim bibliographico da Biblioteca Nacional*, que tinha como propósito relacionar as obras que tinham sido enviadas à instituição por meio do depósito legal, o boletim teve edições em 1918, 1919, 1922, 1927 e em 1945. O *Boletim* foi organizado por Cícero de Britto Galvão e contou com 14 volumes produzidos entre os anos de 1918 e 1921, já aderindo às normas do *Institut International de Bibliographie* (IIB) (JUVÊNCIO; RODRIGUES, 2016). A realização e a publicação do boletim bibliográfico foram instituídas pelo Decreto n.º 1.825 de 20 de dezembro de 1907, que versa sobre a obrigatoriedade do depósito legal na Biblioteca Nacional e, também, pelo regulamento interno dela, que data de 11 de junho de 1911 (CAMPELLO, 2006; JUVÊNCIO; RODRIGUES, 2016).

Campello (2006, p. 52), diz que “a origem da bibliografia nacional brasileira está no *Boletim das Acquisições mais Importantes Feitas pela Bibliotheca Nacional*, organizado, a partir de 1886, pelo bibliotecário João de Saldanha da Gama (1835–1889)”. A bibliografia precedeu a fase formal da bibliografia no Brasil, organizada de acordo com as seções da Biblioteca Nacional. O *Boletim* está interrompido desde 1993, e seu desaparecimento pode ter provocado o extermínio de diversas bibliografias em território nacional (CAMPELLO, 2006).

A bibliografia especializada e a bibliografia de bibliografias também tiveram suas versões nacionais. Segundo Placer (1955, p. 16), o “*Catálogo da Exposição de História do Brasil*, incluído nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, de 1881” – realizado pelo diretor da Biblioteca Nacional, Ramiz Galvão – e, respectivamente “a *Bibliografia das bibliografias brasileiras*, de Antonio Simões dos Reis, editada em 1942 pelo Instituto Nacional do Livro”.

Por fim, percebe-se que, pelo avanço histórico brasileiro, as bibliografias estiveram presentes durante vasto período no país, tendo grande importância como fonte de informação.

A organização técnica característica das bibliografias teve seu alcance no *Boletim bibliográfico brasileiros*, do Sindicato Nacional das Empresas Editoras de Livros e Publicações Culturais, em 1952, no formato bimestral (PLACER, 1955). A subseção que segue pretende delinear de melhor forma os arranjos das Bibliografias.

3.3 Arranjo e apresentação das entradas

Com o aumento da quantidade da produção de livros em diferentes partes do mundo, no século XIX se notou a necessidade de implementação de mudanças substanciais na forma como eram descritos e organizados os documentos (ARAÚJO, 2014). Também é notada que “a crescente importância dos periódicos como veículo de publicação atingiu seu auge em 1850 e levou à necessidade do tratamento de suas unidades de informação para possibilitar sua recuperação” (ORTEGA, 2004, p. 03).

“Considerando a Bibliografia como o princípio da Documentação, pode-se dizer que esta esteve unida à Biblioteconomia desde o século XV até fins do século XIX” (ORTEGA, 2004, p. 04). A Documentação engendra na padronização das “formas de tratamento técnico dos registos (com as fichas catalográficas e a Classificação Decimal Universal)” (ARAÚJO, 2014, p. 101). Porém, a construção do *Repertório Bibliográfico Universal* (RBU), em 1985, distanciou a bibliografia da Biblioteconomia, a construção de tal “inventário” fez com que houvesse a dispensa de bibliógrafos para o tratamento da informação especializada, uma vez que a iniciativa contaria com a catalogação cooperativa. Dessa forma os catálogos de bibliotecas, compostos por fichas catalográficas passariam a ter mais atenção nas unidades de informação, substituindo a produção as bibliografias e o uso das bibliografias na prática cotidiana. Ortega (2004, p. 05) diz que: na mudança, “optou-se pela descentralização e pelo emprego de bibliógrafos especializados em ciências” a desarticulação contava com a criação de centros de informação científicos em grande número, para suprir a demanda dos catálogos coletivos.

Retomando, a partir de então, a bibliografia se via com escopo que transpunha o “ter”, ela se ocupava em “remeter” as obras, independente da sua aquisição ou não. A memória literária estava depositada nas obras que propunham listar os documentos produzidos por essa megalomania que a imprensa instaurou. As entradas (ou registro) das bibliografias “são considerados dados ‘oficiais’ de identificação das publicações, e devem, portanto, servir de

base para a elaboração dos catálogos das bibliotecas do país” (CAMPELLO, 2006, p. 49), por tanto a minúcia na normalização é intrínseca à bibliografia.

Segundo Zaher (1961, p. 20) “normalizar é o conjunto metódico e preciso de condições a serem satisfeitas para uniformização. No campo da documentação se aplica as operações de estabelecimento, reunião, classificação e distribuição de informações”. A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é o órgão oficial nacional, membro da *International Organization for Standardization* (ISO), que se responsabiliza pela normatização (a criação das normas) em território nacional, a fim de delinear a normalização dos documentos.

Após a Segunda Grande Guerra (1939-1945), normalizar documentos se desenvolve em paralelo com os progressos científicos e tecnológicos. Figueiredo e Cunha (1967, p. 107), apontam que “já não se discute mais o valor da normalização da documentação, pois, que, sem padronização, não se obtêm a eficiência e a perfeição desejáveis nos registros bibliográficos”.

3.3.1 Os elementos do arranjo bibliográfico

Quando se trata de bibliografias, a apresentação dos elementos das entradas é de suma importância. Segundo Tolentino e Ortega (2016, p. 11) “desde a compreensão de uma ciência do livro até os aspectos de elaboração de repertórios bibliográficos, os produtos elaborados pela Bibliografia exigem a produção de uma mensagem sobre um objeto, logo, uma descrição”.

Segundo Malclès [1963?], citada por Figueiredo e Cunha (1967), o trabalho bibliográfico é o conhecimento de todos os textos, como dito anteriormente nessa pesquisa, e se fundamenta na pesquisa, na transcrição, na descrição e no arranjo.

A primeira etapa é dada pela pesquisa, que se constitui na busca de documentos e vem seguida da transcrição – mais conhecida como **referências** se dá pela ordenação de dados que permitam a identificação e recuperação do documento, no todo ou em partes (FIGUEIREDO; CUNHA, 1967, p. 103). Continuando nas etapas, a descrição, ou resumo, que narra os aspectos internos do documento, ou seja, o próprio texto.

Finalmente, a disposição e a ordenação de uma bibliografia, a partir dos elementos que constam nos documentos, devem atender a critérios pré-estabelecidos de acordo com seu tipo de arranjo, a saber: a) arranjo alfabético – sequências de nomes de autores, de títulos dos

textos etc.; b) cronológico – a ordenação de acordo com as datas; c) geográfico – de acordo com país ou região do documento; d) sistemático – que requer o uso de sistemas de classificação (FIGUEIREDO; CUNHA, 1967). Segundo Placer (1955, p. 20):

A compilação de bibliografia obedece, com adaptações, às regras de catalogação. Estas encontram-se sistematizadas no [*American Library Association*] A. L. A. *catalog rules* e no *Norme per il catalogo degli stampati* da Biblioteca Vaticana.

Quanto à transcrição/normalização desses arranjos na construção de bibliografias, é indispensável a necessidade de estipular parâmetros que atendam ao arranjo estabelecido. Crippa (2016), citada por Grigoletto (2018, p. 92-93), destaca que “[...] a bibliografia, enquanto arte (do fazer), precisa ser pensada para que não passe por uma simples adaptação às tecnologias, mantendo todos os cuidados para que suas práticas não sejam reduzidas a treinamentos com o escopo da manutenção do aparato”.

No Brasil o regulamento da normalização é dado pela Norma Técnica Brasileira (NBR) 6023:2018 (Informação e documentação – Referências – Elaboração) que situa em seu escopo:

Esta Norma estabelece os elementos a serem incluídos em referências.

Esta Norma fixa a ordem dos elementos das referências e estabelece convenções para transcrição e apresentação da informação originada do documento e/ou outras fontes de informação.

Esta Norma destina-se a orientar a preparação e compilação de referências de material utilizado para a produção de documentos e para inclusão em bibliografias, resumos, resenhas, resenhas, resenhas e outros.

Esta Norma não se aplica às descrições usadas em bibliotecas, nem as substitui (ABNT, 2020, p. 01).

Conseqüentemente, os elementos constantes em monografias no todo, que “inclui livro e/ou folheto (manual, guia, catálogo, enciclopédia, dicionário, entre outros) e trabalho acadêmico (tese, dissertação, trabalho de conclusão de curso, entre outros)”, de acordo com as normas da ABNT (2020, p. 06), devem ser – na concepção de Placer (1955) e ABNT (2020) – :

- a) **autor** (sempre pelo sobrenome do autor);
- b) **título**; subtítulo (se houver);
- c) edição (a partir da segunda edição, se houver);
- d) imprensa (**local, editor, data**);
- e) número de páginas (a última página numerada do exemplar);
- f) meio eletrônico (se houver).

A partir destes, a normalização atribui à entrada de elementos complementares, a julgar pelo documento e a necessidade, a fim de melhor descrever o documento em questão junto à sua unidade de informação ou intenção de uso/serviço. É o caso do resumo que, segundo a NBR 6028:2003, é a “apresentação concisa dos pontos relevantes de um documento” (ABNT, 2003, p. 01). Ainda segundo a norma, os resumos podem ser dos seguintes tipos:

- a) **resumo crítico** – também denominado resenha, é, geralmente, redigido por especialistas com análise crítica do documento;
- b) **resumo indicativo** – apresenta apenas pontos principais do texto, sendo necessária a consulta ao original na íntegra;
- c) **resumo informativo** – busca informar as finalidades, metodologia, resultados e conclusões, podendo dispensar ao leitor a leitura integral do texto.

Os resumos são “precedidos de referências do documento”, a primeira frase deve ser de tal modo que busque expressar o cerne do documento, seu tema principal (ABNT, 2003). Os resumos podem ser compostos por textos que não sejam menores que 50 palavras e não se estendam para além de 500, dependendo de sua finalidade e documento.

Retomando, as bibliografias devem obedecer, também, a um arranjo intrínseco que devem ser alfabéticos ou classificatórios, o que melhor convier (PLACER, 1955).

Deve-se considerar, de suma importância, a apresentação gráfica do material. Nessa etapa, fica a cargo do organizador determinar a composição. Porém, ainda que sejam tomadas decisões que melhor servir para cada tipo de bibliografia a ser realizada, é necessária atenção para:

- a) **grafia** – deve-se atentar para transcrever *ad litteram* (literalmente) os elementos apresentados pelo documento, evitando apenas o excesso de maiúsculas nos títulos (PLACER, 1955);
- b) **pontuação** – seguindo regras gerais da gramática vigente (PLACER, 1955);
- c) **disposição gráfica** – “as referências devem ser elaboradas em espaço simples, alinhadas à margem esquerda do texto e separadas entre si por uma linha em branco de espaço simples” (ABNT, 2020, p. 05).
- d) **convenções tipográficas** – considerar a clareza e evitar poluição visual (PLACER, 1955).

Por fim, faz-se necessário salientar que o organizador da bibliografia deve considerar sempre as necessidades que levaram à execução do documento. Segundo Araújo (2014, p.

102), Paul Otlet conceitua “‘documentos’ significando a totalidade dos artefatos humanos, registrados das mais diversas maneiras, nos mais diversos suportes, livros, manuscritos, fotografias, pinturas, esculturas, imagens em movimento, registros fonográficos, selos, estampas, etc [*sic*]”, sendo todos esses tipos passíveis de bibliografias.

4 METODOLOGIA

Com os referenciais teóricos que precedem esta seção, buscou-se: elucidar primeiramente sobre o universo da pesquisa o jornal *Lampião da Esquina*; e, utilizou-se da literatura da Biblioteconomia e Ciência da Informação para fundar os conhecimentos teóricos sobre bibliografia.

Prosseguindo com a fundamentação metodológica, segundo Ruiz (1980, p. 109-110) “o método do conhecimento científico é experimental, a ciência caminha apoiada nos fatos reais [*sic*] e concretos e só afirma aquilo que a experimentação autoriza [...]”. Dispondo de métodos científicos e filosóficos que visam orientar a realização da pesquisa quanto a seu escopo e objetivos, Assim, espera-se que resultados façam progredir a ciência, e as inquietudes filosóficas.

Quanto aos métodos científico-filosófico, Ruiz (1980, p. 109) diz que o “conhecimento científico atinge fatos concretos, positivos, fenômenos perceptíveis pelos sentidos mediante instrumentos”; Ruiz (1980, p. 110) também aponta que “a filosofia indaga, traça rumos, assume posições, estruturam correntes que inspiram ou dominam mentalidades em determinados períodos”. Logo, o método fenomenológico é então empregado na pesquisa, como apontam Gil (1999) e Silva Triviños (1992), citados por Silva e Menezes (2005, p. 27):

[...] preconizado por Husserl, o método fenomenológico não é de-dutivo [*sic*] nem indutivo. Preocupa-se com a descrição direta da experiência tal como ela é. A realidade é construída social-mente [*sic*] e entendida como o compreendido, o interpretado, o comunicado. Então, a realidade não é única: existem tantas quantas forem as suas interpretações e comunicações. O su-jeito/ator [*sic*] é reconhecidamente importante no processo de construção do conhecimento.

Entende-se que o ser humano, a liberdade e a vida humana tangem uma variedade de fatores (fenômenos) que constituem o sujeito social. Os sujeitos são seres inacabados, que visam poder e estão sentenciados às mazelas, ainda são influenciados pelo meio. Pela fenomenologia pode-se melhor compreender o existencialismo, como estes sujeitos estão para o outro e em (re)construção do ser.

Seguindo com os aspectos metodológicos da pesquisa, na pretensão de averiguação do número total de escritores homens e mulheres (cisgênero ou transgênero), a normalização se dará de acordo com a NBR 6023:2018, versão atualizada no ano de 2020. Formaliza-se para este trabalho indicar todos os autores presentes na obra, não fazendo uso do termo em latim *et*

al²⁰, pois, segundo a norma vigente, “quando houver quatro ou mais autores, convém indicar todos” (ABNT, 2020, p. 35), assim facilitará a somatória final de autores(as) relacionados.

A natureza da pesquisa se dá de forma aplicada, pois, segundo Silva e Menezes (2005), a pesquisa aplicada visa investigação designando a solução de problemas específicos. Aplicando as abordagens quantitativa e qualitativa, que permitem mensurar informações e a interpretação de fenômenos.

Para os tratamentos dos dados utilizou-se, primeiramente, o catálogo de autoridades da Biblioteca Nacional²¹, para a verificação de informações sobre os(as) escritores(as) e complementar as referências das obras listadas. Utilizou-se, também, o catálogo *Library of Congress Authorities*²² e o *Virtual International Authority File*²³, na finalidade de complementar dados faltantes e confirmar informações.

Quanto ao tipo de pesquisa entende-se que esta tem natureza exploratória que, segundo Gil (2002, p. 41), “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...]”. As pesquisas exploratórias têm caráter flexível, que possibilita aprimorar ideias e constituir induções sobre o objeto pesquisado. É também sabido que a natureza exploratória permite as pesquisas de cunho bibliográficas (GIL, 2002).

A análise de conteúdo, método voltado para a área de Ciência da Informação, é aplicada para a investigação do conteúdo do periódico a fim de esclarecer os objetivos traçados. Uma vez que o método permite deduções lógicas, “a intenção de qualquer investigação é produzir inferências válidas”, a partir dos dados coletados (VALENTIM, 2005, p. 124).

Os procedimentos técnicos, ou coleta de dados (GIL, 2002), dão-se de forma documental e bibliográfica. Os métodos documentais são aplicados quando os materiais estão, ainda, propensos ao tratamento, segundo Gil (2002, p. 89) “o grande volume de material produzido pelos meios de comunicação e a necessidade de interpretá-lo determinou o aparecimento da análise de conteúdo”. Já as pesquisas de cunho bibliográfico se voltam para a revisão de literatura sobre um o objeto de estudo, considerando a “identificação das fontes capazes de fornecer as respostas adequadas à solução do problema proposto” (GIL, 2002, p. 64).

²⁰ E outros.

²¹ http://acervo.bn.gov.br/sophia_web.

²² <https://authorities.loc.gov/>

²³ <http://viaf.org/>

Para melhor compreensão dos métodos propõe-se a representação (Quadro 4) a seguir.

Quadro 4 – Concepções metodológicas

Aspecto	Descrição
Natureza	Aplicada
Abordagem	Qualitativa/Quantitativa
Objetivos	Exploratórios
Procedimento	Análise documental
Coleta de dados	Documental/Bibliográfica

Fonte: Elaboração própria (2021).

Continuando, para a composição do referencial teórico, a fim de conceituar o propósito da pesquisa (literatura homoerótica e bibliografia) buscou-se – no período entre junho e outubro de 2020 – nos bancos de dados e repositórios acadêmicos os termos: “**lampião da esquina**”; “**jornal guei**”; “**jornal gay**”; “**biblioteca universal guei**”. Foram utilizados os operadores booleanos *aspas* para que se recuperasse a expressão ou termo exato.

Foram pesquisados os termos no Repositório Institucional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na Base PERI, na biblioteca eletrônica *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), na base de dados *Google Scholar*.

Com foco no *corpus* da pesquisa, a busca pelos termos “**biblioteca universal guei**”, recuperou 86 documentos ao todo, apenas três deles citam diretamente a seção, sendo eles:

- Artigo – NASCIMENTO, Dorinaldo dos Santo. Homorrepresentação dos solteirões em contos de Gasparino Damata.
- Dissertação – SANTOS, Rogério Reis dos. **Uma bicha atrevida pede a palavra**: o Lampião da Esquina e a resistência de homossexuais durante a ditadura civil militar brasileira.
- Dissertação – TAGANELLI, Larissa de Rezende. **Há perigo na esquina**: discursos dissidentes no jornal Lampião (1978-1981).

Contudo, nenhum dos documentos supracitados, ainda que tratem do objeto de estudo, mesmo que possam se aproximam do *corpus* da pesquisa (*Biblioteca Universal Guei*), estes não versam sobre o mesmo tema, sequer possuem objetivos desta pesquisa equivalentes.

As consultas aos exemplares do *Lampião da Esquina* foram possíveis de ser recolhidas, e examinadas, a partir dos exemplares digitalizados e publicados por meio do *site*

Grupo Dignidade²⁴ e da página do **Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual (IBDSEX)**²⁵. Por meio destes *sites* foi possível recolher todos os números do jornal com ótima resolução e conteúdo integral, sem censuras e/ou marcas que poderiam, porventura, impedir que fossem resgatadas as referências das obras listadas na seção bibliográfica. É importante salientar que o conhecimento do *site* do *Grupo Dignidade* se deu por meio do buscador *Google*, já o *site* do IBDSEX se deu por meio da lista de discussão do Grupo de Trabalho de **BDEG**.

Sinaliza-se que, após a coleta (na forma de *download*) dos exemplares do *Lampião da Esquina* nos *sites* supracitados, o compilado fora armazenado em nuvem (*Onedrive* da *Microsoft*) e lidos pelo *software Adobe Acrobat Reader DC*. Todos os equipamentos e softwares são de propriedade do autor.

As etapas de execução das análises e notações se deu da seguinte forma:

- **Parte 1:** Reunião dos fascículos do *Lampião da Esquina*;
- **Parte 2:** Escolha da seção a ser analisada;
- **Parte 3:** Revisão teórica sobre bibliografia;
- **Parte 4:** Construção do modelo de relação das obras e notação;
- **Parte 5:** Análise dos exemplares do *Lampião da Esquina*, incluindo especiais e edição zero;
- **Parte 6:** Inventário das obras referenciadas no jornal.

Assim sendo, para que se alcançasse os objetivos da pesquisa, realizou-se análise dos 41 exemplares do universo de pesquisa – jornal *Lampião da Esquina* –, na função de localizar dados e informações que dessem suporte para alcançar os objetivos propostos. Direcionando a análise documentária para os dados contidos, principalmente, na seção *Biblioteca Universal Guei*, que fossem referentes às obras literárias e seus autores. Como posto, os exemplares que não contiverem a seção bibliográfica serão, pela lógica, não inseridos na pesquisa, e sublimados dos resultados. Para melhor contextualização, a seção seguinte versará sobre o corpus da pesquisa.

²⁴ <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>.

²⁵ https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/

4.1 Corpus da pesquisa

Para a realização deste trabalho, imbuído da questão central que visa relacionar bibliograficamente as obras indicadas no *Lampião da Esquina*, tem-se como *corpus* de pesquisa a seção de indicação de literatura *Biblioteca Universal Guei*.

O primeiro contato com o universo da pesquisa, o jornal *Lampião da Esquina*, ocorreu por meio do documentário de mesmo título (“Lampião da Esquina”), de 2016, dirigido e escrito por Livia Perez e codirigido por Noel Carvalho. O documentário é uma coprodução do *Canal Brasil*, rede de televisão a cabo, do grupo Globosat, mesmo canal televisivo por onde aconteceu o primeiro contato com a produção fílmica – no ano de 2017 (Apêndice B). O *release* do filme documentário nos traz:

‘Por que nós não fazemos um jornal com um ponto de vista homossexual sobre questões diversas e sobretudo sobre a homossexualidade?’

Assim nasceu o *Lampião*, em plena ditadura militar, com a intenção de dar voz às chamadas ‘minorias’ da época – homossexuais, mulheres, negros e indígenas, um grupo de jornalistas e escritores homossexuais se reuniu com a idéia [*sic*] de criar um jornal.

Na pauta, temas ainda inéditos para a imprensa brasileira: feminismo, sexualidade, aborto, racismo, ecologia, drogas, machismo, prostituição...

Lampião da Esquina é um documentário sobre o primeiro jornal brasileiro a trazer abertamente questões homossexuais. Com a participação de Ney Matogrosso, Aguinaldo Silva, João Silvério Trevisan, Edy Star, Leci Brandão o filme traça a trajetória do *Lampião* além de contextualizar o período em que aconteceu essa iniciativa histórica (DOCTELA, [201-?]).

Como visto, na década de 1970, o *Lampião da Esquina*, coordenado por Aguinaldo Silva entre outros, circulou – pela imprensa alternativa e independente do país – durante a ditadura militar no Brasil. Impresso no Rio de Janeiro entre os anos 1978 e 1981, tendo no total 41 edições, incluindo o número zero e edições especiais. Inicialmente, cada edição teve uma circulação aproximada de 10 a 15 mil exemplares em todo o país (SIMÕES JÚNIOR, 2013; COELHO, 2014).

A concepção do jornal tinha como premissa representar “uma classe que não possuía voz na sociedade, mostrando-se importante para a construção de uma identidade nacional pluralista” (GRUPO DIGNIDADE, [20-?]) ofertando para os indivíduos LGBTQIA+ um passe livre – de aspecto cultural e informacional – para fora da margem social. Em número experimental o Conselho Editorial ressalta a necessidade de resgatar condições igualitárias para as minorias, condições negadas aos homossexuais pelas “sociedades constituídas em

bases machistas”, salientando “o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal (CONSELHO..., 1978, p. 02)”.

Com isso posto, verifica-se que o *Lampião da Esquina* teve ao todo 41 números publicados. Considerando a Edição Experimental – Número Zero, publicada em abril de 1978 –, foram, também, veiculadas três edições extras: Edição Extra 01 publicada em dezembro de 1979; Edição Extra 02 sem data e ano de publicação; Edição Extra 03 publicada em 1980 (Quadro 5).

Quadro 5 – Edições extras do *Lampião da Esquina*

Lapião da Esquina					
Edição	Ano	Nº	Data	Páginas	Principais títulos de capa
Experimental	—	0	abr. 1978	16	Homo eroticus: ...
Extra 1	—	—	dez. 1979	24	Libertários
Extra 2	—	—	—	8	Ensaio selvagens
Extra 3	—	—	1980	12	Entrevistas

Fonte: Elaboração própria (2021).

Apresentado o *Lampião da Esquina* e destacadas as edições experimentais e extras; verifica-se que o jornal teve periodicidade mensal, ao longo de quatro anos, da edição número 1 até a de número 37, de abril de 1978 a junho de 1981, cronologicamente (Quadro 6).

Quadro 6 – Edições do *Lampião da Esquina*

Lapião da Esquina					
Edição	Ano	Nº	Data	Páginas	Principais títulos de capa
01	1	1	maio/jun. 1978	16	As relações perigosas
02	1	2	jun./jul. 1978	16	Sou tarado...
03	1	3	jul./ago. 1978	16	Mulheres na redação: ...
04	1	4	ago./set. 1978	20	Travestis! ...
05	1	5	out. 1978	16	Cassandra Rios ainda resiste: ...
06	1	6	nov. 1978	16	Crimes sexuais
07	1	7	dez. 1978	16	Latinamérica! ...
08	1	8	jan. 1979	16	Gay. Macho
09	1	9	fev. 1979	16	Moral e bons costumes?
10	1	10	mar. 1979	16	Minorias exigem em São Paulo: ...
11	1	11	abr. 1979	20	Lesbianismo, machismo, aborto...
12	1	12	maio 1979	20	Amor entre mulheres...
13	2	13	jun. 1979	20	De Sodoma a Auschwitz...
14	2	14	jul. 1979	20	Alô, alô classe operária: ...
15	2	15	ago. 1979	20	Negros: qual é o lugar deles?

continua

continuação

16	2	16	set. 1979	20	Homossexuais se organizam
17	2	17	out. 1979	20	Corre que lá vem os home!
18	2	18	nov. 1979	20	Povo gay já pode falar
19	2	19	dez. 1979	20	Anistia apoia homossexuais
20	2	20	jan. 1980	20	Aconteceu no Rio: ...
21	2	21	fev. 1980	20	Tudo sobre o carnaval das bichas
22	2	22	mar. 1980	20	Carnaval das bichas é o maior do...
23	2	23	abr. 1980	20	Tudo sobre o encontro do povo gay
24	2	24	maio 1980	16	Homossexuais a nova força
25	3	25	jun. 1980	20	A volta do esquadrão mata-bicha
26	3	26	jul. 1980	20	A igreja e o homossexualismo...
27	3	27	ago. 1980	20	Enfim: o nu frontal!
28	3	28	set. 1980	20	Em agosto foi assim: ...
29	3	29	out. 1980	20	3 entrevistas para derrubar
30	3	30	nov. 1980	20	Prostitutos
31	3	31	dez. 1980	20	Masturbação o prazer da maioria!
32	3	32	jan. 1981	20	Brasil, campeão mundial de travestis
33	3	33	fev. 1981	20	Cuba: os órfãos de Sierra Maestra
34	3	34	mar. 1981	20	Hotéis de pegação...
35	3	35	abr. 1981	20	A bicha que virou mulher...
36	3	36	maio 1981	20	A praça é das bichas
37	3	37	—	20	Viado gosta de apanhar?

Fonte: Elaboração própria (2021).

Embora o periódico tenha colunas literárias (contos, crônicas, relatos, poesias etc.), *marketing* publicitário para veiculação das obras do selo Estante, seções, literatura, livro, teatro e cinema etc., esta pesquisa recolhe seus esforços apenas para as seções bibliográficas, principalmente quando intitulada *Biblioteca Universal Guei* (Figura 4).

Figura 4 – Seção *Biblioteca Universal Guei*

Biblioteca Universal Guei
Estes livros falam de você: suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os

<p>COBRA Sévero Sarduy 142 páginas, Cr\$ 160,00</p> <p>A história de Cobra, um invento do cubano Carmel, contada pelo escritor cubano Severo Sarduy, do seu exílio em Paris. Primeiro Medalão (melhor romance estrangeiro publicado na França) em 1972. Tradução de Genivaldo de Melo Mourão.</p>	<p>Maria Rita Kuhl, Gláucia Maraga, Flávio Aguiar e muitos outros discutem as relações entre sexo e poder. Dois debates: um sobre homossexualidade e repressão, com o pessoal do grupo Somo, de São Paulo.</p>	<p>PRIMEIRA CARTA AOS ANDRÓGINOS Agustão Silva 134 páginas, Cr\$ 120,00</p> <p>"A única maneira de obter a igualdade e o progresso nos relacionamentos humanos e amorosos consiste na expressão franca da natureza bisexual de todo homem e mulher".</p>	<p>OS SOLTEIRINHOS Georghe Dima 213 páginas, Cr\$ 140,00</p> <p>Um livro que se dispõe a mostrar o mundo dos homossexuais e tudo o que os tolhe e incomodam que os cerca, o medo. Enredo em meio político, ele vai buscar a linguagem dos seus personagens lá onde estão os encontros.</p>
<p>TISSA, AGATA Cassandre Rice 122 páginas, Cr\$ 140,00</p> <p>Uma história de crises, amores, suspense e amor, mas o amor surge de um resultado Cassandre Rice. Um romance de suspense, que alterna passagens líricas com um realismo cru, e que prende o leitor da primeira à última página.</p>	<p>TEOREMA DO Darcy Penteado 108 páginas, Cr\$ 120,00</p> <p>Um Papel Notô muito louco, uma bi-dizida sorveteira, uma lida malhada de- ligada... a história do bobo a grana fica muito louca e a sua soma no novo livro do autor de <i>A Meta</i> e <i>Grândia e Espantoso</i>. Ilustrações do autor.</p>	<p>MULHERES DA VIDA Vários autores 77 páginas, Cr\$ 100,00</p> <p>Norma Bengali, Leila Micótti, Isabel Câmara, Socorro Trinidad e outras mulheres questionam assuntos neste livro e não apenas das mulheres que não se conformam com a opção machista e tentam inventar sua própria linguagem. A poeta lêix não basta, calçada, feitura, boata, prisão, masculinidade e berde.</p>	<p>A TRAGÉDIA DA MINHA VIDA Denzel Wilde 194 páginas, Cr\$ 85,00</p> <p>O famoso discurso de Denzel Wilde sobre a sua vida se pôde, nele encontra dois anos de sexo, crescendo pelo desejo negro pelo crime de HOMOSSEXUALIS- MO. Um livro em que Wilde acusa e se defende, envolve pela história dos crimes e termina pelo sofrimento.</p>
<p>MACARÉ Cassandre Rice 200 páginas, Cr\$ 200,00</p> <p>Um novo capítulo na obra de Cassandre Rice: mistérios, mancha e suspense, aliado aos ingredientes habituais dos ma- rinhos muito especiais de tratar o sexo, um lírico. A autora começa, aqui, mais um retrato insuperável de mulher.</p>	<p>A META Darcy Penteado 99 páginas, Cr\$ 120,00</p> <p>"Darcy Penteado inventa deteões do gosto que a maioria gostaria que o homos- sexual fosse atravessado" (Léo Góes, Ri- beteira). O livro do estrão de um escritor que é também um artista em favor dos grupos es- tigmatizados.</p>	<p>O CRIME ANTES DA FESTA Agustão Silva 136 páginas, Cr\$ 100,00</p> <p>Através da história de Angela Dixit e seus amigos, que de trata como se fosse ficção, o autor interpreta e esclarece todas as cir- cunstanças de um cenário dramático de nossa alta sociedade. Um livro contra o machismo e a opressão.</p>	<p>SHIRLEY Laopoldo Serra 95 páginas, 115,00</p> <p>A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão. Walter Shirley é um personagem que tenta misturar suas atividades para ser feliz no seu desejo. Dois seres humanos, envolvidos pela opção, buscam pela vida.</p>
<p>TERAPIA OCUPACIONAL (MENINAS EXPERIÊNCIAS) Oracinda Jonata de Melo 99 páginas, Cr\$ 130,00</p> <p>Vivências de uma mulher que desde os 13 anos de idade dedica-se às atividades ocupacionais e fontes mentais, descobrindo, através de sua profissão um mundo maravilho- so de sensibilidade e criação.</p>	<p>CRESCIDA E ESPARTANOS Darcy Penteado 189 páginas como este, que fala tudo aberta e desamalgamada, possui a dignidade que mais ostensivamente vem de emitir: nos "hábitos precatórios" (Paulo Hanko Filho). Dois roméis e cinco contos, do total dos seus ac realismo poético.</p>	<p>TESTAMENTO DE JONATAS DEKADADO A DAVE Jolo Silveiro Treviño 130 páginas, Cr\$ 120,00</p> <p>Uma viagem do autor no busco de si mes- mo. Após da estrada, de auxílio e luto es- tados com livro escrito com suor e sangue como, a história de uma geração cuja escrita é uma conquista lentamente em praça pública.</p>	<p>EXTRA/LAMPÍAO Estreitos 34 páginas, Cr\$ 40,00</p> <p>As três experiências marcantes sobre política sexual já feitas no Brasil: Fernando Gabeira, Ney Mascarenhas, Lucy Brazão e Cleóvald. Além de sexo e política: Altair Nascimento, fala de racismo, discriminação e ativismo negro; Assis Brasil, discute com o crime a "Elétrica" do livro "Regência dos Assassinos"; Aurélio Calmon, explica o seu cinema sendo masculina e feminino, e Darlene Glória, fala de Deus e do diabo.</p>
<p>SENO & PODER Vários autores 218 páginas, Cr\$ 130,00</p> <p>Jean-Claude Berroard, Agustão Silva,</p>	<p>NO PAIS DAS SOMBRAS Agustão Silva 97 páginas, Cr\$ 120,00</p> <p>Dois soldados portugueses vivem um gero- de amor em pleno Brasil colonial; encontram numa ocupação lutada, acabam na força. A história, recitada a partir de 1968, faz um levantamento de quatro séculos de repressão.</p>	<p>QUEDA DE BRAÇO Vários autores 302 páginas, Cr\$ 150,00</p> <p>Uma antologia do conto marginal, conside- ração de autores que os editores têm medo de publicar: Gerson Falcato, Raulo Modesto, Fernando Tatagiba, Gláucia Maraga, João César Monteiro Martins, Neto Maciel, Luís Fernando Emadiato, Paulo Augusto e Renald- do Aze, entre outros.</p>	<p>Escolha os que você quer ler e faça o seu pedido pelo reembolso postal à Equina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. — Caixa Postal 41051, CEP: 20046, Rio de Janeiro — RJ.</p> <p>Se você pedir mais de três livros receberá como bônus, gratuitamente grátis, um exem- plar de EXTRA/LAMPÍAO nº 1.</p>

LAMPÍAO da Esquina Página 17

Fonte: Seção do *Lampião da Esquina* (BIBLIOTECA..., 1980, p. 17).

A seção *Biblioteca Universal Guei* relacionava literatura e produções com vieses científicos, principalmente, sobre a cena gay e lésbica nos anos de 1970 e 1980. Tinha como chamada o *slogan*: “Estes livros falam de você: suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os” (BIBLIOTECA..., 1980, p. 17). A seção perpassa as características de uma bibliografia no que tange o conteúdo e a forma de apresentação.

Nessa premissa, excluem-se também dessa pesquisa anúncios publicitários como:

- “Leia agora!”, *slogan*: “Se você é definido como um lixo nos compêndios [sic] de História, ou nas teorias dos intelectuais da moda, leia estes livros. Seus autores têm algo a lhe dizer” (LEIA..., 1978, p. 15) (Anexo A);
- “Sem essa de amor maldito”, *slogan*: “Oscar Wilde estava certo no seu tempo. Mas as coisas mudaram, e estes autores mostram por que [sic]. Leia e aprenda: o ex-amor maldito agora é uma boa” (SEM..., 1979) (Anexo B).

Destacam-se tais campanhas e comerciais porque essas configuram uma listagem de obras literárias, mas não se comportam propriamente como bibliografia, portanto não foram contempladas por esta pesquisa.

Como requisitos para que se considere dados suficientes para a realização deste trabalho acadêmico, espera-se que as seções de indicação literária representem os elementos do documento (livro) com dados: título, autoria, paginação e resumo. O valor não será um requisito entre os elementos essenciais, pois não representaria dados relevantes para esta pesquisa que versa sobre livros e autores.

Por fim, verifica-se a relevância histórica, social e cultural do tratamento dessa seção de forma holística como objeto de estudo. A partir da coleta de dados nos exemplares do *Lampião da Esquina*, com foco nas seções intituladas *Biblioteca Universal Guei*, e outras que porventura façam papel de bibliografia comercial, foi possível recuperar informações que dessem suporte à produção deste trabalho, os dados também contribuíram para que se tenha uma noção da bibliográfica circulante que possa ser um esboço da cena literária homoerótica no Brasil nas décadas de 1970 e 1980.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para atingir os objetivos (geral e específicos) esta seção busca apontar os resultados da pesquisa e discutir sobre os aspectos notados a partir da análise documental. Os dados coletados serão analisados sobre a ótica dos conceitos esclarecidos pela metodologia.

A partir da análise dos volumes do *Lampião da Esquina*, a seção *Biblioteca Universal Guei*, e outras relações de obras literárias, voltadas para o público LGBTQIA+ que atendem as especificidades das entradas que compõem uma bibliografia se concentra principalmente nos exemplares Extra 1 e Extra 3, e nos exemplares entre dezembro de 1979 e junho de 1981. Correlativamente, a seção é apresentada nos números relacionados a seguir (Quadro 7):

Quadro 7 – *Biblioteca Universal Guei* nas edições do *Lampião da Esquina*

<i>Biblioteca Universal Guei</i>					
Edição	Ano	Nº	Data	Página	Slogan da seção bibliográfica
Extra 1	—	—	dez. 1979	23	Estes livros falam de você.
Extra 3	—	—	1980	04	Livros novos na Biblioteca Universal Guei
17	2	17	out. 1979	09	Estes livros falam de você.
18	2	18	nov. 1979	20	Estes livros falam de você.
19	2	19	dez. 1979	08, 15	Estes livros falam de você.
20	2	20	jan. 1980	19	Estes livros falam de você.
21	2	21	fev. 1980	17	Biblioteca Universal Guei
22	2	22	mar. 1980	13	Biblioteca Universal Guei
23	2	23	abr. 1980	14	Biblioteca Universal Guei
25	3	25	jun. 1980	10	Biblioteca Universal Guei
26	3	26	jul. 1980	13	Biblioteca Universal Guei
27	3	27	ago. 1980	07	Livros novos na Biblioteca Universal Guei
28	3	28	set. 1980	16	Livros novos na Biblioteca Universal Guei
29	3	29	out. 1980	14	Livros novos na Biblioteca Universal Guei
30	3	30	nov. 1980	17	Livros novos na Biblioteca Universal Guei
31	3	31	dez. 1980	10, 11	—
32	3	32	jan. 1981	09	Livros novos na Biblioteca Universal Guei
33	3	33	fev. 1981	18	Livros novos na Biblioteca Universal Guei
34	3	34	mar. 1981	17	Biblioteca Universal Guei
35	3	35	abr. 1981	15	Biblioteca Universal Guei
36	3	36	maio. 1981	18	Biblioteca Universal Guei
37	3	37	—	04	Biblioteca Universal Guei

Fonte: Elaboração própria (2021).

Ademais, observou-se que, no número 34, de março de 1981, o jornal traz a *Biblioteca Universal Guei* em página inteira (Anexo C), dando destaque para novos livros e autores, assim como para as publicações do selo próprio. A seção, nessa edição, contemplou além dos títulos, autores, páginas, valor e breve resumo – como de costume –, notou-se que algumas obras tiveram as imagens de suas capas publicadas.

Algumas edições – como o número Extra 1, de dezembro de 1979, e o número 17, de outubro de 1979 – trazem como título da seção *Biblioteca Universal Guei* o slogan: “Estes livros falam de você. Suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os” (ESTES..., 1979, p. 09) (Anexo D). Pode-se constatar a partir dos dados levantados que, além do interesse comercial, o jornal também intenciona a mediação literária para com seus leitores, o incentivo para que os membros da comunidade LGBTQIA+ se vejam refletidos nas obras selecionadas, fazendo desse reflexo identitário um movimento político e social.

Após análise, à luz dos tipos de classificação segundo Otlet (2018), entende-se que a seção *Biblioteca Universal Guei* pode ser definida, de acordo com os quadros de tipos bibliográficos de Otlet (2018, p. 451), “quanto à natureza dos documentos bibliográficos (conteúdo)” (Quadro 8).

Quadro 8 – Documentos bibliográficos (conteúdo)

Elemento	Característica (item)	Extrato
Assunto	2. Um assunto determinado	Literatura homoerótica
Lugar de origem das publicações	2. Um país determinado	Brasil
Período das publicações	4. Uma certa data	1979-1981
Forma dos documentos	2. Uma espécie de documento 21. Livros	Livros
Língua dos documentos	2. Uma língua determinada	Português brasileiro
Extensão	2. Seletiva	Literatura

Fonte: Elaboração própria (2021).

Embora se note escritores internacionais relacionados, tem-se o título da obra em língua portuguesa, do Brasil. Logo, entende-se que as obras eram traduzidas para a língua quando comercializada.

Seguindo com Otlet (2018, p. 451), verifica-se a *Biblioteca Universal Guei* “quanto à natureza da publicação bibliografante (continente)” (Quadro 9).

Quadro 9 – Publicação bibliografante (continente)

Elemento	Característica (item)	Extrato
Tipos de gêneros	3. Registro com breve indicação do conteúdo da obra	Resumos
Forma de ordenação do registro	(Não se aplica)	—
Línguas da publicação bibliográfica	3. Um idioma determinado	Português brasileiro
Forma da publicação bibliográfica	3. Anexa a outra publicação	Seção do jornal
Periodicidade da publicação bibliográfica	3. Irregular	Irregular
Ordenação dos sumários que acompanham os fascículos	(Não se aplica)	—

Fonte: Elaboração própria (2021).

A ordenação das obras na seção bibliográfica não se aplica a nenhuma das opções propostas por Otlet (2018), o quadro poderia ser analisado quanto uma forma ideológica, mas comparando as publicações e entradas não se constata em qual item poderia ser enquadrada esse elemento extrínseco. Quanto ao elemento “Ordenação dos sumários que acompanham os fascículos” (Otlet, 2018, p. 451), também não se aplica à seção analisada, pois ela é parte integrante do *Lampião da Esquina*, não uma bibliografia autônoma.

Pela análise dos princípios apresentada por Dias e Pires (2005), entende-se que a seção em questão (*corpus* de pesquisa) se comporta de forma **seletiva** quanto à sua natureza; **nacional** e **internacional**, pela sua esfera geográfica; **especializada** por se tratar da literatura voltada para pessoas LGBTQIA+; **analítica**, uma vez que as referências da *Biblioteca Universal Guei* são acompanhadas de pequeno resumo.

Avançando nos resultados e discussões, totaliza-se 46 entradas de registro de livros na seção analisada (Apêndice C), nota-se que grande volume das obras relacionadas na seção se repete em variadas edições do periódico, tanto na *Biblioteca Universal Guei* quanto em anúncios publicitários. Este dado pode levar a compreensão de que, por serem obras escritas pelos editores do jornal, escritores que participaram do conselho editorial possam ter priorizado a autopublicidade. Considerando-se o fato de o jornal ter um selo próprio, o Esquina Editora, a autopublicação dos autores/conselheiros seria, por sua vez, de obras que não dependeriam de terceiros para serem vendidas e veiculadas.

É notado que os livros relacionados pela seção *Biblioteca Universal Guei* trazem obras diversas. Extrapolando a literatura e os construtos sociais da época, mantendo-se fiéis às temáticas de gênero e sexualidade. Além de promover visibilidade e reflexo para a comunidade LGBTQIA+, Coelho (2014, p. 23, grifo do autor) aponta que “o surgimento do

Lampião da Esquina foi dar conta dessas questões, fomentar a formação de uma *opinião pública* qualificada no que tange as questões referentes à sexualidade e suas nuances e inserir os sujeitos marginalizados”. Neste sentido de representação identitária, Grigoletto (2018, p. 93) aponta que “o gesto bibliográfico [atua] como alicerce de um dispositivo e a mediação como um dispositivo para produtos e processos”.

Investigando o título da seção – *biblioteca, universal* –, era esperado que a seção analisada não se comportasse como uma biblioteca. Oliveira (2011, p. 29) conceitua o espaço da biblioteca como local “de preservação dos conhecimentos gerados pela humanidade a partir de diferentes sociedades”. A biblioteca é também conceituada pela autora quanto ao seu propósito, como “uma coleção de documentos bibliográficos (livros [...]) e não bibliográficos [...] organizada e administrada para a formação, consulta e recreação de todo o público ou de determinadas categorias de usuários”. Visto isso, a seção não se comporta nem se compromete com a fruição e salvaguarda dos documentos relacionados. Atua, portanto, como bibliografia, a fim de mediar e/ou promover a produção literária – principalmente da Editora Esquina –, com foco na produção de literatura homoerótica de sua época.

Segundo Otlet (2018, p. 460) tais bibliografias assumem a responsabilidade de guarda histórias das editoras, quando os editores publicavam catálogos de livros novos e “catálogos de livros ditos ‘de fundo’, isto é, ainda em venda”; a seção funciona, portanto, para que os editores publiquem avisos e circulares, com ou sem resumo das obras.

Contudo, há de ser considerado que as bibliografias (como produto) também já foram nomeadas bibliotecas. Dessa maneira, pode ser entendido que o título *Biblioteca Universal Guei* não é aleatório, pois corresponde com seu propósito fim, de ser uma bibliografia. Segundo Boustany (2007), citada por Lara (2018, p. 129), “[...] antes de se chamar bibliografia, o repertório teve outros nomes, entre eles o vocábulo metafórico **biblioteca** que predominou por quase três séculos”.

Prosseguindo com a análise do título, Otlet (2018, p. 455) aponta que a bibliografia deve trazer em seu escopo e propósito “uma verdadeira história do espírito humano por meio dos próprios monumentos do pensamento”. A *Biblioteca Universal Guei* não se enquadraria como uma bibliografia universal: a partir dos estudos de Otlet (2018) é visto que este tipo de compilação deve abranger todos os livros existentes. Contudo, “os repertórios que registram a produção impressa de todos os povos, sem distinção de assunto ou de idioma, são chamados bibliografia gerais internacionais, anteriormente denominadas universais” (FIGUEIREDO; CUNHA, 1967, p. 51). Portanto, a seção do *Lampião da Esquina* toma aporte universal quando essa traz documentos de vários países, à sua época, para o público leitor.

Com isso, o título escolhido para a seção bibliográfica é amparado pela literatura da área. Mesmo que seja um nome que faz alusão a pertencimento, ou abrangência, acaba por se relacionar com as questões bibliográficas como proposta pelo jornal.

Quanto aos resumos que acompanham as referências dos livros indicados pela seção, estes tendem a ser breves notas com intuito de direcionar o público às obras. Há uma diversidade de resumos que aparentam se comportar como personalidades, em que os autores são destacados pelo grau de intimidade, por vezes contendo tons passionais ao passo de caráter profissional jornalístico, como visto no resumo de *Queda de braço*, de Benício Medeiros e outros autores:

Uma antologia do conto marginal, reunindo os autores que os editores têm medo de publicar: Gente finíssima, Benício Medeiros, Fernando Tatagiba, Glauco Mattoso, Júlio César Monteiro Martins, Nilto Maciel, Luiz Fernando Emediato, Paulo Augusto e Reinoldo Atem, entre outros (ESTES..., 1979, p. 09).

Contudo, são veemente incisivos quanto ao conteúdo abordado quando buscam traços das personagens que possam levar a identificações imediatas com o leitor, como pode ser visto no resumo de *Os Solteirões*, de Gasparino da Mata:

Um livro que se dispõe a esmiuçar o mundo dos homossexuais e tudo o que os tolhe: a incompreensão que os cerca, o medo. Escrito sem meias palavras, ele vai buscar a linguagem dos seus personagens lá onde autor os encontrou (ESTES..., 1979, p. 09).

Pode-se perceber que as obras científicas trazem em seus resumos signos que possam traduzir os conflitos dos sujeitos LGBTQIA+ dentro da “normalidade” ditada pelos padrões sociais das décadas de 1970 e 1980 e, ainda que com suas dessemelhanças, esses sujeitos são passíveis de serem inseridos nos meios sociais tradicionais, como em *Estigma do passivo sexual*, de Michel Misse:

Um estudo sociológico sobre o estigma que se debate sobre os passivos sexuais – a mulher e o homossexual. A conclusão do autor é que, como caricatura da mulher, o travesti representaria, até as últimas conseqüências [sic], não só a incorporação radical do paradigma da feminilidade fundado no estigma do “passivo sexual”, como também sua negação debochada, explosiva (BIBLIOTECA..., 1981, p. 17):

Constata-se que a grande parcela dos livros indicados eram obras dos criadores do jornal, como o autor **Aguinaldo Silva, João Silvério Trevisan, Darcy Penteado e Gasparino Damata**. Todas as edições do *Lampião da Esquina* tiveram obras desses autores indicadas na seção *Biblioteca Universal Guei*; as obras também eram veiculadas por meio de outras publicidades. Nascimento (2018) aponta que *Os Solteirões*, de Gasparino Damata foi enviado aos assinantes e figurou entre os anúncios publicitários em várias edições.

Compreende-se que, após a relação obtida das obras indicada na seção, a influência estrangeira era predominante nas indicações de literatura, propriamente nos livros científicos ou paracientíficos. Os estudos com temáticas de gênero e sexualidade, em grande maioria, eram realizados por autores estrangeiros, provavelmente traduzidos para o português brasileiro. Torna-se importante esta observação, pois o jornal surgiu

[...] graças ao fracasso do milagre econômico brasileiro, após um período de silenciamento e perseguição. A anistia trazia de volta ao Brasil estudiosos, artistas e intelectuais que na Europa e Estados Unidos haviam travado contato com os chamados discursos minoritários” (SIMÕES JÚNIOR, 2013, p. 35).

As obras literárias, nacionais e internacionais, clássicas e contemporâneas à época eram indicadas pela seção, para que o leitor pudesse ter a amplitude da literatura homoerótica, de forma a reverberar as palavras escolhidas para título da seção (*Biblioteca /Universal /Gay*). Como exemplo, a literatura homoerótica de **Marquês de Sade** e de **Oscar Wilde** foi indicada pela seção, pois os autores são cânones internacionais gays. Porém, observa-se que autores nacionais não contemporâneos ao século XX não foram indicados nessa seção pelos seus idealizadores.

Os dados obtidos por meio da recuperação realizada das obras indicadas pela seção *Biblioteca Universal Guei*, do jornal *Lampião da Esquina*, indicam que, das 46 obras relacionadas, puderam contabilizar 53 escritores(as) listados a seguir:

a) autoras e escritoras mulheres:

1. Cassandra Rios (1932-2002). Pseudônimo de Odete Rios Pérez Perañez Gonzáles Hernández Arrelano – São Paulo, Brasil;
2. Isabel Câmara (1940-2006) – Minas Gerais, Brasil;
3. Leila Miccolins (1947-) – Rio de Janeiro, Brasil;
4. Maria Inácia D’Ávila Neto – Brasil;
5. Maria Rita Kehl (1951-) – São Paulo, Brasil;
6. Norma Bengell (1935-2013) – Rio de Janeiro, Brasil;
7. Otacília Josefa de Melo (1935-) – Pernambuco, Brasil;
8. Ruddy Pinho (1944-2021) – Minas Gerais, Brasil;
9. Socorro Trindad (1950-) – Brasil;
10. Virginia Johnson (1925-2013) – Missouri, Estados Unidos da América (EUA).

b) autores e escritores homens:

1. Aguinaldo Silva (1943-) – Pernambuco, Brasil;

2. André Baudry (1922-2018) – Noise, França;
3. Antoine D'Arc – França;
4. Benício Medeiros;
5. Daniel Guérin (1904-1988) – Paris, França;
6. Daniel L. Pastura – Brasil;
7. Darcy Penteado (1926-1987) – São Paulo, Brasil;
8. Doc Comparato (1949-). Pseudônimo de Luis Félix Comparato – Rio de Janeiro, Brasil;
9. Fernando Melo (1945-) – Pernambuco, Brasil;
10. Fernando Tatagiba (1946-1988) – Espírito Santo, Brasil;
11. Flávio Aguiar (1947-) – Rio Grande do Sul, Brasil;
12. Francisco Bittencourt (1933-1997) – Rio Grande do Sul, Brasil;
13. Gasparino Damata (1918-1968) – Pernambuco, Brasil;
14. Glauco Mattoso (1951-). Pseudônimo de Pedro José Ferreira da Silva – São Paulo, Brasil;
15. Gore Vidal (1925-2012) – Nova York, EUA;
16. Guido Mantega;
17. Guy Hocquenghem (1946-1988) – Boulogne-Billancourt, França;
18. Jean-Claude Bernardet (1936-) – Charleroi, Bélgica / naturalizado brasileiro;
19. João Silvério Trevisan (1944-) – São Paulo, Brasil;
20. Jorge Domingos;
21. José Maria de Pinho → ver: Ruddy Pinho;
22. Júlio César Monteiro Martins (1955-2014) – Rio de Janeiro, Brasil;
23. Leopoldo Serran (1942-2008) – Rio de Janeiro, Brasil;
24. Luiz Fernando Emediato (1951-) – Minas Gerais, Brasil;
25. Manuel Puig (1932-1990) – General Villegas, Argentina;
26. Marc Daniel;
27. Marquês de Sade (1740-1814) – Paris, França;
28. Michael Bon – França;
29. Michel Misse (1951-) – Rio de Janeiro, Brasil;
30. Nilto Maciel (1945-2014) – Ceará, Brasil;
31. Nívio Ramos Sales – Brasil;
32. Oscar Wilde (1854-1900) – Dublin, Irlanda;

33. Paulo Augusto (1950-) – Rio Grande do Norte, Brasil;
34. Paulo Hecker Filho (1926-2005) – Rio Grande do Sul, Brasil;
35. Reinoldo Atem (1950-) – Piauí, Brasil;
36. Roberto Piva (1937-2010) – São Paulo, Brasil;
37. Severo Sarduy (1937-1993) – Camagüey, Cuba;
38. Truman Capote (1924-1984) – Luisiana, EUA;
39. Walker Luna (1925-) – Bahia, Brasil;
40. Wanderlei Aguiar Bragança (alusivo, Wanderley Aguiar Bragança) – Brasil;
41. Wilhelm Reich (1897-1957) – Dobrzanica, Ucrânia;
42. William Masters (1915-2001) – Ohio, EUA;
43. Winston Leyland (1940-) – Lancashire, Reino Unido;
44. Zeno Wilde (1947-1998) – Mato Grosso do Sul, Brasil.

Nota-se que, dez dos(as) escritores(as) são mulheres e 43 são homens. Não se sabe, especificamente, quanto às identidades de gênero (transgênero ou cisgênero) de todos(as) os(as) escritores(as) a partir dos materiais e catálogos de autoridades consultados.

A identidade e a expressão de gênero têm exceção pelo escritor José Maria de Pinho, a Ruddy Pinho (1944-2021). Escritora transexual “mineira de Sabinópolis, cabeleireira de personalidades e famosos, atriz e escritora” (BELUSI, 2007). Foi “a primeira pessoa trans a publicar um livro no Brasil, *Eu, Ruddy* (primeira edição publicada em 1980), e que de lá para cá, dos 38 livros que se conhecem de autoria trans, sete são só dela, sem contar sua participação em outros dois.” (MOIRA, 2018). A escritora consta nos catálogos de autoridade da Biblioteca Nacional, da *Library of Congress*, assim como no *Virtual International Authority File*, com prenome Ruddy. O homônimo José Maria de Pinho encontrado no catálogo da Biblioteca Nacional não corresponde à escritora.

De alguns(mas) autores(as) e escritores(as) não foram conseguidos resultados quanto a suas nacionalidades pois havia dados inconstantes ou faltantes, assim como caso de homônimos. Assegurou-se pelo certo ao suposto, pois a integridade de uma bibliografia pode ser comprometida por dados incorretos (PLACER, 1955) são eles: Benício Medeiros; Guido Mantega; Jorge Domingos; Marc Daniel.

Pela relação de obras obtida pode-se notar, também, que os escritores **Aguinaldo Silva** (seis obras) e **Darcy Penteado** (três obras) foram mais indicados em número de obras. Os escritores a seguir tiveram duas obras indicadas pela seção: **Oscar Wilde**, **Paulo Hecker**

Filho e Roberto Piva. Importante ressaltar que **Cassandra Rios** foi a única escritora (mulher) a ter dois livros indicados pela seção.

Pode-se examinar que a tônica do *Lampião da Esquina* é o público gay masculino, visto que a literatura sáfica é pouco contemplada pelo jornal. Baseando nas informações obtidas pelos dados e relações, a maioria das obras é para homens gays e a maior proporção são escritores homens. A literatura de e para mulheres teve seu grande foco em Cassandra Rios, que foi capa da edição de número cinco *Cassandra Rios ainda resiste: com 36 livros proibidos, ela só pensa em escrever*, em outubro de 1978 (Figura 5). Quanto aos livros com teor científico, Maria Inácia D'avila Neto. participa com *O Autoritarismo e a Mulher: Jogo da Dominação Macho-Fêmea no Brasil*.

Figura 5 – Edição 5: Cassandra Rios



Fonte: Lampião... (1978b, p. 1).

Nota-se, a partir dos mesmos dados, que a prevalência são os(as) escritores(as) nacionais. Há expectativa de que apenas 15 dos(as) escritores(as) sejam de nacionalidade estrangeira. Conclui-se que as obras de literatura nacional, oriundas de autores que compunham o corpo editorial detinham maior representatividade na seção.

Após leitura, análise, levantamento e relação, entende-se que os esforços para a indicação de literatura homoerótica foi realizado pela equipe editorial do *Lampião da Esquina*

em todos os seus números. Ainda que alguns números do periódico não contivessem uma relação bibliográfica das obras, os criadores se preocupavam em divulgar literatura homoerótica realizando o papel de mediadores literário e informacional – de obras que se concentram no século XX – para comercialização, pelo método de reembolso postal, por meio de veículos de publicidade de novas obras, também na publicação de contos, crônicas e poesias, assim como colunas que versassem de livros e literatura.

Pelo seu caráter e propósitos político e social o *Lampião da Esquina*: “foi um dos representantes da imprensa alternativa brasileira que atingiram os mais altos e diversos níveis de transgressão e foi um divisor de águas na construção de identidades gays” (MACHADO, 2007, p. 62). O jornal “[...] iluminou o caminho de várias pessoas que viviam à sombra de sua própria identidade. Foi importante para toda essa geração que pôde ver que não estava sozinha, que não era louca nem doente, e que existia um outro lado” (RODRIGUES, 2005 *apud* MACHADO, 2007, p. 62).

Flusser (1980), citado por Martins (2014, p. 173), aponta que a mediação da leitura é “uma ação que tem em vista a síntese entre o contexto cultural e os acervos, considerando o processo social que culmina na distância entre o público e a biblioteca”, no caso da seção a luz do lampião permitiu que seu público-alvo (homens gays) trilhasse a vereda de suas identidades a partir das leituras indicadas e comercializadas. O *Lampião da Esquina* atuou, com sua seção bibliográfica, de forma cognitiva, significativa e, ainda, transferencial (MARTINS, 2014).

Com ação de mediação da leitura e da informação pela bibliografia, os leitores tiveram acesso aos registros de informação. Com isso, a *Biblioteca Universal Guei*, propiciou aos seus leitores a construção do conhecimento por meio da literatura e obras de cunho científico, que permitiu aos sujeitos representatividade, vendo refletidas nas personagens e na ciência seus comportamentos, identidades e culturas. Por exemplo, obras como *Estigma do passivo sexual*, de Michel Misse, ampliaram os conceitos hegemônicos sobre sexo, gênero, sexualidade e performance das masculinidades, permitindo aos leitores que se apropriassem da informação e construíssem pensamentos a partir de pesquisas nucleares, culminando na autoaceitação.

Nota-se que as colunas de arte e literatura são constantes no *Lampião da Esquina*, porém, esta pesquisa manteve seu foco na seção bibliográfica, portanto, reitera-se que se excluiu de análises e da notação final a relação de livros comentados na coluna *O Livro*. Entende-se, então, a partir dos dados coletados, que a iniciativa da seção bibliográfica se inicia no ano de 1979, segundo ano do jornal. A saber, a seção *Tendências*, trouxe resenha de uma

grande parte das obras relacionadas na seção *Biblioteca Universal Guei* (TANGANELLI, 2019, p. 69).

Por fim, recobra-se que, por meio da relação obtida, objetiva-se incentivar outras pesquisas sobre a literatura homoerótica no Brasil e até pelo mesmo *corpus* de pesquisa; de forma a tornar ainda mais relevante a literatura LGBTQIA+ e seus colaboradores, nacionais e internacionais e fomentando o reflexo das identidades na literatura e o ato de ler que emancipa os sujeitos sociais (FREIRE, 1989).

5.1 Relação da “Biblioteca Universal Guei”

Figueiredo e Cunha (1967) apontam que a transcrição – ou seja, a referência –, consigna dados e possibilita a identificação dos documentos, no todo ou em partes. De acordo com a norma vigente da ABNT (2020) que versa sobre as referências – recapitulando, a NBR 6023:2018 – deve-se atentar para os elementos essenciais e suas possíveis variações. Para tal elaboração foi notado que os documentos, em sua maioria, assemelham-se à “monografia no todo”, onde estão inclusos os livros.

Dessa forma, como se apresentou na seção de revisão literária, a referência deve ter como elementos essenciais: autor; título; subtítulo (se houver); edição (desconsiderando a primeira, se houver); local (na falta deste assinalar com *sine loco* ([s.l.]²⁶); editora (na falta deste assinalar com *sine nomine* ([s.n.]²⁷); data de publicação (PLACER, 1955; ABNT, 2020).

Além disso, “quando necessário, acrescentam-se elementos complementares à referência para melhor identificar o documento” (ABNT, 2020, p. 06).

Com isso posto, tem-se a relação *in extenso*:

1. AUGUSTO, Paulo. **Falo**. [s.l.]: [s.n.]. 70 p.
2. BENGELL, Norma; MICCOLIS, Leila; CÂMARA, Isabel; TRINDAD, Socorro. **Mulheres da vida**. [s.l.]: [s.n.]. 77 p.
3. BERNARDET, Jean-Claude; SILVA, Aguinaldo; KEHL, Maria Rita; MANTEGA, Guido; AGUIAR, Flávio. **Sexo & Poder**. [s.l.]: [s.n.]. 218 p.
4. BITTENCOURT, Francisco (Org.). **A bicha que ri**. [s.l.]: [s.n.]. 100 p.
5. BON, Michael; D’ARC, Antoine. **Relatório sobre a homossexualidade masculina**. [s.l.]: [s.n.]. 381 p.
6. CAPOTE, Truman. **Os cães ladram**. [s.n.]: [s.n.]. 345 p.

²⁶ Não há local.

²⁷ Sem nome.

7. D'AVILA NETO, Maria Inácia. **O autoritarismo e a mulher**. [s.l.]: [s.n.]. 128 p.
8. DAMATA, Gasparino. **Os solteirões**. [s.l.]: [s.n.]. 213 p.
9. DANIEL, Marc; BAUDRY, André. **Os homossexuais**. [s.l.]: [s.n.]. 173 p.
10. DOMINGOS, Jorge. **Balu**. [s.l.]: [s.n.]. 66 p.
11. GUÉRIN, Daniel. **Um ensaio sobre a revolução sexual**. [s.l.]: [s.n.], [196-]. 192 p.
12. HECKER FILHO, Paulo. **Internato**. [s.l.]: [s.n.], 1951. 72 p.
13. HECKER FILHO, Paulo. **O digno do homem**. [s.l.]: [s.n.], 1957. 72 p.
14. HOCQUENGHEM, Guy. **A contestação homossexual**. [s.l.]: [s.n.]. 150 p.
15. LEYLAND, Winston (Org.). **Sexualidade e criação literária**. [s.l.]: [s.n.]. 251 p.
16. LUNA, Walker. **Companheiro**. [s.l.]: [s.n.], 1979. 100 p.
17. MASTERS, William; JOHNSON, Virginia. **Homossexualidade em perspectiva**. [s.l.]: [s.n.]. 363 p.
18. MEDEIROS, Benício; TATAGIBA, Fernando; MATTOSO, Glauco; MARTINS, Júlio César Monteiro; MACIEL, Nilto; EMEDIATO, Luiz Fernando; AUGUSTO, Paulo; ATEM, Reinoldo. **Queda de braço**. [s.l.]: [s.n.]. 302 p.
19. MELO, Fernando. **A condessa da Lapa**. [s.l.]: [s.n.]. 189 p.
20. MELO, Otacília Josefa de. **Terapia ocupacional** (minhas experiências). [s.l.]: [s.n.]. 99 p.
21. MISSE, Michel. **Estigma do passivo sexual**. [s.l.]: [s.n.]. 72 p.
22. PASTURA, Daniel L. **Porque mataram Pasolini**. [s.l.]: [s.n.]. 97 p.
23. PENTEADO, Darcy. **A meta**. [s.l.]: [s.n.]. 99 p.
24. PENTEADO, Darcy. **Crecilda e espartanos**. [s.l.]: [s.n.]. 189 p.
25. PENTEADO, Darcy. **Teoremambo**. [s.l.]: [s.n.]. 108 p.
26. PINHO, José Maria de. **Eu, Ruddy**. Ilustrações de Vânia Toledo. [s.l.]: [s.n.]. 60 p.
27. PIVA, Roberto. **Coxas**. [s.l.]: [s.n.]. 70 p.
28. PIVA, Roberto. **Piazzas**. [s.l.]: [s.n.]. 56 p.
29. PUIG, Manuel. **O beijo da mulher aranha**. [s.l.]: [s.n.]. 246 p.
30. REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo**. [s.l.]: [s.n.]. 310 p.
31. RIOS, Cassandra. **Macária**. [s.l.]: [s.n.]. 250 p.
32. RIOS, Cassandra. **Tessa, a gata**. [s.l.]: [s.n.]. 122 p.
33. SADE, Marquês de. **Escola de libertinagem**. Rio de Janeiro: Esquina, 1981. 172 p.²⁸
34. SALES, Nívio Ramos. **Prova de fogo**. Rio de Janeiro: Esquina, 1981. 108 p.
35. SARDUY, Severo. **Cobra**. Tradução: Gerardo de Mello Mourão. [s.l.]: [s.n.], [197-]. 142 p.
36. SERRAN, Leopoldo. **Shirley**. [s.l.]: [s.n.]. 95 p.
37. SILVA, Aguinaldo. **No país das sombras**. [s.l.]: [s.n.]. 97 p.
38. SILVA, Aguinaldo. **O Crime antes da festa**. [s.l.]: [s.n.]. 136 p.
39. SILVA, Aguinaldo. **Primeira carta aos andróginos**. [s.l.]: [s.n.]. 134 p.
40. SILVA, Aguinaldo. **República dos assassinos**. [s.l.]: [s.n.], 1975. 157 p.

²⁸ “Primeiro lançamento da Esquina Editora” (BIBLIOTECA..., 1981, p. 17).

41. SILVA, Aguinaldo; COMPARATO, Doc. **As tias**. Rio de Janeiro: Esquina, 1981. 108 p.
42. TREVISAN, João Silvério. **Testamento de Jônatas deixado a Davi**. [s.l.]: [s.n.]. 139 p.
43. VIDAL, Gore. **A longa espera do passado**. [s.l.]: [s.n.]. 206 p.
44. WILDE, Oscar. **A tragédia da minha vida**. [s.l.]: [s.n.]. 194 p.
45. WILDE, Oscar. **O fantasma de Canterville**. [s.l.]: [s.n.]. 140 p.
46. WILDE, Zeno. BRAGANÇA, Wanderlei Aguiar. **Bluejeans**. [s.l.]: [s.n.]. 61 p.

É observado que não foram transcritos os valores das obras, uma vez que para esta pesquisa, a partir de seus objetivos, não se fazem relevantes tais dados.

Por fim, a listagem supracitada é o resultado da análise documentária dos volumes do jornal *Lampião da Esquina*, em específico da seção de bibliografia comercial *Biblioteca Universal Guei*. Observa-se que resultados de pesquisas contemplados nessa seção foram delimitados pelos objetivos (geral e específico), os métodos de pesquisa deram o suporte necessário para as análises realizadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas se fundamentam nos pilares da ciência, operando os signos da época a que pertence e, com pretensão, projeta-se para melhores futuros possíveis. Não se pode deixar de salientar que essa pesquisa – assim como várias ocorridas nos anos de 2020-2021 – sofreu pelo fechamento das bibliotecas, por motivos da pandemia instaurada. O material oferecido pela internet, repositórios, bancos de dados e bibliotecas virtuais ainda não conseguem dar total suporte que uma biblioteca física, por exemplo a universitária, conseguiria prover.

Esta pesquisa fala da importância da bibliografia para o acesso democrático da informação. Aproveitando este ensejo, destaca-se a também importância do acesso aos sistemas de recuperação da informação e das unidades de informação, para que os fazeres bibliotecários, e seus instrumentos, sejam capazes de promover a informação e o conhecimento empírico. A mediação da leitura e a mediação da informação são, de mesma forma uma fazer bibliotecário que depende de técnicas de estudo e atuação. A Biblioteconomia e a Ciência da Informação se fazem presentes e ativas desde as sociedades primárias até na contemporânea comunidade em rede.

Isto posto, buscou-se incentivar novas abordagens científicas sobre a literatura e o universo LGBTQIA+ a partir do levantamento bibliográfico realizado, da seção biobibliográfica do jornal *Lampião da Esquina*, que circulou no Brasil entre os anos de 1978 e 1980. Recordado momento em que o país estava sob o regime militar, em que se caracterizava visões e conceitos estereotipados sobre as identidades sexuais. Tais preconceitos foram abordados por diversos discursos e denúncias realizadas pelo jornal, que buscou esclarecimentos e incentivos para que a comunidade LGBTQIA+ não sentisse sujeitada por completo.

Considerando que conseguimos atender aos objetivos da pesquisa, como objetivo geral, a pesquisa reuniu em uma bibliografia, especificamente, as obras literárias – e outras – indicadas pela seção *Biblioteca Universal Guei*, como posto, desde a edição experimental zero (de abril de 1978) até o fim do periódico na edição 1981, com edição 37 (de 1981). A bibliografia que se formou como produto desta pesquisa está relacionada nos apêndices.

Como os objetivos específicos verificou-se que a *Biblioteca Universal Guei* pode ser encontrada, principalmente, nos exemplares Extras 1 e Extra 3, e nos exemplares entre dezembro de 1979 e de 1980. As obras que figuraram a seção do jornal foram inventariadas, previamente, na seção “Relação da ‘*Biblioteca Universal Guei*’”, na quinta seção deste

trabalho. A partir das análises de tipologia de bibliografia, entende-se que a seção do jornal se caracteriza como uma bibliografia comercial, a partir da ótica de Paul Otlet (2018).

Continuando com os objetivos específicos, dentre os 46 de títulos listados na seção bibliográfica, notou-se que em sua maioria são obras de **autores** (homens) **nacionais**. Notou-se inclusive a repetição de algumas obras em diferentes edições da seção, a maioria destes autores frequentemente indicados fez parte da formação do *Lampião da Esquina*, tais como Aguinaldo Silva e Darcy Penteadó. Entre os autores com mais obras indicadas encontra-se o nome da escritora carioca, Cassandra Rios, escritora que foi capa e assunto principal da edição quinta do jornal.

Entende-se que as intencionalidades do jornal se voltam para todas as minorias, porém as publicações de/para mulheres são em menor quantidade, tanto nas publicações quanto no número de autoras; assim, a partir dessa constatação verifica-se a necessidade de pesquisas voltadas para literatura sáfica. O papel do gênero feminino também é pouco representado na seção bibliográfica, visto que travestis e transexuais que estão inseridas na legenda são minoria entre as minorias.

A partir do levantamento realizado, pode-se refletir que as construções de políticas públicas, como o Plano Nacional do Livro e Leitura, possam vir a resolver problemas de desequilíbrios sociais quanto a sexo, gênero e sexualidades. A mediação de leitura como potencializadora dos direitos dos sujeitos LGBTQIA+ a partir do reconhecimento de identidades, ampliação de acervo da literatura homoerótica e construção de espaços de diálogos para as obras que versem sobre esses sujeitos e suas realidades que estão às margens das ações governamentais e sociais. Assim, como mediadora de leitura e de informação, a seção bibliográfica do *Lampião* fricciona o tecido social promovendo a ruptura dos padrões hegemônicos ao apresentar a contracultura presente na literatura homoerótica e científica.

Neste sentido, foi visto que os discursos são pautados no poder, nos sistemas hegemônicos de controle Estatais e/ou sociais. Portanto, as decisões tomadas na mediação da informação são ações políticas, e devem, de forma democrática, atender a sociedade e seus integrantes de forma equitativa. Pautado nessa consideração, entende-se que as políticas públicas para a promoção do livro e leitura, assim como as que visam promover o bem social e entre as nações, necessitam de diálogos amplos e interseccionais, para que não causem invisibilidades. Ainda se faz necessário observar as reproduções de narrativas que colaboram para a manutenção de políticas autoritárias, hierárquicas, hegemônicas e unicamente masculinas.

É relevante sinalizar que a Bibliografia é fonte de informação e campos de estudo que aos poucos foram perdendo espaço nos domínios teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação, que desemboca numa diminuição da prática e produção de tais documentos. Porém, são necessárias na falta do bibliotecário e como forma de dar suporte para pesquisas.

Aponta-se que os autores aqui citados posicionam as bibliografias como produções milenares que vêm permitindo aos sujeitos obtenção informações para além dos acervos que compõem uma biblioteca – no sentido pós custodial –; visto que as bibliografias se localizam como fontes de informação secundárias. A relevância de tais listagens – realizadas em diversos períodos, em diferentes tipologias e abundância de materiais – estabelecem funções sociais.

Finalmente, buscando o não esgotamento da temática, de mesmo modo do universo de pesquisa, esta pesquisa manteve seu foco na seção bibliográfica, assim são esperadas prósperas oportunidades e incentivos para que sejam realizadas novas pesquisas pela Biblioteconomia e pela Ciência da Informação. De mesmo modo, espera-se incentivar estudos transdisciplinares, nas diversas áreas do conhecimento.

A bibliografia extraída do *Lampião da Esquina* e da *Biblioteca Universal Guei* evidencia obras da literatura gay e sáfica do século XX, portanto outras pesquisas poderiam ampliar o escopo e possibilidades de análise sobre esse campo de pesquisa – se possível, novas pesquisas extrapolando os domínios das ciências sociais aplicadas, uma vez que a leitura é um ato que trasborda o sujeito social de ser estigmatizado e cerceado. Espera-se que os estudos possam favorecer a ampliação dos conhecimentos científicos – empírico e epistemológico –, fomentando outras pesquisas de identidade e políticos-socioculturais.

REFERÊNCIAS

ΛΟΓΟΣ. *In*: PHILOLOG. EUA: Perseus library, 2019. Disponível em: <https://philolog.us/lj/%CE%BB%E1%BD%B9%CE%B3%CE%BF%CF%82>. Acesso em: 02 nov. 2020.

ΓΡΑΦΗ. *In*: PHILOLOG. EUA: Perseus library, 2019. Disponível em: <https://philolog.us/lj/%CE%B3%CF%81%CE%B1%CF%86%E1%BD%B5>. Acesso em: 02 nov. 2020.

BIBΛΙΟΓΡΑΦΙΑ. *In*: PHILOLOG. EUA: Perseus library, 2019. Disponível em: <https://philolog.us/lj/%CE%B2%CE%B9%CE%B2%CE%BB%CE%B9%CE%BF%CE%B3%CF%81%CE%B1%CF%86%E1%BD%B7%CE%B1>. Acesso em: 02 nov. 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS [ABNT]. **Informação e documentação**: resumo, apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS [ABNT]. **Informação e documentação**: referências, elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação**: o diálogo possível, Brasília, DF: Briquet de Lemos; São Paulo: Associação Brasileira de Profissionais da Informação (abrainfo), 2014.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

BELUSI, Soraya. Memórias de um transexual bem-sucedido. **O Tempo**, Belo Horizonte, [s.n.], [s.n.], 21 set. 2007. Diversão. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/memorias-de-um-transexual-bem-sucedido-1.309545>. Acesso em: 20 set. 2020.

BEZERRA, Carlos Eduardo. Bom-crioulo: um romance da literatura gay made in Brazil. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 1, n. 28, p. 94-100, jan./fev. 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2321>. Acesso em: 04 fev. 2021.

BIBLIOGRAFIA. *In*: CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. Dicionário de biblioteconomia e arquivologia. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

BIBLIOTECA universal guei. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 21, fev. 1980. Biblioteca Universal Guei, p. 17. Disponível em: <https://www.ibdsex.org.br/collection/lampiao-da-esquina-edicao-21/f>. Acesso em: 23 fev. 2021.

BIBLIOTECA universal guei. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 34, mar. 1981. Biblioteca Universal Guei, p. 17. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/38-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-34-MARCO-1981.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2020.

BIBLIOTECAS PELA DIVERSIDADE E ENFOQUE DE GÊNERO [BDEG]. **Grupo de Trabalho de Bibliotecas pela Diversidade e Enfoque de Gênero**. [s.l.]: FEBAB, 2020. Disponível em: <https://www.acesfebab.com/diversidade>. Acesso em: 22 ago. 2020.

BOMFIM, Silvano Andrade do. Homossexualidade, direito e religião: da pena de morte à união estável. A criminalização da homofobia e seus reflexos na liberdade religiosa. **Revista Brasileira de Direito Constitucional**, São Paulo, n. 18, p. 71-103, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.esdc.com.br/seer/index.php/rbdc/article/view/259>. Acesso em: 23 ago. 2020.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

BRASIL. **Lei de 16 de dezembro de 1830**. Código criminal do Império do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, 1830. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm. Acesso em: 23 ago. 2020.

BRASIL. **Decreto-Lei Nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970**. Brasília, DF: Presidência da República, 1970. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del1077.htm. Acesso em: 09 fev. 2021.

BRASIL. **Lei Nº 13.696, de 12 de julho de 2018**. Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. Brasília, DF: Presidência da República, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2018/lei/L13696.htm. Acesso em: 8 nov. 2021.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. *In*. LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CAMPELLO, Bernadete. **Introdução ao controle bibliográfico**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

COELHO, Vinicius Bernardes Gonçalo. **Lampião da Esquina: um porta voz dos homossexuais (1978-1981)**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

CONHEÇA o GT Bibliotecas pela Diversidade e Enfoque de Gênero. [s.l.]: FEBAB, 2020. 1 vídeo (93 min). Publicado pelo canal FEBAB. Disponível em: <https://youtu.be/zgZP20nxI10>. Acesso em: 28 jun. 2020.

CONSELHO editorial. Saindo do gueto. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 0 [edição experimental], abr. 1978. Opinião, p. 2. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2020.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. Estilos de época: era realista/ era de transição. *In*: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. v. 4.

DIAS, Maria Matilde Kronka. PIRES, Daniela. **Fontes de informação: um manual para cursos de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. São Carlos: EdUFSCar, 2005.

DOCTELA. **Lampião da Esquina**. [s.l.]: Doctela, [201-?]. Disponível em: <http://doctela.com.br/tv/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 23 ago. 2020.

ESTES livros falam de você. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 17, out. 1979. [s.n.], p. 9. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/21-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-17-OUTUBRO-1979.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2020.

ETHOS. *In*: GRANDE enciclopédia Larousse cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

FIGUEIREDO, Laura Maia de; CUNHA, Lélia Galvão Caldas da. **Curso de bibliografia geral**. Rio de Janeiro; São Paulo: Distribuidora Record, 1967.

FONS, Ted. Improving web visibility: into the hands of readers. **Library Technology Reports**, Chicago [EUA], v. 52, n. 5, p.1-31, jul. 2016. Disponível em: <https://link.gale.com/apps/doc/A460283962/AONE?u=capex&sid=AONE&xid=3d577040>. Acesso em: 18 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion: filosofia e informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 10-21, mar. 2019. Disponível em: revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644. Acesso em: 22 jan. 2021.

GRIGOLETO, Maira Cristina. O espaço-tempo da bibliografia e do documento: reflexões sobre epistemes e mediações. **Informação & informação**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 78-97, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/34499>. Acesso em: 07 fev. 2021.

GRUPO DIGNIDADE. **Lampião da Esquina**. Curitiba: Grupo Dignidade, [20-?]. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 19 ago. 2020.

GUINCHAT, Claire; MENO, Michel. As bibliografias e as obras de referência: a literatura secundária. *In*: GUINCHAT, Claire; MENO, Michel. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2. ed. Brasília, DF: IBICT, 1994.

ISHIMOTO, Adonai Takeshi; GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. Nas estantes das bibliotecas, gêneros e silêncios. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 351-366 maio/ago. 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/714>. Acesso em: 02 fev. 2021.

JUVÊNCIO, Carlos Henrique; RODRIGUES, Georgete Medleg. A bibliografia nacional brasileira: histórico, reflexões e inflexões. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 7, n. esp., p. 165-182, ago. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118769>. Acesso em: 26 nov. 2020.

KILLERMANN, Sam. **A Guide to Gender: The Social Justice Advocate's Handbook**. 2. ed. Texas [EUA]: Impetus Books, 2017.

KOTHE, Flávio René. **O herói**. São Paulo: Ática, 1985.

KIMMEL, Michael Scott. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz/?lang=pt>. Acesso em: 8 nov. 2021.

LAMPIÃO aa Esquina. Rio de Janeiro, ano 1, n. 0 [edição experimental], abr. 1978a. Capa, p. 1. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, out. 1978b. Capa, p. 1. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/09-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-05-OUTUBRO-1978.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Conceito de bibliografia, ou conceitos de bibliografia? **Informação & informação**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 127-151, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/34501>. Acesso em: Acesso em 30 nov. 2019.

LEIA agora! **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, jun./jul. 1978. [s.n.], p. 15. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/06-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-02-JUNHO-JULHO-1978.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2020.

LEITÃO, Bárbara Júlia. **A relação entre bibliotecas públicas, bibliotecários e censura na Era Vargas e Regime Militar**: uma reflexão. 2010. 228 f. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-18102010-164858/pt-br.php>. Acesso em: 09 fev. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*. LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MACHADO, Frederico Viana. **Muito além do arco-íris**. A constituição de identidades coletivas entre a sociedade civil e o estado. 2007. 274 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/VCSA-7WNDTB>. Acesso em: 19 set. 2020.

MARIZA. Nossas gaiolas, comuns. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, maio/jun. 1978. Opinião, p. 2. Disponível em: <https://www.ibdsex.org.br/collection/lampiao-da-esquina-edicao-1/>. Acesso em: 20 set. 2020.

MARTINS, Ana Amélia Lage. Mediação e bibliotecas públicas: uma perspectiva dialética. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 19, n. [especial], p. 164-185, out./dez. 2014. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2298/1492>. Acesso em: 22 jan. 2021.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. *In*: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MENDONÇA, Paulo. A literatura necessária: leitura e formação do leitor. **Cadernos de Letras da UFF**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 52, p. 205-217, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/43535>. Acesso em: 22 ago. 2020.

MOIRA, Amara. Transgressões da primeira autora trans. **Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado**, Pernambuco, [s.n.], [s.n.], 05 fev. 2018. Artigos. Disponível em: <https://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2041-transgress%C3%B5es-da-primeira-autora-trans.html>. Acesso em: 20 set. 2020.

MOLINA, Luana Pagano Peres. A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. **Antíteses**, Londrina, v. 4, n. 8, p. 949-962, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/7153>. Acesso em: 04 fev. 2021.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. {s.l.}: UNIC Rio, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf/>. Acesso em: 02 fev. 2020.

NASCIMENTO, Dorinaldo dos Santo. Homorrepresentação dos solteirões em contos de Gasparino Damata. **Sociopoética**, Campina Grande, n. 20, v. 2, p. 93-104, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/REVISOCIOPOETICA/article/view/4299>. Acesso em: 23 ago. 2020.

OLIVEIRA, Marlene de. **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, p. 1-13, out. 2004. Disponível em: Acesso em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/7649>. Acesso em: 20 nov. 2020.

OTLET, Paul. **Tratado de documentação: o livro sobre o livro teoria e prática**. Brasília (DF): Briquet de Lemos, 2018.

PLACER, Xavier. **A bibliografia e sua técnica**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

PROMOTORES e promotoras da saúde LGBT para profissionais no SUS. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

REIS, Toni (Org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2. ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI; GayLatino, 2018. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2020.

ROCHA, Roosevelt. Lírica grega arcaica e lírica moderna: uma comparação. **Philia & Filia**, Porto Alegre, v. 03, n. 02, p. 84-97, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Philiaefilia/article/view/37252>. Acesso em: 09 fev, 2021.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 1980.

SANTOS, Rogério Reis dos. **Uma bicha atrevida pede a palavra**: o Lampião da Esquina e a resistência de homossexuais durante a ditadura civil militar brasileira. 2017. 127 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) – centro de estudos avançados multidisciplinares, Universidade Brasília, Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/31238>. Acesso em: 05 fev. 2021.

SEM essa de amor maldito! **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 6, out. 1978. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/09-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-05-OUTUBRO-1978.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2020.

SENHORES do conselho. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 0 [edição experimental], p. 2, abr. 1978. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2020.

SILVA, Aginaldo. Mulheres do mundo inteiro... **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 0 [edição experimental], abr. 1978. Esquina, p. 1. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos. **Leitura**, Maceió, n. 49, p. 83-108, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/946>. Acesso em: 09 fev. 2021.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. **...E Havia um lampião na esquina**: memórias identidades e discursos homossexuais no Brasil, do fim da ditadura (1978-1980). 2. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS [SNPB]. **Plano nacional do livro e leitura (PNLL)**. Brasília, DF: Secretaria especial da cultura, 2018. Disponível em: snbp.cultura.gov.br/pnll/, Acesso em: 22 ago. 2020.

SOUZA, Warley Matias de. **Literatura homoerótica: o homoerotismo em seis narrativas brasileiras**. 2010. 155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-8BRF39/1/literatura_homoer_tica_disserta_o_de_mestrado_.pdf. Acesso em: 21 jan. 2021.

TANGANELLI, Larissa de Rezende. **Há perigo na esquina: discursos dissidentes no jornal Lampião (1978-1981)**. 424 f. 2019. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/334822>. Acesso em: 23 ago. 2020.

TOLENTINO, Vinicius de Souza; ORTEGA, Cristina Dotta. A descrição sob o ponto de vista da catalogação, da bibliografia e da catalografia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 46, v. 21, p. 2-18, 2016. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/34391>. Acesso em 30 nov. 2019.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Análise de conteúdo. *In*: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005.

VANIN, Luís Fernando; OLIVEIRA, Ana Cláudia Perpétuo de. Jornal Lampião da Esquina: um acervo relevante para a cultura LGBTQ+ na Biblioteca Pública. *In*. ROMEIRO, Nathália Lima; MARTINS, Carlos Wellington; SANTOS, Bruno Almeida dos (Org.). **Do invisível ao visível: saberes e fazeres das questões LGBTQIA+ na Ciência da Informação**; Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2019. p. 303-346.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis; APB, 1989.

VIDAL, Gore. A distasteful encounter with William F. Buckley Jr. **Esquire**, New York, p. 140-146, set. 1969. Disponível em: <https://classic.esquire.com/article/1969/9/1/a-distasteful-encounter-with-william-f-buckley-jr>. Acesso em: 18 nov. 2020.

ZAHER, Célia Ribeiro. **Guia para pesquisas bibliográficas em ciência e tecnologia**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Bibliografia e documentação, 1961.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Contato com a Biblioteca Nacional

De: dinf <dinf@bn.gov.br>

Enviado: sexta-feira, 11 de dezembro de 2020 18:02

Para: didts@hotmail.com <didts@hotmail.com>

Assunto:

Prezado Diogo,

O Setor de Informação Documental realiza pesquisas no acervo da Biblioteca Nacional para usuários de fora da região metropolitana do Rio de Janeiro, realizando compilação bibliográfica e disponibilizando a reprodução do que foi levantado. Não realizamos pesquisas de conteúdo.

Entramos em contato com diferentes setores da biblioteca, sem sucesso, como o transcrito abaixo:

“Também não localizei cadastro nem qualquer informação sobre "Esquina Editora" na Base de dados da DDL. Aparentemente nunca enviaram publicações para a BN e, pela busca que realizei na web há pouco, está com a atividade suspensa, lamento.

Esquina Editora de Livros Jornais e Revistas LTDA - 29529856000130

CNPJ: 29.529.856/0001-30

Razão Social: Esquina Editora de Livros Jornais e Revistas LTDA Nome Fantasia: Esquina Data de Abertura: 19/05/1978

Tipo: MATRIZ

Situação: SUSPENSA”

Lamentamos não podermos auxiliá-lo da forma esperada.

Atenciosamente,

Mônica Velloso Azevedo

Chefe do Setor de Informação Documental - Dinf

Centro de Coleções e Serviços aos Leitores

Fundação Biblioteca Nacional

Av. Rio Branco, 219 - 2º andar

20040-008 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: 2220-1253

Fonte: correspondência, (2020).

APÊNDICE B – Lista de filmes assistidos em 2017.

				2017
18-01	31	La Bande à Juliette (2016)	12/18-2016)	00000
19-01	32	Mamma Mia!	(2008)	00000
31-01	33	Les Diamants	(2015)	00
02-02	34	En Sentiment de Bicté	(2014)	000
03-02	35	Nachtlichte	(2014)	00000
04-02	36	No Reservations	(2011)	000
05-02	37	Sisters	(2015)	0
06-02	38	Maka	(2016)	000
08-02	39	Music and Lyrics	(2007)	00000
12-02	40	Paradise	(2015)	000
13-02	41	La Dolce Vita	(1960)	0000
16-02	42	Irreprochable	(2016)	000
17-02	43	Valentine's Day	(2010)	0000
15-02	44	10 Cloverfield Lane	(2016)	000
20-02	45	Bring It On	(2000)	00000
20-02	46	Vision Quest	(1985)	000
23-02	47	Ozark Struck	(2016)	00
03-03	48	Enchanted	(2007)	00000
05-03	49	X-Men: Apocalypse	(2016)	000000
06-03	50	20 ans d'écart	(2017)	00000
11-03	51	To Lucia	(2015)	00000
20-03	52	Campão da Bagueta (2000-2016)		0000
26-03	53	Touch of Pink	(2016)	00000
04-04	54	St. George Fire	(1935)	00000
06-04	55	Bluegrass	(1983)	000000
09-04	56	Der Himmel über Berlin	(1987)	00000
12-04	57	My Best Friend's Wedding	(1997)	000000

Fonte: Registro do autor (2017).

APÊNDICE C – Bibliografia das obras referenciadas pelo *Lampião da Esquina*

1. AUGUSTO, Paulo. **Falo**. [2. ed]. [Natal]: [Sebo Vermelho, 2003]. [76 p].
Ousados poemas homossexuais escritos por um lampiônico de primeira hora. Paulo Augusto reconta aqui, em todas as suas letras, a história do amor que não ousava dizer seu nome. Uma obra forte e pungente.

2. BENGELL, Norma *et al.* **Mulheres da vida**. [São Paulo]: [Vertente, 1995?]. 77 p.
Norma Bengell, Leila Miccolis, Isabel Câmara, Socorro Trindad e outras mulheres quentíssimas mostram neste livro a nova poesia das mulheres que não de conformam com a opressão machista e tentam inventar sua própria linguagem. A poesia feita nos bares, calçadas, ônibus, prisões, manicômios e bordéis.
Um romance que é, também, um estudo sobre a sexualidade.

3. BERNARDET, Jean-Claude *et al.* **Sexo & Poder**. [São Paulo]: [Brasiliense, 1979]. 218 p.
Jean-Claude Bernardet, Aguinaldo Silva, Maria Rita Kehl, Guido Mantega, Flávio Aguiar e muitos outros discutem as relações entre sexo e poder. Dois debates: um sobre homossexualidade e repressão, com o pessoal do grupo Somos, de São Paulo.

4. BITTENCOURT, Francisco (Org.). **A bicha que ri**. [s.l.]: [s.n.]. 100 p.
Anedotas, piadas e histórinhas [sic] sobre viados [sic], lésbicas, e afins, com uma característica especial: dessa vez eles levam sempre a melhor. Charges de Levi e Hartur, tudo isso reunido no livro mais engraçado do ano. Lançamento da Esquina Editora.

5. BON, Michael; D'ARC, Antoine. **Relatório sobre a homossexualidade masculina**. [Belo Horizonte]: [Interlivros, 1979]. 381 p.
Mil homossexuais respondem a um questionário: são homens que se atraem, se amam, se invejam, se unem para o melhor e o pior, conhecem as alegrias e os tormentos do amor e querem integrar-se numa sociedade que ainda os difama, lança-os na prisão ou os desdenha.

6. CAPOTE, Truman. **Os cães ladram**. [Rio de Janeiro]: [Civilização Brasileira, 1977]. 345 p.
Um livro incrível sobre pessoas e coisas com quem Truman Capote, o grande escritor homossexual norte-americano conviveu. Marlon Branco [sic], Jean Cocteau, Ezra Pound, Marilyn Monroe, Louis Armstrong, André Gide e outros personagens ilustres. Capote é o autor de "A Sangue Frio".

7. D'AVILA NETO, Maria Inácia. **O autoritarismo e a mulher** [: jogo da dominacao macho-femea no Brasil]. [Rio de Janeiro]: [Achiame, 1980]. [126 p].
Uma contribuição original à análise sócio-cultural da condição da mulher no Brasil e das relações de poder entre os sexos numa sociedade patriarcal. Um livro que ajuda a entender, também, o mecanismo da dominação machista exercida sobre os homossexuais.

8. DAMATA, Gasparino. **Os solteirões**. [Rio de Janeiro]: [Pallas, 1976]. [212 p].
Um livro que se dispõe a esmiuçar o mundo dos homossexuais e tudo o que os tolhe: a incompreensão que os cerca, o medo. Escrito sem meias palavras, ele vai buscar a linguagem dos seus personagens lá onde autor os encontrou.

9. DANIEL, Marc; BAUDRY, André. **Os homossexuais**. [Rio de Janeiro]: [Artenova, c1977]. 173 p.

Um livro pedagógico, escrito por dois especialistas franceses para substituir nas bancas e livrarias as obras análogas eróticas, sensacionalistas, comerciais, etc... Um livro escrito com o intuito de desmitificar o homossexualismo [sic] enquanto assunto tabu. Uma das primeiras obras a tratar a homossexualidade, na França, não como uma anomalia ou perversão, mas tão somente como um fato que condiciona a vida de milhões de homens e mulheres em todo o mundo.

10. DOMINGOS, Jorge. **Balu**. [s.l.]: [s.n.]. 66 p.

*Segundo o ator Anselmo Vasconcelos (a Eloína da “República dos Assassinos”), é o maior romance guei já escrito no Brasil. O autor, que vive em mistério na cidade de Petrópolis, diz que “Balu” quer mostrar o mal que o bissexual pode causar ao hetero e ao homo. Uma obra que **Lampião** recomenda especialmente. Um livro explosivo.*

11. GUÉRIN, Daniel. **Um ensaio sobre a revolução sexual**. [São Paulo]: [Brasiliense, 1980]. [191 p].

Anarquista, bissexual, Daniel Guérin alinha, neste livro escrito em 1968, no auge da contestação jovem que desaguou na revolução sexual, uma série de ensaios escritos em torno do mesmo tema: a liberdade sexual. Uma obra/síntese de tudo o que foi escrito sobre o assunto. Um estudo profundo do famoso Relatório Kimsey.

12. HECKER FILHO, Paulo. **Internato** [, novela]. [Porto Alegre?]: [Ed. Fronteira], 1951. [71 p].

A história de um grande amor homossexual adolescente. A novela, publicada em 1951, é pioneira no tema, no Brasil. Paulo Hecker Filho, escritor gaúcho, estreou na literatura aos 22 anos. Internato é a terceira obra do autor, que escandalizou a pacata intelligentsia nacional da época.

13. HECKER FILHO, Paulo. **O digno do homem**. [Porto Alegre]: [s.n.], 1957. [71 p].

Um livro rabetésiano, sem igual no Brasil, na sua vertigem erótico-quixotesca. Publicado em 1957, é uma antevisão das viagens psicodélicas. Edição especial do autor, em papel de luxo, de apenas 200 exemplares. Estamos vendendo os últimos exemplares.

14. HOCQUENGHEM, Guy. **A contestação homossexual**. [São Paulo]: [Brasiliense, 1980]. 150 p.

Em que momento e através de que excesso de peso, característico de tal designação, alguém mergulha no papel de homossexual público, assumindo uma determinação social que permite aos outros descarregarem sobre essa pessoa necessidades de encarnação, acusação e distanciamento? Hocquenghem faz a si mesmo esta pergunta, e a responde num livro palpitante.

15. LEYLAND, Winston (Org.). **Sexualidade e criação literária**. [Rio de Janeiro]: [Civilização Brasileira, 1980]. [252 p].

As famosas entrevistas do jornal-americano Gay Sunshine, reunidas num livro e agora publicadas no Brasil. Tennessee Williams, Gore Vidal, John Rechy, Allen Ginsberg, Christopher Isherwood, Roger Peyrefitte e William Burroughs falam de suas experiências como homossexuais, e de como sua preferência sexual influenciou em seu trabalho de escritores.

16. LUNA, Walker. **Companheiro**. [Rio de Janeiro]: [Gráf. Olympica], 1979. [98 p].
“Não é bem esse tipo de amor que atinge a tantos”. Publicado em 1979, o livro de poemas de Walker Luna traduz sua vocação de poeta confessional, que tem o poder de dizer o que apenas se advinha e de advinhar o que não se ousa dizer como homem e como amante
17. MASTERS, William; JOHNSON, Virginia. **Homossexualidade em perspectiva**.
 [São Paulo]: [Artes Médicas, 1979]. 363 p.
Um livro que é um resumo da pesquisa de mais de 20 anos, no famoso The Masters and Johnson Institute, sobre o homossexualismo [sic] (masculino e feminino). A primeira tentativa séria de saber, em vez de presumir, tudo sobre os aspectos psicofisiológicos da função homossexual. Dezenas de casos estudados, e o fim de um tabu: o prazer dos homossexuais não é menor que o dos heterossexuais.
18. MEDEIROS, Benício *et al.* **Queda de braço**. [s.l.]: [s.n.]. 302 p.
Uma antologia do conto marginal, reunindo os autores que os editores têm medo de publicar: Gente finíssima, Benício Medeiros, Fernando Tatagiba, Glauco Mattoso, Júlio César Monteiro Martins, Nilto Maciel, Luiz Fernando Emediato, Paulo Augusto e Reinoldo Atem, entre outros.
19. MELO, Fernando. **[A pequena tragédia de Vera Maria de Jesus, a] condessa da Lapa**. [Rio de Janeiro]: [s.n., 1969?]. [50 p].
“A pequena tragédia de Vera Maria de Jesus, a Condessa da Lapa”; um dos textos sobre homossexualismo [sic] mais proibidos do Brasil. De Fernando Melo, o autor de “Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá”.
20. MELO, Otacília Josefa de. **Terapia ocupacional** (minhas experiências). [Rio de Janeiro]: [Disflul, 1978]. 99 p.
Vivências de uma mulher que desde os 13 anos de idade dedicou-se às crianças excepcionais e doentes mentais, descobrindo, através de sua profissão um mundo maravilhoso de sensibilidade e criação.
21. MISSE, Michel. **Estigma do passivo sexual**. [3. ed.]. [Rio de Janeiro]: [NECVU/IFICS/UFRJ, 2007]. [108 p].
Um estudo sociológico sobre o estigma que se debate sobre os passivos sexuais – a mulher e o homossexual. A conclusão do autor é que, como caricatura da mulher, o travesti representaria, até as últimas conseqüências [sic], não só a incorporação radical do paradigma da feminilidade fundado no estigma do “passivo sexual”, como também sua negação debochada, explosiva.
22. PASTURA, Daniel L. **Porque mataram Pasolini**. [s.l.]: [s.n.]. 97 p.
O sexo como uma das mais cruéis medidas do homem. Duas histórias personalíssimas de um autor que ainda vai dar muito o que falar.
Peça pelo reembolso postal à [sic] Esquina — Editora (Caixa Posta 41031, CEP 20400, Rio de Janeiro, RJ)
23. PENTEADO, Darcy. **A meta**. [s.l.]: [s.n.]. 99 p.
“Darcy Penteado ilumina detalhes do gueto que a maioria gostaria que o homossexual fosse circunscrito” (Leo Gilson Ribeiro). O livro de estréia [sic] de um escritor que é também um ativista em favor dos grupos estigmatizados.

24. PENTEADO, Darcy. **Crecilda e espartanos**. [s.l.]: [s.n.]. 189 p.
*189 páginas como este, que fala tudo aberta e desafiadamente, possui a dignidade bem mais culturalmente verdadeira de resistir aos bárbaros preconceitos” (Paulo Hecker Filho). Duas novelas e cinco contos, do total **non sense** ao realismo poético.*
25. PENTEADO, Darcy. **Teoremambo**. [s.l.]: [s.n.]. 108 p.
*Um Papai Noel muito louco, uma bichinha sorveteira, uma fada madrinha desligada, a história do bofe a prazo fixo: muito humor e **non sense** no novo livro do autor de **A Meta e Crecilda e Espartanos**.
Ilustrações do autor.*
26. PINHO, José Maria de. **Eu, Ruddy**. Ilustrações de Vânia Toledo. [Rio de Janeiro]: [Avenir Ed., 1980]. [44 p].
Luxuosa edição dos poemas do coiffeur, travesti, poeta, “estrela”, pai de família, José Maria de Pinho. Com fotos ousadíssimas do autor, feitas pela divina Vânia Toledo. Obra para colecionadores. Um poeta que estréia [sic] sob as bençãos de Ferreira Gullar.
27. PIVA, Roberto. **Coxas**. [s.l.]: [s.n.]. 70 p.
Sex fiction & Delirios de um poeta louquíssimo: pornosamba para o Marquês de Sade, Bar Cazzo d’Oro, Antino e Adriano e outros poemas. As ilustrações são de Maty Vitart.
28. PIVA, Roberto. **Piazzas**. [2. ed.]. [São Paulo]: [Kairos Liv. e Ed., 1980.]. [55 p].
Do mesmo autor de “Coxas”, um livro de poemas que vale como uma “introdução À orgia”, segundo o seu prefacionador, Cláudio Willer. Piva reafirma, aqui, sua condição de poeta da marginalidade, colocando-se ao lado de outras “flores do mal” — de Baudelaire e Genet, de Sade a Genet.
29. PUIG, Manuel. **O beijo da mulher aranha**. [Rio de Janeiro]: [Cedecri, 1980]. 246 p.
Um esquerdista, membro de um grupo clandestino e um homossexual acusado de corrupção de menores, presos na mesma cela de um cárcere argentino este é o ponto de partida do livro mais instigante do autor de “Boquitas Pintadas”.
30. REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo [, problemas econômico-sexuais da energia biológica]**. [São Paulo]: [Brasiliense, 1975]. [328 p].
A obras máxima de um dos principais teóricos da revolução sexual. Reich, um libertário, por suas idéias [sic] pouco ortodoxas morreu nos Estados Unidos encerrado numa prisão. Uma obra imprescindível.
31. RIOS, Cassandra. **Macária**. [Rio de Janeiro]: [Record, 1979]. [199 p].
Um novo caminho na obra de Cassandra Rios; misticismo, macumba e suspense, aliados aos ingredientes habituais; sua maneira muito especial de tratar o sexo, seu lirismo. A autora compõe, aqui, mais um retrato inesquecível de mulher.
32. RIOS, Cassandra. **Tessa, a gata** [: romance]. [Rio de Janeiro]: [Record, 1979]. 122 p.
Uma história de crime, mistério, suspense e amor, mas o amor segundo a versão Cassandra Rios. Um romance de suspense, que alterna passagens líricas com um realismo cruel, e que prende o leitor da primeira à última página.

33. SADE, Marquês de. **Escola de libertinagem**. Rio de Janeiro: Esquina, 1981. 172 p.
Uma bicha, uma lésbica, um casal heterossexual e depois, uma quinta pessoa, um jardineiro, reunidos numa mansão se entregam a todo tipo de exercício amoroso. O objetivo: transformar a jovem e ingênua Eugênia numa grande amante, numa adepta fervorosa do panssexualismo [sic]. Um dos livros mais crus e ousados jamais escritos. A obra prima do genial Marquês.
34. SALES, Nívio Ramos. **Prova de fogo**. Rio de Janeiro: Esquina, 1981. 108 p.
A história de um pai-de-santo dividido entre duas entidades um viril boiadeiro e uma sensual ciganinha. Um livro palpitante sobre os bastidores da umbanda e do candomblé, apresentando uma nova visão dos ritos afro-brasileiros: um caminho para a libertação sexual. Faça já sua reserva; aproveite o preço especial de pré-lançamento. 108 páginas, Cr\$ 300,00. O filme Prova de Fogo, baseado neste livro, será lançado em abril.
35. SARDUY, Severo. **Cobra**. Tradução: Gerardo de Mello Mourão. [s.l.]: [s.n.], [197-]. 142 p.
A história de Cobra, um [sic] travesti do cabaré Carrossel, contada pelo escritor cubano Severo Sarduy, do seu exílio em Paris. Prêmio Medicis (melhor romance estrangeiro publicado na França) em 1972. Tradução de Gerardo de Mello Mourão.
36. SERRAN, Leopoldo. **Shirley**. [s.l.]: [s.n.]. 95 p.
A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão. Waldir/Shirley é um personagem que aceita enfrentar todas as humilhações para ser fiel no seu desejo. Dois seres humanos, coisificados pela opressão, brigam pela vida.
37. SILVA, Aguinaldo. **No país das sombras** [: novela]. [Rio de Janeiro]: [Civilização Brasileira, 1979]. 97 p.
Dois soldados portugueses vivem um grande amor e pleno Brasil colonial; envolvidos numa conspiração forjada, acabam na forca. A história, recontada a partir de 1968, faz um levantamento de quatro séculos de repressão.
38. SILVA, Aguinaldo. **O Crime antes da festa**. [s.l.]: [s.n.]. 136 p.
Através da história de Ângela Diniz e seus amigos, que ele trata como se fosse ficção, o autor interpreta e esclarece todas as conotações de um instante dramático de nossa alta sociedade. Um libelo contra o machismo e a opressão.
39. SILVA, Aguinaldo. **Primeira carta aos andróginos** [, romance]. [Rio de Janeiro]: [Pallas, 1975]. 134 p.
“A única maneira de obter a igualdade e o progresso nos relacionamentos humanos e amorosos consiste na expressão franca da natureza bissexual de todo homem e mulher”.
40. SILVA, Aguinaldo. **República dos assassinos** [, romance]. [Rio de Janeiro]: [Civilização Brasileira, 1976]. [160 p].
Bichas, piranhas e pivetes enfrentam o Esquadrão da Morte (e vencem!) A incrível história de um dos períodos mais conturbados da vida brasileira, de 1969 a 1975, tendo como pano de fundo os cenários do submundo carioca.

41. SILVA, Aguinaldo; COMPARATO, Doc. **As tias**. Rio de Janeiro: Esquina, 1981. 108 p.

A história de quatro homossexuais, sua “sobrinha” prepotente e um rapaz sexy com o qual ela vai visitá-los um dia. O texto integral da peça de maior sucesso ora em cartá no Rio (Teatro da Lagoa), com Paulo César Peréio, Ítalo Rossi, Susana Vieira, Ednei Giovemazza, Nildo Parente e Roberto Lopes. Faça já a sua reserva. Preço especial de pré-lançamento: Cr\$ 250,00. Veja e peça e leia o livro!

42. TREVISAN, João Silvério. **Testamento de Jônatas deixado a Davi [, contos]**. [São Paulo]: [Brasiliense, 1976]. [150 p].

Uma viagem o autor em busca de si mesmo. Anos de estrada, de solidão e fome resumidos num livro escrito com suor e sangue. Nestes contos, a história de uma geração cujos sonhos foram queimados lentamente em praça pública.

43. VIDAL, Gore. **A longa espera do passado**. [Rio de Janeiro]: [Ed. Artenova, 1971]. 206 p.

“The City and the Pillar”, um clássico da literatura norte-americana; o primeiro romance a abordar abertamente o tema da homossexualidade naquele país. Uma história de amor entre dois homens que atravessam as incompreensões e aos anos. “um livro emocionante, que comoverá a todos os seus leitores”, disse o New York Herald Tribune. Do mesmo autor de, “Myra Beckirindge”.

44. WILDE, Oscar. **A tragédia da minha vida**. [s.l.]: [s.n.]. 194 p.

O famoso depoimento de Oscar Wilde sobre sua vida na prisão, onde cumpriu dois anos de pena, condenado pela justiça inglesa pelo crime de homossexualismo [sic]. Um livro em que Wilde acusa e se defende, envolto pela solidão das prisões e marcado pelo sofrimento

45. WILDE, Oscar. **O fantasma de Canterville**. [Rio de Janeiro]: [Bloch, c1973]. [147 p].

De Profundis e Balada de Cárcere de Reading, dois dos mais e patéticos depoimentos pessoais da literatura universal, juntos num livro que também reúne algumas das histórias mais espirituosas e brilhantes do autor. Um livro raro.

46. WILDE, Zeno. BRAGANÇA, Wanderlei Aguiar. **Bluejeans**. [s.l.]: [s.n.]. 61 p.

As aventuras e desventuras de cinco rapazes, todos michês. Um estudo em negro sobre a prostituição masculina, escrito a partir de depoimentos recolhidos pelos autores nos locais de “pegação”, da Galeria Alaska à esquina Ipiranga com São João, da Cinelândia ao Largo do Arouche.

ANEXOS

ANEXO A – Publicidade para compra por reembolso postal 1

LEIA AGORA!

Se você é definido como um lixo nos compêndios de História, ou nas teorias dos intelectuais da moda, leia estes livros. Seus autores têm algo a lhe dizer.

Os solteirões
Gasparino Damata

A meta
Crescilda e Espartanos
Darcy Penteado

Testamento de Jônatas
deixado a Davi
João Silvério Trevisan

República dos assassinos
O crime antes da festa
Aguinaldo Silva

Pedras de Calcutá
O ovo apunhalado
Caio Fernando Abreu

Faça seu pedido: Caixa Postal
41.031 Santa Teresa Rio de Janeiro
— RJ

Fonte: Publicidade no *Lampião da Esquina* (LEIA..., 1978, p. 15).

ANEXO B – Publicidade para compra por reembolso postal 2

Sem essa de amor maldito!

Oscar Wilde estava certo no seu tempo. Mas as coisas mudaram, e estes autores mostram por que. Leia-os e aprenda: o ex-amor maldito agora é uma boa.

Os Solteirões	Cr\$ 80,00
Gasparino Damata	
Crescilda e Espartanos	Cr\$ 65,00
A Meta	Cr\$ 65,00
Darcy Penteadado	
Primeira Carta aos Andróginos	Cr\$ 65,00
República dos Assassinos	Cr\$ 70,00
O Crime Antes da Festa	Cr\$ 50,00
Aguinaldo Silva	
Testamento de Jônatas Deixado a Davi	Cr\$ 65,00
João Silvério Trevisan	

Peça pelo Reembolso Postal à
 Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.
 Caixa Postal 41031
 Cep 20241
 Rio de Janeiro — RJ

LAMPIÃO da Esquina

Fonte: Publicidade no *Lampião da Esquina* (SEM..., 1979, p. 6).

ANEXO C – Biblioteca Universal Guei, edição número 34

Biblioteca Universal Guei

Estes livros falam de você: suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os.

NOVIDADES

A CONTESTAÇÃO HOMOSSEXUAL
Guy Hocquenghem
150 páginas, Cr\$ 320,00

Em que momento, e através de que mecanismo de peso, característico de tal designação, chegou a ser o papel da homossexualidade pública, assumindo esta determinação social que permite aos outros descurarem sobre as poucas incômodidades de escarificação, acusação e distanciamento? Hocquenghem faz a si mesmo esta pergunta, e a responde num livro polêmico.

SEXUALIDADE E CRIAÇÃO LITERÁRIA
Organização de William Layford
251 páginas, Cr\$ 400,00

As famosas entrevistas do jornal norte-americano Gay Sunshine, reunidas num livro e agora publicadas no Brasil: Tennessee Williams, Gore Vidal, John Fowles, Allen Ginsberg, Christopher Isherwood, Roger Peyrefitte e William Burroughs falam de suas experiências como homossexuais, e de como esta preferência sexual influi em seu trabalho de escritores.

BALI
Jorge Diniz
66 páginas, Cr\$ 150,00

Segundo o autor Aurélio Vasconcelos (a Elton de "República dos Assassinos"), é o maior romance que já morreu no Brasil. O autor, que vive no interior da cidade de Fátima, diz que "Bali", que morreu o mal que o Brasil pode causar ao futuro e ao Brasil. Uma obra que Lampião reconhece especialmente. Um livro explicativo.

O AUTORITARISMO E A MULHER
Maria Inácia d'Ávila Neto
128 páginas, Cr\$ 300,00

Uma contribuição original à análise sociológica da condição da mulher no Brasil e das relações de poder entre os sexos numa sociedade patriarcal. Um livro que analisa o emissor, o sujeito, o mecanismo de dominação machista machada sobre os homossexuais.

3 — NO PAÍS DAS SOMBRAS
Agostinho Silva
Dois contos portugueses vivem um grande amor em pleno Brasil oriental e morrem por isso (97 páginas, Cr\$ 300,00)

4 — O REI DA MULHER ARABIA
Mansel Paly
Um terrorista e um homossexual, pouco mais outros segredos, descobrem o sexo e o amor (246 páginas, Cr\$ 320,00)

5 — FALSO
Paulo Augusto
Dois poemas homossexuais escritos por um jornalista de primeira linha (70 páginas, Cr\$ 150,00)

Faça sua escolha

O ESTIGMA DO PASSIVO SEXUAL
Miguel Mises
72 páginas, Cr\$ 300,00

Um estudo sociológico sobre o estigma que se abate sobre os passivos sexuais — a mulher e o homossexual.

AFUNÇÃO DO ORGASMO
William Reich
310 páginas, Cr\$ 330,00

A obra máxima de um dos principais líderes da revolução sexual.

UM ENSAIO SOBRE A REVOLUÇÃO SEXUAL
Daniel Galera
192 páginas, Cr\$ 300,00

Atualizado, atualizado, Galera, neste livro morto em 1968, fala do mesmo tema: a libertação sexual.

TEOREMAMBO
Darcy Penteado
138 páginas, Cr\$ 200,00

Um livro a prazo fixo, uma história sensível, um Poeta Neal faz com que seja um dos livros do autor de A Meta.

TESTAMENTO DE JONATAS DEIXADO A DAVI
João Silvério Trivizani
129 páginas, Cr\$ 200,00

A história de uma geração cuja sentença foram quarenta leitos em um grupo público.

REPÚBLICA DOS ASSASSINOS
Agostinho Silva
157 páginas, Cr\$ 300,00

Riões, pinchas e penas subvertem o Esquadrão da Morte (e veneno)

O CRIME ANTES DA FESTA
Agostinho Silva
136 páginas, Cr\$ 150,00

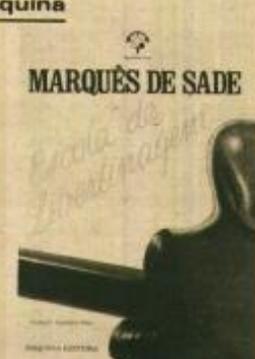
A trágica história de Angela Diniz e seu amigo. Um livro contra o machismo e a opressão.

Da Esquina



PROVA DE FOGO
Nino Franco Salem

A história de um pai-de-santo dividido entre duas entidades em um ritual habitado a uma sexual explícita. Um livro polêmico sobre os bastidores de santidade e do cotidiano, aproximando um novo ritual dos ritos afro-brasileiros em conexão para a libertação sexual. Fala já a sua reserva: apresenta o grupo especial de pré-lançamento. 168 páginas, Cr\$ 300,00. O livro Prova de Fogo, lançado neste livro, será lançado em abril.



MARQUÊS DE SADE

Uma obra, uma história, um canal homossexual e depois, uma história, um julgamento, sessões, uma sessão, se entregam a todo tipo de exercícios amorosos. O objetivo transformar a homossexualidade inglesa numa grande amante, numa adaptação livre de pensamentos. Um dos livros mais sensuais e sensuais jamais escritos. A última obra do genial Marquês (172 páginas, Cr\$ 350,00).

NOIS MASCULINOS/81
Tópicos de Cyrothon Martins

A subversão lampião chega às tradições habitadas em vez dos passivos habituais, apenas rapazes em. Da justiça e do...

SHERLEY
Luopoldo Serran
95 páginas, Cr\$ 200,00

A história de amor entre um inventista da noite paulista e um operário de Cabedelo.

O HOMEM DO HOMEM
Paulo Becker Filho
72 páginas, Cr\$ 1.000,00

Em diálogo especial, de fato, um dos livros mais sensuais já escritos no Brasil. Contém a mais de cem!

SEXO & PODER
Vários autores
218 páginas, Cr\$ 250,00

Agostinho Silva, Jean-Claude Bernardet e outros discutem as relações entre sexo e poder.

OS HOMOSSEXUAIS
Marc Duval e André Baudry
173 páginas, Cr\$ 250,00

Um livro escrito com o objetivo de desmistificar o homossexualismo enquanto assunto tabu.

EU, RUDY
O próprio
40 páginas, Cr\$ 300,00

Prêmios de rara sensibilidade e fotos cuidadosamente doadas. Uma obra para colecionadores.

LANÇAMENTO

OS CÃES LADRAM
Truman Capote
345 páginas, Cr\$ 450,00

Um livro incrível sobre pessoas e coisas com quem Truman Capote, o grande escritor homossexual norte-americano, conviveu. Marlon Brando, Jean Cocteau, Ezra Pound, Marilyn Monroe, Louis Armstrong, André Gide e outros personagens ilustres. Capote é o autor de "A Sangue Frio".

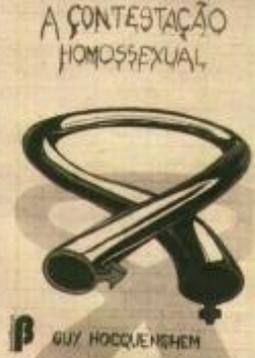
Todos estes livros podem ser pedidos, pelo reembolso postal, à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda., Caixa Postal 41.031, CEP 20.400, Rio de Janeiro, RJ. O total de cada pedido será acrescido do valor de seu porte.

Se você pedir alguns de quatro livros, receberá como bônus "Nois Masculinos/81".

Aguarde as próximas inaugurações da Esquina: A Riqueza Que Há (coleção de peças notáveis) e História de Amor (de Agostinho Silva, Darcy Penteado, João Silvério Trivizani e Gasparian Duranta).

Página 17

A CONTESTAÇÃO HOMOSSEXUAL



Os mais vendidos

- 1 — BLUE JEANS**
Zana White e Vandenberg Aguiar Rosengauz
As aventuras e aventuras de cinco rapazes, numa cidade no Grande Rio (61 páginas, Cr\$ 200,00)
- 2 — INTERNATO**
Paulo Becker Filho
A história de um grande amor homossexual silenciosa num colégio interno gaúcho (72 páginas, Cr\$ 200,00)

LAMPIÃO da Esquina

A oferta do mês

A META
Darcy Penteado
99 páginas

O livro de estreia de um escritor que é também um ativista em favor dos grupos estigmatizados. "Darcy Penteado ilumina detalhes do gueto a que a maioria gostaria que o homossexual fosse circunscrito" (Léo Gilson Ribeiro). De safra de livros entendidos publicados no Brasil nos últimos anos, A Meta já é um clássico. Últimos exemplares à venda, a preço especialíssimo: apenas Cr\$ 200,00. Somente os primeiros pedidos serão atendidos.



Fonte: Seção em página inteira do Lampião da Esquina (BIBLIOTECA..., 1981, p. 17).

ANEXO D – Seção bibliográfica (*Biblioteca Universal Guei*)

Estes livros falam de você

Suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os

TEOREMAMBO
Darcy Penteadó
108 páginas, Cr\$ 120,00

Um Papai Noel muito louco, uma bichinha sorveteira, uma fada madrinha desligada, a história do bofe a prazo fixo: muito humor e *non sense* no novo livro do autor de *A Meta* e *Crescilda e Espartanos*. Ilustrações do autor.

REPUBLICA DOS ASSASSINOS
Agnaldo Silva
157 páginas, Cr\$ 150,00

Bichas, piranhas e pivetes enfrentam o Esquadrão da Morte (e vencem!) A incrível história de um dos períodos mais conturbados da vida brasileira, de 1969 a 1975, tendo como pano de fundo os cenários do submundo carioca.

PRIMEIRA CARTA AOS ANDRÓGINOS
Agnaldo Silva
134 páginas, Cr\$ 120,00

"A única maneira de obter a igualdade e o progresso nos relacionamentos humanos e amorosos consiste na expressão franca da natureza bissexual de todo homem e mulher". Um romance que é, também, um estudo sobre a sexualidade.

O CRIME ANTES DA FESTA
Agnaldo Silva
136 páginas, Cr\$ 100,00

Através da história de Ângela Diniz e seus amigos, que ele trata como se fosse ficção, o autor interpreta e esclarece todas as conotações de um instante dramático de nossa alta sociedade. Um libelo contra o machismo e a opressão.

TESTAMENTO DE JÔNATAS DEIXADO A DAVI
João Silvério Trevisan
139 páginas, Cr\$ 120,00

Uma viagem do autor em busca de si mesmo. Anos de estrada, de solidão e fome resumidos num livro escrito com suor e sangue. Nestes contos, a história de uma ge-

ração cujos sonhos foram queimados lentamente em praça pública

QUEDA DE BRAÇO
Vários autores
302 páginas, Cr\$ 150,00

Uma antologia do conto marginal, reunindo os autores que os editores têm modo de publicar. Gente finíssima, Benício Medeiros, Fernando Tatagiba, Glauco Mattoso, Júlio César Monteiro Martins, Nilo Maciel, Luiz Fernando Emediato, Paulo Augusto e Reinoldo Atem, entre outros.

OS SOLTEIRÕES
Gaspárinio Damata
213 páginas, Cr\$ 140,00

Um livro que se dispõe a esmiuçar o mundo dos homossexuais e tudo o que os tolhe: a incompreensão que os cerca, o medo. Escrito sem meias palavras, ele vai buscar a linguagem dos seus personagens lá onde o autor os encontrou.

O FANTASMA DE CANTERVILLE
Oscar Wilde
De Profundis e Balada do Cárce
Reading, dois dos mais patéticos depoimentos pessoais da literatura universal, juntos num livro que também reúne algumas das histórias mais espirituosas e brilhantes do autor. Um livro raro.

SHIRLEY
Leopoldo Serran
95 páginas, Cr\$ 110,00

A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão.

Waldir/Shirley é um personagem que aceita enfrentar todas as humilhações para ser fiel ao seu desejo. Dois seres humanos, esmagados pela opressão, brigam pela vida.

RELATÓRIO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA
Michel Bos e Antoine d'Arc
381 páginas, Cr\$ 400,00

Mil homossexuais respondem a um questionário: são homens que se atraem, se amam, se invejam, se unem para o melhor e o pior, conhecem as alegrias e os tormentos do amor e querem integrar-se numa sociedade que ainda os difama, lança-os na prisão ou os destinha.

COXAS
Roberto Piva
70 páginas, Cr\$ 85,00

Sex fiction & Delírios de um poeta louquíssimo: pornosamba para o Marquês de Sade, Bar Cazzo d'Oro, Antino e Adriano e outros poemas. As ilustrações são de Maty Viart.

Escolha os que você quer ler e faça o seu pedido pelo reembolso postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. Caixa Postal 11031, CEP 20.000, Rio de Janeiro — RJ. Você só pagará quando receber o aviso do correio.

LAMPIÃO da Esquina Página 9

Fonte: Seção do *Lampião da Esquina* (ESTES..., 1979, p. 9).